

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Departamento de Ciências da Educação

PERCURSOS DE VIDA DE SUCESSO:
Concepções de jovens e de indivíduos bem-sucedidos da vila de
Rabo de Peixe

Ruben Moniz Correia

Dissertação apresentada à Universidade dos Açores para a obtenção do
grau de Mestre em Psicologia da Educação, na Especialidade de Contextos
Comunitários

Realizada sob a orientação científica da
Prof. Doutora Isabel Estrela Rego

Ponta Delgada
2012

RESUMO

Este estudo procura explorar situações de sucesso existentes em Rabo de Peixe, partindo das concepções de jovens e das suas referências de sucesso na comunidade. Tentou-se saber concretamente o que entendem por sucesso, quem pensam ser as pessoas da comunidade que o alcançaram, que factores consideram terem contribuído para esse sucesso e que importância dão ao destaque dessas situações de sucesso na vila. O estudo divide-se em duas fases, uma onde se seleccionou um grupo de 15 jovens participantes dos 18 aos 29 anos da vila, com sexos, faixas etárias e ocupações distintas e outra onde os participantes foram 13 indivíduos bem-sucedidos referenciados na primeira fase pelos jovens. Isto para se comparar as suas concepções de sucesso com as dos indivíduos bem-sucedidos e para se saber mais sobre os seus modelos e projectos de vida para o futuro. Assim, o estudo assumiu uma linha fenomenológica e qualitativa, sendo a análise de conteúdo a metodologia para o tratamento dos dados.

Os resultados sugerem que o sucesso é um constructo subjectivo que assume várias representações. Verificou-se que existem muitos indivíduos considerados como bem-sucedidos na comunidade (figuras da actualidade, maioritariamente homens). Alguns têm relações de parentesco com alguns dos participantes. Nas atribuições feitas ao sucesso, denota-se uma predominância dos factores internos como o esforço e a capacidade sobre os factores externos. As experiências de mestria e estados fisiológicos e psicológicos assumem-se como fontes de auto-eficácia que transmitem confiança no enfrentamento do futuro. O sentimento de comunidade é um factor interno que se mostrou muito referido devido ao sentimento de pertença, à satisfação de necessidades, à participação e à identificação com o local. A maturidade não foi um factor muito apontado pelos participantes e os interesses que motivam para o sucesso prendem-se maioritariamente com necessidades de auto-realização. Quanto aos factores externos, a sorte assume grande destaque, seguida das dificuldades, mas sempre em papéis secundários face ao esforço e capacidades. Os participantes mencionam as experiências vicariantes e as informações das persuasões sociais como factores que incentivam o desenvolvimento de habilidades e de sucesso. O apoio da família, da comunidade e as especificidades da vila também são grandes factores explicativos do sucesso neste estudo. Por fim, todos salientam a importância de se destacar o sucesso na vila, porque isto contribui para uma partilha comunitária de emoções positivas que suscitam o optimismo e confiança no futuro, para além de incitar as pessoas à obtenção de sucesso.

ABSTRACT

This study seeks to explore existing successful situations in Rabo de Peixe, based on conceptions of young people and their references of success in the community. We aimed to know specifically what they meant by success, who they taught that had achieved it, which factors that they considered that have contributed to this success and which importance do they give to the highlight of these successful situations in the village. The study is divided into two phases, one where we selected a group of 15 young participants from the village (18-29 years old), with gender, age groups and distinguished occupations and the other group is composed by 13 successful individuals that were proposed by the young ones in the first phase. We did this to compare their conceptions of success with the ones of the successful individuals and to know more about their role models and life projects for the future. Thus, the study followed a phenomenological and qualitative approach and data was content analyzed.

The results suggest that success is a subjective construct that assumes various meanings. It was found that there are many individuals considered as successful in the community (present figures, mostly men). Some have family ties with some of the participants. In the attributions for success, there has been a predominance of internal factors such as effort and ability over the external factors of success. The mastery experiences and the physiological and psychological states are assumed as sources of self-efficacy that transmits confidence to face the future. The sense of community is an internal factor that proved to be very referenced because of the feeling of belonging, satisfaction of the needs, participation and identification with the place. The maturity wasn't really a factor pointed out by participants and the interests that motivate to success are mainly linked to the self-realization needs. Regarding external factors, luck plays a major highlight, followed by the difficulties, but always in supporting roles over the effort and capabilities. Participants mention the vicarious experiences and the information of social persuasions as factors that encourage skill development and success. The family and community support and the specificities of the village are also major factors behind the success in this study. Finally, all of them mention the importance of highlighting the success in the village, because it contributes to a community sharing of positive emotions that raise optimism and confidence in the future, in addition to incite people to achieve success.

AGRADECIMENTOS

Considerando a importância que este estudo teve no meu percurso de vida, não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que contribuíram para o sucesso desta etapa.

Assim, em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais e a toda a minha restante família que me acompanhou ao longo de todo este processo, dando conselhos e apoiando-me sempre que fora necessário. Um obrigado muito especial!

À minha orientadora, Prof.^a Doutora Isabel Estrela Rego, que foi formidável, tendo sempre mostrado disponibilidade e interesse pelo desenvolvimento deste estudo, apresentando sempre os seus conselhos, dúvidas e sugestões para que fizesse um ótimo trabalho. Um muito obrigado por ter embarcado nesta jornada!

Às colegas Rita Silva, Vera Jorge e à Dr.^a Isabel Pascoal, que foram incansáveis para me ajudar. Um obrigado com grande estima pessoal!

A todos os colegas e aos professores que me acompanharam na frequência do Mestrado em Psicologia da Educação. Espero voltar a cruzar-me com todos no futuro. Foi ótimo partilhar experiências convosco!

A todos os participantes do estudo que foram bastante prestáveis. Sem a vossa colaboração, este estudo não teria sido possível. Um sentido obrigado!

A toda a comunidade de Rabo de Peixe que tem partilhado diariamente experiências comigo ao longo de todo o meu percurso de vida! Um forte obrigado!

Por último, mas não deixando de ser os primeiros, a todos os meus amigos, às maravilhosas pessoas que me acompanham diariamente, que sempre contribuíram para me alegrar o dia, seja qual fosse a circunstância. Vocês sabem quem são! O meu sucesso é também o vosso! Muito Obrigado!

SIGLAS E ABREVIATURAS

AJURPE – Associação Juvenil de Rabo de Peixe

CDIJ – Centro de Desenvolvimento e Inclusão Juvenil

E – Entrevistador

EB – Escola Básica

EFTA – *European Free Trade Association*

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

TBOS – Terapia Breve Orientada para as Soluções

ÍNDICE GERAL

Resumo.....	2
Abstract.....	3
Agradecimentos.....	4
Siglas e abreviaturas.....	5
Índice de quadros e figuras.....	8
INTRODUÇÃO.....	11
PARTE I – Enquadramento contextual.....	13
1. Caracterização da vila de Rabo de Peixe.....	13
1.1. Caracterização histórico-social da vila de Rabo de Peixe.....	13
1.2. Caracterização da população jovem de Rabo de Peixe e dos equipamentos escolares, sociais e recreativos para a juventude.....	15
PARTE II – Enquadramento teórico.....	20
1. Sucesso, atribuições causais e auto-eficácia.....	21
1.1. Concepções de sucesso.....	21
1.2. Atribuições causais.....	22
1.3. Auto-eficácia.....	25
2. Psicologia Comunitária, sentimento de comunidade e reconhecimento de sucesso.....	28
2.1. Psicologia Comunitária: valores e pressupostos teóricos.....	28
2.2. Sentimento de comunidade e a sua relação com o sucesso.....	32
2.3. A importância da identificação e reconhecimento de sucesso.....	35
PARTE III – Metodologia da investigação.....	38
1. Pressupostos, objectivos e questões da investigação.....	38
2. <i>Design</i> do estudo.....	40
3. A selecção dos participantes da investigação.....	42
4. Procedimento de recolha de dados.....	44
5. Procedimento de análise de dados.....	47
6. Identificação do sistema de dimensões e categorias.....	48

PARTE IV – Apresentação, análise e discussão de resultados.....	55
1. Caracterização do constructo.....	55
2. Referências de sucesso na comunidade.....	60
3. Motivos conducentes à percepção de sucesso.....	65
4. Factores internos.....	71
5. Factores externos.....	97
6. Importância do destaque do sucesso na comunidade.....	121
7. Considerações finais.....	124
CONCLUSÃO.....	127
1. Limitações do estudo.....	127
2. Potencialidades e implicações do estudo.....	127
3. Conclusões.....	128
Referências bibliográficas.....	132
Anexos.....	138
Anexo 1 – Guião de entrevista – 1ª fase do estudo.....	139
Anexo 2 – Guião de entrevista – 2ª fase do estudo.....	142
Anexo 3 – Tabela de especificações.....	145

ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 – Classificação das causas do sucesso e do insucesso escolar de acordo com as dimensões causais.....	24
Quadro 2 – Identificação sociodemográfica dos participantes da investigação na primeira fase do estudo (incluindo os participantes da fase de pré-teste).....	42
Quadro 3 - Identificação sociodemográfica dos participantes da investigação na segunda fase do estudo.....	42
Quadro 4 – Sistema de dimensões e categorias.....	49
Quadro 5 – Sistema de dimensões, categorias e subcategorias.....	50
Quadro 6 – Sistema de subcategorias.....	52
Quadro 7 – Unidades de registo da 1ª fase do estudo na categoria representações sociais de sucesso (1.1.).....	55
Quadro 8 – Unidades de registo da 2ª fase do estudo na categoria representações sociais de sucesso (1.1.).....	58
Quadro 9 – Referências de sucesso na comunidade de Rabo de Peixe obtidas na 1ª fase do estudo.....	61
Quadro 10 – Referências de sucesso na comunidade de Rabo de Peixe obtidas na 2ª fase do estudo.....	64
Quadro 11 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na categoria factores internos (3.1.).....	66
Quadro 12 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na categoria factores internos (3.1.).....	68
Quadro 13 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na categoria factores	

externos (3.2.).....	70
Quadro 14 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria satisfação de necessidades (4.3.2.).....	85
Quadro 15 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria satisfação de necessidades (4.3.2.).....	86
Quadro 16 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria participação e envolvimento (4.3.3.).....	87
Quadro 17 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria participação e envolvimento (4.3.3.).....	88
Quadro 18 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria identificação com o local e com a comunidade (4.3.4.).....	90
Quadro 19 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria identificação com o local e com a comunidade (4.3.4.).....	90
Quadro 20 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria maturidade (4.4.1.).....	92
Quadro 21 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria maturidade (4.4.1.).....	93
Quadro 22 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria interesse (4.4.2.).....	94
Quadro 23 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria interesse (4.4.2.).....	95
Quadro 24 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria destino: sorte/azar (5.1.1.).....	98
Quadro 25 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria destino:	

sorte/azar (5.1.1.).....	98
Quadro 26 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria dificuldade (5.1.2.).....	100
Quadro 27 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria dificuldade (5.1.2.).....	100
Quadro 28 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria relações interpessoais familiares (5.3.1.).....	108
Quadro 29 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria relações interpessoais familiares (5.3.1.).....	109
Quadro 30 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria relações interpessoais comunitárias (5.3.2.).....	110
Quadro 31 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria relações interpessoais familiares (5.3.2.).....	111
Quadro 32 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria ganhos associados ao destaque do sucesso (6.1.1.).....	122
Quadro 33 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria ganhos associados ao destaque do sucesso (6.1.1.).....	123
Figura 1 – Índice de fiabilidade.....	48

INTRODUÇÃO

A presente dissertação, alusiva à temática dos percursos de vida de sucesso foi concebida no âmbito do Mestrado em Psicologia da Educação – Especialidade de Contextos Comunitários, na Universidade dos Açores.

Rabo de Peixe é provavelmente uma das localidades mais estudadas na Região Autónoma dos Açores e muitos têm conhecimento de que este é um local frequentemente “estigmatizado” e que muitas vezes surge nos meios de comunicação social pelos aspectos menos positivos. Esta situação parece contribuir para que a população local se sinta alvo de estereótipos e preconceitos que podem constituir um dos motivos de discriminação e exclusão social.

Não obstante, Rabo de Peixe é muito mais que isso. É uma vila com uma população bastante jovem e dinâmica. É, também, uma terra bastante agradável e repleta de potencialidades, que tem atravessado um grande período de mudanças aos mais variados níveis.

Neste contexto, parece importante salientar aspectos positivos existentes nesta comunidade, contrariando as visões negativas que têm sido perpetuadas pelo senso comum. Assim, decidiu-se estudar as concepções dos jovens residentes em Rabo de Peixe e dos indivíduos que eles consideraram como bem-sucedidos acerca de percursos de vida de sucesso, pois pretende-se saber como é visto o que “brilha” na comunidade.

Aliás, não há nada mais “empowering” para uma colectividade do que saber identificar no seu próprio meio as suas virtudes e motivos de orgulho, através do reconhecimento de pessoas que se admiram e que podem servir de exemplos de modelos de admiração.

Logo, este estudo parte do pressuposto de que é mais fácil alcançar uma verdadeira mudança social através da auto-percepção comunitária de aspectos positivos na realidade que nos é mais próxima. Deste modo, a comunidade reaviva memórias e sentimentos positivos, tornando-se também mais optimista e esperançosa face ao futuro e motivada para o sucesso (Marujo e Neto, 2010).

Os propósitos centrais deste estudo são conhecer as concepções de alguns residentes de Rabo de Peixe acerca de percursos de vida de sucesso e identificar os factores presentes na constituição de percursos de vida bem-sucedidos na comunidade. Saliente-se ainda o facto de este estudo ter uma tónica qualitativa que não tem como principal intenção a representatividade, mas sim a exploração de um contexto que pode

fornecer conteúdos úteis que possibilitam a angariação de uma diversidade de posições que serão analisadas na tentativa de não só conhecer e problematizar melhor a temática do sucesso mas, especialmente, de perceber os significados que tem numa comunidade como a Rabo de Peixe.

Convém referir também que uma das especificidades deste estudo reside na lógica investigacional colaborativa que foi empregue nesta investigação, pois os jovens participantes foram os principais agentes interventivos, porque foram eles que determinaram quem eram os indivíduos de sucesso em Rabo de Peixe que deveriam ser alvo de estudo, definindo às suas medidas o rumo que viria a ser adoptado em todo o processo investigativo.

Assim, este estudo organiza-se em cinco partes. Na primeira parte, efectua-se um enquadramento contextual, onde se apresenta primeiro uma caracterização histórico-social a vila de Rabo de Peixe e, depois, uma caracterização da população jovem da mesma localidade e dos equipamentos escolares, sociais e recreativos para a juventude.

Na segunda parte, procede-se a um enquadramento teórico que engloba uma revisão da literatura sobre várias temáticas que se mostram relevantes para uma melhor compreensão da temática deste estudo. Assim, faz-se uma revisão sobre as concepções de sucesso existentes, passando de seguida por um estudo sobre as teorias relativas às atribuições causais para o sucesso, sobre a auto-eficácia e as suas fontes. Por fim, é dada a atenção à Psicologia Comunitária, aos seus valores e pressupostos teóricos, ao sentimento de comunidade e à sua relação com o sucesso e à importância do reconhecimento de sucesso.

Na terceira parte, apresenta-se a metodologia da investigação, que contempla os pressupostos, objectivos e questões da investigação, o *design* do estudo, a selecção dos participantes da investigação, os procedimentos de recolha e análise de dados e a identificação do sistema de dimensões e categorias.

Na quarta parte, apresentam-se, analisam-se e discutem-se os resultados obtidos, tendo em consideração os objectivos, questões e pressupostos do estudo, recorrendo à análise de conteúdo das entrevistas efectuadas aos participantes. Também se visou a obtenção de unidades de significação pertinentes para a aquisição de novos conhecimentos, sempre em articulação com a literatura existente.

Por fim, na conclusão, salientam-se as limitações e potencialidades do estudo, seguidas das conclusões finais que referem algumas implicações dos resultados obtidos para a população de Rabo de Peixe e para a comunidade científica.

PARTE I – Enquadramento contextual

1. Caracterização da vila de Rabo de Peixe

1.1. Caracterização histórico-social da vila de Rabo de Peixe

Situada na costa norte da ilha de São Miguel, no concelho de Ribeira Grande, a vila de Rabo de Peixe continua a ser, após os Censos de 2011, a freguesia mais populosa dos Açores, com 8883 habitantes, tendo crescido 19,9% na última década (Moniz, 2011). Por sua vez, é também o local onde os agregados familiares são maiores, com uma média de 4,18 pessoas por família (Moniz, 2011). Acker (1990, p. 152) menciona que é habitual “dizer-se que Rabo de Peixe é a povoação mais pobre de Portugal”, mas que também é uma terra de contrastes sociais: “Rabo de Peixe é uma povoação pobre e rica. A pobreza e a riqueza não são compatíveis, encontram-se antes uma ao lado da outra como metades diferentes da mesma sociedade” (Acker, 1990, p. 161).

A sua toponímia deriva, segundo Gaspar Fructuoso (1981, pp. 113-114), por ter sido encontrado

junto ao mar um peixe muito grande, sem se poder saber que peixe fosse, se era baleia ou de outro nome, e pelos mouros foi dependurado o rabo dele em um pau e dali a dias perguntando a um de donde vinha, respondeu que do rabo de peixe.

Correia (2007) refere que o povoamento desta vila se iniciou em meados do século XV, constituindo um ponto estratégico para a ilha por possuir o segundo maior porto de pescas de São Miguel, facto que contribuiu para a grande actividade piscícola a que se dedica a população. Para além disso, Rabo de Peixe tem expandido a sua actividade económica para outros sectores, como a agricultura, indústria e serviços.

Costa (2003, p. 103) por sua vez, menciona que a população inicial de Rabo de Peixe era “constituída por portugueses, castelhanos e mouros, cujas terras eram cedidas por el-Rei, com o fim de organizarem a vida neste povoado”. Segundo a mesma fonte (p. 108), “em 1526, Rabo de Peixe já era um dos locais mais importantes da ilha, devido, à sua situação geográfica e teluricamente privilegiada, onde se refugiava a população devido aos tremores de terra”.

Rabo de Peixe sempre foi uma terra populosa. Já Frei Diogo das Chagas (2007), nome incontornável da cultura e história açoriana, no seu “Espelho cristalino em jardim de várias flores” relatava haver em Rabo de Peixe, pelo ano de 1640, 303 fogos

habitacionais e 1010 almas, só ficando atrás dos grandes centros populacionais da época como Ponta Delgada, Vila Franca do Campo e Ribeira Grande.

O ensino oficial chegou à freguesia em 6 de Junho de 1832, por Decreto do Marquês de Palmela, ocasião onde foi criada a primeira escola oficial de Rabo de Peixe (Costa, 2003).

Costa (2003, p. 102) também relata que em “Agosto de 1890, principiou a carreira de “omnibus” entre a então Vila da Ribeira Grande e a cidade de Ponta Delgada, com passagem pela freguesia de Rabo de Peixe”.

Em 1931, a iluminação eléctrica chegava a Rabo de Peixe, quando a população ascendia às 4815 pessoas, segundo o censo de 1930. E em 16 de Novembro do mesmo ano montava-se o primeiro posto telefónico (Costa, 2003).

No lugar de Santana, situou-se a primeira aerogare de São Miguel, que serviu de aeródromo militar, sendo transformado depois da II Grande Guerra Mundial, em 1946 em aeródromo civil, deixando de funcionar em Agosto de 1969 (Costa, 2003).

No dia 25 de Abril de 2004, a freguesia de Rabo de Peixe foi elevada à categoria de vila. A este propósito, Manuel Arruda, na apresentação da Proposta de Resolução do Projecto de Decreto Legislativo Regional – “Elevação de Rabo de Peixe a Vila”, a 21 de Abril, na Assembleia Legislativa Regional dos Açores destacou que

com uma população de 7.400 habitantes – a terceira mais populosa dos Açores e maior do que 12 concelhos desta Região – Rabo de Peixe é, até hoje, uma freguesia com um dinamismo económico, social e cultural louvável, pese embora muitos problemas sociais que persistem (Costa, 2005, p. 36).

Neste mesmo documento, Arruda salientou que

a pesca é uma das actividades que mais mão-de-obra emprega na freguesia. O seu porto representa não só um grande volume de capturas, como de emprego, sendo o núcleo de pescadores, que aqui desempenha a sua actividade, um dos maiores de São Miguel. Salienta-se que o número de barcos de categoria intermédia, dos 6 aos 9 metros, representa cerca de 55% das embarcações de São Miguel. Outra actividade com grande peso na economia da freguesia é a agricultura, empregando uma importante fatia da população activa. Esta freguesia possui 245 explorações agrícolas representando 990 ha de superfície agrícola utilizável, revelando uma taxa de exploração superior à ilha de São Miguel (Costa, 2005, p. 36).

Em 2005, Rabo de Peixe, por apresentar uma série de indicadores socioeconómicos preocupantes, tais como elevadas taxas de analfabetismo e de mortalidade infantil, desemprego superior à média do arquipélago e habitações sem rede

pública de esgotos, recebe um dos maiores apoios sociais governamentais nunca antes visto por parte dos “Fundos EFTA” que “aprovaram o Projecto “Velhos Guetos, Novas Centralidades”, com um financiamento de 23 milhões de euros” (Salvador & Marques, 2008, p. 392). Este facto, em conjunto com a ascensão a vila ocorrida no ano anterior, veio a marcar definitivamente a urgência de medidas de desenvolvimento social que a população reclamava há muito.

Quanto a figuras históricas de sucesso ou de destaque na freguesia de Rabo de Peixe, Costa (2003) salienta nomes ligados à religião, escrita, artes, política e outros ofícios, como foram, por exemplo, Frei António do Presépio Moniz, D. Paulo José Tavares, Ruy Galvão de Carvalho, Manuel António de Vasconcelos, António Tavares Torres, José Amaral da Luz. Portanto, assim como houve percursos de vida bem-sucedidos no passado, também deverão existir actualmente casos bem-sucedidos que merecerão ser destacados no seio desta vila.

1.2. Caracterização da população jovem de Rabo de Peixe e dos equipamentos escolares, sociais e recreativos para a juventude.

Após os resultados preliminares dos Censos de 2011, foi possível constatar que o concelho da Ribeira Grande é o concelho mais jovem dos Açores, que apresenta a taxa mais baixa de envelhecimento da população em todo o país. Este facto também se poderá dever parcialmente à dinâmica demográfica da vila piscatória de Rabo de Peixe, que para além de ser a mais populosa do concelho e da região, com 8883 habitantes, também apresenta uma estrutura etária bastante jovem e um baixo índice de envelhecimento, um ponto forte para o desenvolvimento social e comunitário da localidade em termos populacionais (Salvador & Marques, 2008).

Saliente-se que Rabo de Peixe é uma terra de contrastes, entre homens da terra e homens do mar. Assim, a população jovem de Rabo de Peixe também consegue ser bastante heterogénea, especialmente no que se relaciona com os projectos de vida desejados para o futuro. Num estudo de Correia (2007), os jovens pertencentes ao grupo dos “lavradores” parecia mais predisposto a uma mudança social, pois manifestavam o desejo de prossecução de estudos, com o objectivo de seguirem profissões distintas das dos pais. Em oposição, as jovens do grupo dos “pescadores” tencionavam ser domésticas e os jovens ansiavam seguir a ocupação dos pais. A partir daqui, poder-se-á deduzir que talvez este estudo vá encontrar referências de sucesso muito distintas,

devido às diferenças que têm vindo a ser encontradas naquilo que os jovens preferem, valorizam e em que se projectam.

Rabo de Peixe também é um local onde se assiste a múltiplas ocorrências de abandono escolar juvenil. A este propósito, Aguilar (2003), referia como exemplo que as jovens abandonavam a escola cedo, pelos 14/15 anos, sem terem concluído a escolaridade mínima obrigatória, algo que seria motivado pela falta de interesse familiar pelas actividades lectivas e pela valorização do universo feminino ligado ao contexto doméstico. Outras jovens ainda largavam os estudos para cuidar dos irmãos mais novos, enquanto as mães se iniciavam no mercado de trabalho para ajudar nas despesas familiares. Outras, ainda, abandonavam a escola durante a juventude porque os pais não queriam que estas fossem alvo das “provocações” dos rapazes, ou porque os namorados valorizavam a constituição de uma família em idade mais precoce. O resultado destes padrões é que muitas jovens estão actualmente a reingressar na vida activa, quer a nível profissional, quer a nível escolar, por não o terem feito previamente como seria esperado.

Para além de muitos jovens constituírem família muito cedo, Silva (2009, p. 60) ao abordar o assunto das uniões matrimoniais em Rabo de Peixe, relata ainda que

A esta estrutura espacial corresponde uma estrutura social enraizada nas relações da população desta freguesia, ou seja, com base nos registos dos casamentos confirma-se uma aliança marital entre os indivíduos do mesmo local de residência. Tal facto permite relacionar, em geral, estes outros mundos de identificação social com uma semelhança socio profissional.

Portanto, muitos jovens nem chegam a conhecer outras realidades e contextos fora da vila de Rabo de Peixe. Nasceram, estudam, trabalham e casam na sua freguesia e frequentemente hesitam em sair do seu mundo para explorar outros cenários, como seria de esperar de jovens, em fase de adultez emergente, de outras localidades do planeta (Arnett, 2000).

Salvador e Marques (2008) referiram que a freguesia de Rabo de Peixe apresentava alguns problemas sociais como deficientes condições de habitabilidade, altas taxas de analfabetismo e desemprego, níveis de pobreza e de exclusão social in comportáveis para um território da União Europeia e problemas de alcoolismo, toxicod dependência e violência doméstica. Apesar de alguns jovens da vila poderem estar expostos a estes fenómenos, em Rabo de Peixe, já se pode contar actualmente com alguns mecanismos e equipamentos de mitigação e combate a estas problemáticas, quer

na área escolar, quer nas áreas social e recreativa, especialmente concebidos para a juventude.

A nível escolar, para além dos jovens poderem frequentar a Escola EB 2,3 Rui Galvão de Carvalho até ao 9º ano, podem também frequentar o ensino Profissional na Escola Profissional da Ribeira Grande, situada na freguesia, ou podem deslocar-se para prosseguir estudos noutras instituições de ensino da ilha.

A nível social, muitos dos jovens em risco de exclusão social por exibirem comportamentos desviantes são, por vezes, inseridos em Centros de Desenvolvimento e Inclusão Juvenis (CDIJ's). Rabo de Peixe possui um centro destes, valência da Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande, designado CDIJ “Porto Seguro”, que recebe muitos jovens que não estão incluídos no sistema de ensino formal, preparando-os e inserindo-os a nível socioprofissional. A Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande, para além desta valência, também possui uma valência de animação de rua, o “Espaço Extremo”, que se apresenta como um local de qualidade alternativo à permanência na rua de muitos jovens. Neste local, os jovens podem usufruir de um leque de actividades lúdico-pedagógicas, para além de poderem ser acompanhados a nível psicológico. Para os jovens com necessidades educativas especiais, a Santa Casa também possuía um Centro de Actividades Ocupacionais na freguesia, mas que actualmente está localizado na Ribeira Grande. Aqui se recebem agora, diariamente, vários jovens deficientes de Rabo de Peixe.

A acção social também passa por muitos jovens que possuem um acompanhamento sociofamiliar domiciliário prestado pelas equipas de intervenção do Instituto para o Desenvolvimento Social dos Açores, através do Núcleo Local de Inserção da Ribeira Grande.

Para auxiliar nas questões relacionadas com a violência, os jovens podem dirigir-se à Associação “Crescer em Confiança”, que se dedica ao apoio social, jurídico e psicológico no âmbito da violência doméstica, no namoro ou “stalking”. Esta associação também possui um projecto designado por “Kioske do Emprego” onde os jovens em idade activa podem preparar-se para a vida no mercado de trabalho e onde conhecem várias propostas de emprego existentes na região.

No âmbito do combate às dependências, a Associação “ARRISCA”¹ possui o projecto de prevenção primária “Xpressa-te” junto das escolas e uma equipa móvel que

¹ <http://www.arrisca.pt/>

presta tratamento aos toxicodependentes da zona. Essencialmente, esta é uma entidade que promove a reabilitação e integração sociocultural de pessoas em situação de risco social.

No que concerne ao planeamento familiar, educação parental e saúde sexual e reprodutiva, a Associação para o Planeamento da Família também intervém junto de pais adolescentes e jovens com alguns projectos e sessões de sensibilização.

Em 2010, foi inaugurado pelo Governo Regional dos Açores e pela Direcção Regional da Juventude o Gabinete de Assessoria ao Jovem. Trata-se de um espaço de apoio aos jovens que é gratuito, anónimo e confidencial, cujo objectivo consiste em informar, formar, apoiar, esclarecer, incentivar e orientar os jovens da comunidade local. É também um sítio de referência, onde as tecnologias da informação e comunicação, um mediador jovem e uma equipa técnica, em regime de rotatividade, auxiliam os jovens a encontrarem ajuda para a resolução dos seus problemas e encaminha-os na concretização dos seus projectos. No Gabinete são consideradas as seguintes áreas de intervenção: assuntos europeus e cooperação externa; cultura; educação; emprego/desemprego; trabalho; formação profissional; empreendedorismo; habitação; desporto; igualdade de oportunidades; comunidades; prevenção e combate às dependências; saúde e protecção civil.

Em termos de lazer e recreio, a vila de Rabo de Peixe possui muitos grupos e associações juvenis. Alguns jovens pertencem a grupos ligados à igreja cristã, como por exemplo, a “Legio Mariae”, que é responsável por reuniões semanais e actividades de caridade e beneficência. Outros incorporam o Grupo Coral da paróquia e alguns dão catequese.

Num campo de acção mais lato, alguns jovens incorporam a Associação Juvenil de Rabo de Peixe (AJURPE), que promove uma série de actividades e eventos de cariz cultural, educativo e desportivo, como sejam peças de teatro, provas desportivas, acções de sensibilização, exposições, entre outros. Outros jovens integram o Agrupamento de Escoteiros nº 126 de Rabo de Peixe, onde se praticam várias actividades lúdicas ligadas à união intergrupala, ao serviço comunitário, à formação pessoal, à natureza, à autonomia e independência e à capacidade de resiliência face aos obstáculos do quotidiano.

No panorama desportivo, Rabo de Peixe também possui um Centro Hípico em Santana e um clube desportivo de futebol (Clube Desportivo de Rabo de Peixe), que é responsável pela adesão de um grande número de jovens a esta modalidade. A vila possui também um Clube Naval, onde os jovens podem praticar uma série de

modalidades aquáticas e náuticas, como o “bodyboard”, a canoagem, a natação, a hidroginástica, o mergulho e caça submarina e a vela, entre outras. Algumas destas actividades, como a natação e hidroginástica são praticadas na piscina do complexo polidesportivo que se situa junto à escola básica. Nesse complexo também se podem praticar muitas outras modalidades desportivas.

As actividades musicais e a dança também assumem um papel preponderante na atenção dos jovens raboexenses. Existe em Rabo de Peixe uma escola de música e uma orquestra de Jazz, “Oi.Jazz”, composta por vários jovens da vila. Mais se acrescenta que alguns jovens também integram as duas bandas filarmónicas da freguesia, a Banda Lira do Norte e a Banda Progresso do Norte, enquanto outros também frequentam o Grupo de Folclore da Casa do Povo de Rabo de Peixe “A Gaivota”, e pertencem a grupos informais de cantares e de castanholas.

Uma das obras lançadas no âmbito do Projecto EFTA foi o Centro Comunitário e de Juventude de Rabo de Peixe. Neste espaço, os jovens também encontram um Espaço TIC onde podem contactar com os computadores e com as novas tecnologias de informação. A Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande também possui uma Ludoteca situada nas instalações do Cine Teatro Mira Mar.

Finalmente, no ramo da divulgação científica, os jovens raboexenses podem contar com espaços como o Observatório Astronómico de Santana, onde são realizadas observações solares e nocturnas do céu, palestras, visionamento de filmes e documentários, entre outras actividades lúdico-pedagógicas. No recinto da Feira Agrícola de Santana, também se localiza outra das valências da Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande, que é o Centro de Educação Ambiental. Aí os jovens podem ver uma série de aquários com peixes e tartarugas e ainda podem participar em actividades e jogos ligados à reciclagem e à preservação do ambiente.

PARTE II – Enquadramento teórico

Esta parte do presente estudo contempla aspectos que contribuem para uma melhor compreensão da temática do reconhecimento de sucesso. O conceito de sucesso é algo muito abrangente e que assume um elevado grau de subjectividade. Assim, interessa saber quais as diversas concepções existentes em torno deste conceito. De seguida, direccionar-se-á a atenção para as atribuições causais e para a auto-eficácia. Visto que as componentes das teorias pessoais de sucesso são explicadas à luz da teoria atribucional de Weiner e de outras abordagens complementares (Fontaine e Faria, 1989), torna-se importante referir um pouco da teoria das atribuições causais para uma melhor compreensão do que são atribuições e das suas implicações no reconhecimento de sucesso. Relativamente à auto-eficácia, dado que Bandura (1986) também defendeu que as crenças dos indivíduos acerca das suas capacidades e esforço determinam os seus comportamentos e acções, influenciando o sucesso, convém igualmente referenciar o que está por base destas crenças (ou seja, a auto-eficácia), pois assim se poderá compreender melhor as crenças de auto-eficácia, caracterizar as suas fontes e os seus modos de acesso e análise.

Finalmente, apresentar-se-ão questões relacionadas com a Psicologia Comunitária, os seus valores e pressupostos teóricos, com o sentimento de comunidade e com a importância do reconhecimento de destaque de sucesso. Assim, como se verifica que o sucesso também pode ser influenciado pelas características comunitárias, especialmente ao nível do sentimento psicológico de comunidade, torna-se necessário mencionar aspectos relativos a este sentimento, a uma das disciplinas que mais se tem dedicado ao seu estudo, a Psicologia Comunitária e à importância do destaque e reconhecimento de sucesso. Saliente-se ainda que embora as características desenvolvimentistas também assumam um grande peso na explicação do sucesso e não tenham sido referenciadas neste enquadramento teórico, estas são tratadas posteriormente na fase de apresentação, análise e discussão de resultados.

1. Sucesso, atribuições causais e auto-eficácia

1.1. Concepções de sucesso

As concepções de sucesso podem ser compreendidas à luz da teoria atribucional de Weiner e do corpo de conhecimentos relativo a outras temáticas complementares, como as concepções de auto-eficácia e outros aspectos desenvolvimentistas e sociais.

Para Fontaine & Faria (1989, p.1),

as teorias pessoais de sucesso desenvolvem-se em relação às teorias sociais do sucesso, sem se esgotarem nestas, e são constituídas por dimensões cognitivas e afectivas. Resultam da permanente integração pessoal, ao longo do ciclo vital, das experiências, representações, normas, valores e estratégias de acção do sujeito no domínio da realização.

Sampaio (2006, p. 15) refere que “sucesso, vem do verbo “suceder”, que significa simplesmente, a ocorrência de um acontecimento decorrente de um trabalho; aquilo que atinge um objectivo, uma meta (quantidade, qualidade, tempo e lugar) de determinada produção de bens/serviços/mercadorias”.

Por sua vez, Olga Pombo (*cit in*. Guimarães, 2002, p. 31) define sucesso como “a capacidade de auto-superação, a capacidade de cada um “dar o seu melhor sem competir””. Contudo, há quem defenda uma posição contrária, isto é, que o sucesso deve exigir competição e o insucesso de outros. Vejamos a ideia manifestada por Buss (2000) de que o ganho de uma pessoa é frequentemente a perda de outra. Muitas vezes, há a necessidade de rebaixar os outros para se sentir uma “felicidade adicional” na vivência do sucesso.

Em termos mais práticos Rego (2000, p. 336) menciona que o indivíduo que procura sucesso, procura alcançá-lo “perante uma norma de excelência pessoal”; “aspira alcançar metas elevadas mas realistas”; “responde positivamente à competição”; “toma iniciativa”; “prefere tarefas de cujos resultados possa ser pessoalmente responsável”; “assume riscos moderados”; “relaciona-se preferencialmente com peritos”. Logo, o sucesso parece encontrar-se intimamente ligado às temáticas da motivação e da realização pessoal.

Podemos, assim, constatar que a definição ou concepção de sucesso é algo multidimensional que pode ser perspectivado nos mais variados contextos de vida. Por exemplo, Souza, Trindade, Coutinho e Menandro (2007, p. 9) efectuaram um estudo sobre sentidos atribuídos ao sucesso pessoal e profissional, cujos resultados se

desdobraram em duas vias distintas: a via do sucesso financeiro e a via do sucesso emocional e pessoal. Na primeira via, verificaram-se expressões como “Ser alguém é estar inserido no trabalho formal (que deve vir depois do estudo, senão atrapalha)”, “Ser alguém é não estar desempregado” e “Ser alguém é ser independente”. Por seu turno, na via do sucesso emocional e social, constaram passagens como “Ser alguém é se interessar pelo que se passa no mundo”, “Ser alguém é fazer o que se gosta como profissão” e “Ser alguém é exercer uma profissão de grande valor social”.

A noção de sucesso também surge na literatura, frequentemente associada à auto-estima. Num estudo recente efectuado por Erol e Orth (2011) sobre a evolução da auto-estima ao longo da juventude e adultez emergente, os resultados sugeriram que elevados níveis de auto-estima parecem estar correlacionados com as experiências de mestria ou de sucesso.

Para além do conceito de auto-estima, a noção de beleza também parece ter um papel importante na explicação do sucesso. Já vimos que este último se manifesta através da capacidade de auto-superação e de alcance de excelência pessoal, logo, podemos deduzir que um indivíduo bem-sucedido é alguém que atingiu o que desejava na vida. Marujo e Neto (2011, p. 95) defendem que “se pensarmos na beleza física como uma porta que ajuda a atingir o que se deseja na vida (persuadir, influenciar, conseguir entrevistas de emprego, encontros amorosos...) a beleza pode ser um bom passaporte”, isto é, pessoas mais bonitas tendem a alcançar mais facilmente o que desejam, conseqüentemente sendo melhor sucedidas.

Afinal, parece não existir um consenso acerca de uma definição única de sucesso. É um conceito de ordem subjectiva que pode ser operacionalizado de diferentes modos, em função dos mais variados domínios (Fontaine & Faria, 1989). Assim, falar em sucesso académico, não é o mesmo que falar em sucesso profissional, por exemplo. Porém, para se alcançar uma melhor compreensão do que é o sucesso, existe sempre um conjunto de factores que não podem ser dissociados da sua conceptualização, como é o caso das atribuições causais, das crenças de auto-eficácia e do peso das características desenvolvimentistas, sociais e comunitárias.

1.2. Atribuições causais

As atribuições auxiliam-nos na antevisão e controlo das nossas experiências, comportamentos sociais e expectativas de futuro. São inferências que têm como intuito

explicar as causas de determinado acontecimento ou simplesmente as disposições de um indivíduo. A esse respeito, Neto (1998, p. 266) refere que

a questão do porquê que nos colocamos tanto pode ser sobre os nossos próprios comportamentos como sobre os dos outros. A explicação que se avança torna-se então a causa percebida de um acontecimento ou de um comportamento correspondendo a uma atribuição. Convém realçar que uma atribuição representa uma causa percebida que pode não estar certa.

As atribuições podem ser agrupadas em três tipos diferentes: causais, disposicionais e de responsabilidade. No âmbito desta investigação, contudo, dar-se-á mais atenção às atribuições do primeiro tipo, as causais. Estas, para além de determinarem as possíveis causas de um acontecimento, também são utilizadas para explicar o sucesso ou o fracasso (Weiner, *in* Neto, 1998). Logo, também assumem um grande papel na construção de crenças de sucesso. Até porque as componentes das teorias pessoais do sucesso, ou seja, os mecanismos especulativos pessoais a que os indivíduos recorrem para compreender, explicar e prever a ocorrência de sucesso ou fracasso, são identificadas a partir da teoria atribucional de Weiner e dos paradigmas a ela associados.

O pressuposto fundamental da teoria está no facto dos “sujeitos procurarem compreender e descobrir a razão pela qual um determinado acontecimento ocorreu” (Heider; Kelley; Weiner *in* Fontaine & Faria, 1989). A partir daqui, a forma de como se está motivado para o sucesso depende do *locus* de controlo do indivíduo, ou seja se o seu sucesso depende de forças internas (“self” – capacidade e esforço) ou externas (ambientais – dificuldade da tarefa e sorte) entre outros factores como os que foram encontrados por Beck (2001).

Como explica Neto (1998, p.277):

Weiner pressupõe que uma das dimensões dos nossos julgamentos é uma comparação entre causas de disposição e de situação, que refere como sendo a dimensão interna/externa. Além disso, Weiner acrescenta uma segunda dimensão intitulada estável/instável (...) a causa pode ser percebida como perdurando no tempo (estável) ou não (instável) (...) Numa outra versão da teoria, Weiner (...) acrescentou uma terceira dimensão controlável-incontrolável que se refere à capacidade percebida pelo sujeito para actuar sobre a causa de um sucesso modificando-a ou não.

Assim, Weiner (1979) apresenta um sistema de classificação de causas de sucesso e de insucesso escolar de acordo com as dimensões causais, como se pode verificar no seguinte quadro.

Quadro 1 – Classificação das causas do sucesso e do insucesso escolar de acordo com as dimensões causais

	Internas		Externas	
	Estáveis	Instáveis	Estáveis	Instáveis
Incontroláveis	Capacidade	Humor	Dificuldade da tarefa	Sorte
Controláveis	Esforço imediato	Esforço do professor	Viés do invulgar	Ajuda habitual dos outros

Santos (2010, p. 37), todavia, refere que “em 1974, Weiner verificou que as causas percebidas de sucesso e fracasso se deviam principalmente a quatro elementos resultantes de um acontecimento: a capacidade, o esforço, a dificuldade da tarefa e a sorte”. Isto porque, parece haver um padrão onde “o sucesso é explicado por causas internas (capacidade e esforço), enquanto o fracasso está mais fortemente associado a causas externas (sorte e dificuldade da tarefa)” (Neto, 1998, p. 296).

As conclusões do estudo de Santos (2010) sobre concepções de sucesso de estudantes do Ensino Profissional apontam que as atribuições externas não são muito privilegiadas pelos sujeitos na explicação do seu sucesso e denotam ainda que o esforço dispendido é o aspecto que é mais referido como responsável pelo sucesso, em detrimento da capacidade, dificuldade da tarefa e da sorte. Bar-Tal e Frieze (1977) referem também que os indivíduos preferem atribuir os seus sucessos a factores internos como a capacidade e o esforço, em detrimento dos externos como a sorte e a facilidade da tarefa.

Mais se acrescenta que as investigações de Frieze, Bar-Tal e Daron, Cooper e Burger e Maluf e Marques sobre a identificação de causas de sucesso também encontraram muitos outros factores, tais como a preparação no lar, auto-percepção, maturidade, instrução, família, interesse, motivação, condições emocionais e físicas, influência social, entre outras encontradas por Beck (2001). Santos (2010) refere-se à maturidade e interesse como atribuições internas que se assumem como características desenvolvimentistas dos indivíduos e destaca-as como forças explicativas de sucesso. As suas conclusões sugerem que os jovens ao se sentirem mais maduros e com mais interesse pelos conteúdos das suas tarefas empenhavam-se mais e isso fazia com que obtivessem mais sucesso.

Outro facto importante é que as atribuições causais relacionadas com o sucesso e o fracasso suscitam várias emoções características associadas. Por exemplo, o sucesso

atribuído à capacidade provoca emoções de felicidade, competência, confiança e orgulho, o sucesso atribuído ao esforço provoca as mesmas emoções e a satisfação, o sucesso atribuído à sorte ou destino induz a vivência de surpresa e culpa, o sucesso atribuído à ajuda dos outros causa gratidão. Por outro lado, se houver fracasso, em vez de sucesso, e se este for atribuído à falta de habilidade, surge a emoção de incompetência, se for atribuído à falta de esforço, culpa e vergonha, se ao azar ou destino, surpresa e finalmente se for atribuído à interferência de outros, surge a hostilidade (Bar-Tal & Frieze, 1977; Weiner, 1979; Weiner, 2000; Beck, 2001). Todas estas emoções também variam conforme os sujeitos.

Logo, daqui se depreende que um indivíduo que possua um estilo atribucional otimista contrasta com o depressivo, pois este costuma explicar os acontecimentos negativos ou de insucesso por meio de causas externas, instáveis e específicas. Mas quando se trata de situações de sucesso, aí o cenário inverte-se e tendem explicar efectuando atribuições internas, estáveis e globais (Neto, 1998).

Finalmente, segundo Beck (2001), para Weiner, o conhecimento das causas de sucesso e das suas emoções associadas influencia bastante a auto-estima e o auto-conceito de cada indivíduo. Para além disso, também existem muitas outras causas que podem ser determinantes de sucesso ou fracasso e que conferem um carácter multidimensional e complexo às concepções e crenças de sucesso.

1.3. Auto-eficácia

Bandura (1986), refere que as crenças de auto-eficácia não são meras estimativas dos comportamentos que irão ocorrer no futuro. As crenças das pessoas acerca das suas capacidade operacionais funcionam como um conjunto de determinantes que têm influência nos seus comportamentos e reacções físicas e/ou emocionais em situações experimentais de teste. Estas simplesmente determinam todo o funcionamento psicossocial dos indivíduos.

Por sua vez, Santos (2010, p. 47) transmite que

as crenças de auto-eficácia (...) ajudam a determinar as escolhas que as pessoas fazem, o esforço dispendido, a persistência e a perseverança que colocam face a dificuldades e o grau de ansiedade ou serenidade que experienciam, bem como a forma como se envolvem nas tarefas que aventuram a sua vida.

Nesse sentido, as crenças de auto-eficácia, ao serem concepções críticas do “self”, vão influenciar positiva ou negativamente as capacidades de cada um para atingir

sucesso através da própria *performance*. Se um indivíduo acreditar que é eficaz em qualquer tarefa, mais probabilidades terá de ser bem-sucedido.

Quaresma (2010), no seu estudo sobre a excelência académica de estudantes na ilha de São Miguel, refere que o grau de investimento dos participantes nos seus estudos e tarefas é algo que vai sendo ajustado em função em função das necessidades e exigências provenientes da avaliação que o sujeito faz das situações, tendo em conta a sua auto-eficácia, características pessoais e contextuais. Ou seja, as crenças de auto-eficácia e as características pessoais e contextuais de cada um accionam a determinação do investimento e esforço que vai ser aplicado em cada uma das tarefas que são colocadas aos indivíduos, conseqüentemente determinando também o sucesso obtido.

Bandura (1986; 1997) defende que as crenças de auto-eficácia são construídas através das interpretações efectuadas a partir de informações provenientes de quatro fontes: as experiências de mestria, as experiências vicariantes, as persuasões sociais e os estados psicológicos e físicos.

Segundo Bandura (1997), as experiências de mestria são as fontes de auto-eficácia mais influentes porque fornecem mais informação e mais provas concretas do sucesso ou do fracasso que cada um poderá ter no futuro, tendo em consideração todo o historial individual do passado. Pajares (2005) também aponta que as experiências de mestria são as fontes de auto-eficácia mais influentes e que servem para desenvolver competências com base em verdadeiras experiências de sucesso. No que toca às experiências de mestria, baseadas em experiências vividas com êxito, as avaliações de auto-eficácia serão positivamente optimizadas pelo sucesso e negativamente pelo fracasso. Assim, assiste-se neste caso a uma interpretação dos resultados das próprias conquistas. Um método de se aceder a estas experiências é a solicitação da classificação dos desempenhos actuais e passados (Santos, 2010). Num contexto académico, Quaresma (2010) refere que é possível identificar um conjunto de experiências de vida apontadas por estudantes considerados excelentes, tais como competências nos estudos, e destaque em concursos e programas públicos. Daqui se pode concluir que aparentemente as experiências de mestria foram importantes para o sucesso actual dos participantes deste estudo. Santos (2010), também refere que os estudantes do Ensino Profissional evidenciaram as experiências de mestria e o êxito como factores que incrementaram a sua auto-eficácia e que os incentivaram a obter melhores resultados académicos. Mais uma vez as experiências de mestria parecem ser indicadoras da aquisição de sucesso.

Quanto às experiências vicariantes, estas manifestam-se na aquisição de auto-eficácia, partindo da observação de outros (Zimmerman, *in* Santos, 2010). Proporcionam também um modo alternativo de interpretar os resultados das próprias acções e de construir crenças de auto-eficácia, através da medição de capacidades em relação aos outros ou da auto-comparação. Bandura (1997) defende que a auto-eficácia é influenciada parcialmente pelas experiências vicariantes mediadas pela comparação social face a modelos de referência. Para se ter acesso a este tipo de experiências interpela-se os indivíduos “no sentido de estes classificarem o grau de exposição a modelos (...) que demonstram competência” (Santos, 2010, p. 51).

As persuasões ou pressões sociais privilegiam igualmente a formação de crenças de auto-eficácia, através do aumento de confiança que atitudes de encorajamento podem trazer. Bandura (1997) menciona que as persuasões sociais servem para fortalecer as crenças de auto-eficácia dos indivíduos e incitá-los à concretização daquilo que procuram e desejam. Quando os entes significativos de um indivíduo o fazem acreditar que ele consegue ser bem-sucedido, é mais fácil que essa hipótese realmente aconteça. Não é por acaso que vulgarmente se costuma dizer que é necessário ter um diálogo positivo com os outros e que também é importante possuir pensamentos optimistas para que todas as circunstâncias da vida humana decorram do melhor modo possível. A melhor forma de se saber como são integradas as informações vindas de outrem é a solicitação da qualificação das mensagens de encorajamento que recebem de pessoas significativas, como pais, irmãos, amigos, entre outros (Santos, 2010).

A propósito do efeito das persuasões sociais, Quaresma (2010) ao estudar a excelência académica de estudantes em São Miguel conclui que a família, especialmente as mães, funciona como fonte de incentivo e de apoio nas tomadas de decisão em momentos fundamentais dos percursos de vida dos participantes. No mesmo estudo, verifica-se que os professores também possuem um importante papel na motivação e no *feedback* que dão aos alunos como forma de reconhecimento do desempenho. Para Santos (2010, p.105) a percepção de eficácia e de confiança, fomentada pelas experiências vicariantes e persuasões sociais parece ter influenciado o sucesso dos participantes do seu estudo, porque as apreciações positivas pareceram provocar “satisfação e vontade de fazer melhor, com o intuito de não defraudar expectativas nem confiança neles depositadas”.

Por fim, os estados psicológicos e físicos como a ansiedade, stress, fadiga e humor, entre outros, também possuem uma posição de destaque na formação de crenças

de auto-eficácia, a partir das percepções de reacções físicas e psicológicas, que podem ser interpretados como sinais de capacidade ou incapacidade para se ter sucesso (Santos, 2010). Bandura (1997) conta que, especialmente em situações de êxito e de resiliência com factores de stress, ao julgar as capacidades para algo, as pessoas sustentam-se em informações provenientes de estados psicológicos e físicos. Quando as pessoas se encontram mais ansiosas, as suas performances ficam mais enfraquecidas. Por seu turno, quando a ansiedade e os pensamentos excessivos são eliminados e substituídos pela descontração e calma, as *performances* têm mais probabilidades de serem bem-sucedidas (Bandura, 1986; Pajares, 2005). Uma das formas para se obter informações relativas a estes estados é o questionamento acerca de sentimentos e comportamentos associados a situações de sucesso.

2. Psicologia Comunitária, sentimento de comunidade e reconhecimento de sucesso

2.1. Psicologia Comunitária: valores e pressupostos teóricos

A Psicologia Comunitária pode ser um recurso útil para este debate através de um dos seus valores fundamentais, o sentimento de comunidade, que pode ser promotor do sucesso, através das sensações de pertença e de segurança que fornecem um importante suporte emocional aos indivíduos. Neste âmbito, importa saber quais as metodologias privilegiadas por esta disciplina e que foram utilizadas no presente estudo e os seus pressupostos teóricos e valores que orientaram esta investigação.

A Psicologia Comunitária surge em meados da década de 60 do Século XX. Com o surgimento da Psicologia Comunitária sobreveio uma série de rupturas epistemológicas. O intuito da intervenção de âmbito comunitário passou a centrar-se na preocupação com as mudanças sociais no seio das populações.

Segundo Ornelas (1997, p. 376),

o termo Psicologia Comunitária surge em 1965, no âmbito da Conferência de Swampscott – Boston, que incidiu sobre o papel dos psicólogos no Movimento da Saúde Mental Comunitária. Nesta conferência foram definidas três grandes prioridades: (1) Intervir a nível da Prevenção Primária; (2) intervir a nível da comunidade e (3) intervir numa perspectiva de mudança.

E aí surge a tão falada mudança de paradigma, onde os psicólogos reinventaram o seu papel. O principal objectivo das suas intervenções direccionou-se para o estudo,

compreensão, conceptualização e intervenção rigorosa nos processos que visavam a melhoria dos estados psicológicos de todos os indivíduos que constituem uma comunidade.

Logo, a partir daí passam a ser valorizadas as concepções teóricas que utilizam unidades de análise mais amplas, que fogem ao nível individual, como é o caso da ecologia. A Psicologia Comunitária enfatiza uma visão ecológica caracterizada pelo ajustamento entre os indivíduos e o seu meio ambiente, focalizando-se na relação entre os membros de uma comunidade que possuem um sistema ou estrutura elaborada de relações formais e informais (Ornelas, 1997). Portanto, a intervenção começa a centralizar-se na comunidade, ao nível dos seus sistemas, abandonando a focalização no indivíduo, que por si só não é suficiente. Surge a intervenção comunitária, uma intervenção social em oposição à intervenção a nível individual, facto que mais uma vez demonstra a notória mudança de paradigma. Há até quem diga que se acrescenta uma dimensão política à intervenção, na medida em que se procura a criação de recursos para resolução de problemas específicos, modificando-se toda a estrutura social. Por outros termos, modifica-se o sistema!

Por último, destaque-se a filosofia que rege a Psicologia Comunitária. Esta é norteada por valores que assumem particular relevância na definição de problemas, determinam os temas de interesse e orientam as escolhas de objectivos e metodologias dos programas de intervenção e trabalhos de investigação (Ornelas, 2008).

Dalton, Elias e Wandersman (*in* Ornelas, 2008) reconheceram os seguintes valores como fundamentais para a Psicologia Comunitária: bem-estar individual, sentimento de comunidade, justiça social, participação cívica, colaboração e fortalecimento comunitário, respeito pela diversidade e fundamentação empírica.

Segundo Ornelas (2008), o bem-estar individual refere-se à saúde física e psicológica, às competências socio-emocionais para manter a saúde e o bem-estar, ao desenvolvimento da identidade e à concretização de objectivos de vida. Ao relacionar o bem-estar individual com o contexto social e político mais abrangente, a Psicologia Comunitária centra-se na prevenção e promoção da saúde, na identificação de potencialidades, no fortalecimento das competências, talentos e capacidades e na melhoria das condições de vida e do suporte social nos mais variados contextos comunitários.

Novamente, conforme Ornelas (2008), sentimento de comunidade correlaciona-se com a percepção de pertença e de compromisso mútuo que liga os indivíduos numa

colectividade. É um sentimento que combate e previne o isolamento, a solidão e a alienação dos indivíduos no seio das suas comunidades. Este valor é aplicado pelos psicólogos no incremento dos laços de suporte entre os cidadãos e a sua ligação aos contextos de vizinhança com o intuito de reduzir o isolamento e a alienação.

No que concerne à justiça social, procura-se a justa e equitativa distribuição dos recursos, oportunidades, participação e poder na sociedade (Dalton, Elias e Wandersman *in* Ornelas, 2008). Este valor é empregue na investigação dos factores sociais e económicos que interferem no bem-estar, ao denunciar injustiças, concedendo voz aos mais prejudicados. Além disso, este valor está patente nos processos que facilitam o acesso dos cidadãos aos recursos disponíveis e no trabalho de equipa para o surgimento de novos recursos. São defendidas políticas que promovam a igualdade de direitos, oportunidades e participação dos indivíduos na sociedade (Ornelas, 2008).

Quanto ao valor da participação cívica, este relaciona-se com os “processos cooperativos de tomada de decisão que permitam um envolvimento significativo dos membros da comunidade” (Dalton, Elias e Wandersman *in* Ornelas, 2008, p. 41), com o intuito de identificar problemas, criar respostas às necessidades e tomar decisões para o futuro. A Psicologia Comunitária associa este valor ao *empowerment* das populações no surgimento de contextos sociais que incitam a participação, a cooperação e a organização de estratégias que influenciem mais significativamente o sistema social em vigor nas comunidades.

Colaboração e fortalecimento comunitário referem-se a uma redefinição do papel dos profissionais na intervenção em contextos comunitários (Ornelas, 2008). Há que assumir uma postura facilitadora, colaboradora e proactiva para se ser um agente de mudança que inspire confiança e companheirismo. Para além disso, é fulcral desenvolver um sentido crítico de justiça e paixão nos compromissos e colaborações com os parceiros das comunidades. Só assim será possível uma aprendizagem mútua que incrementará as competências de todos. Estes valores estão presentes em todas as etapas das relações colaborativas que promovem o *empowerment* e o fortalecimento comunitário, na medida em que desenvolvem uma consciencialização e resolução dos problemas, um aumento de competências e conhecimentos que conferem um papel mais democrático às comunidades (Ornelas, 2008).

Revisitando Dalton, Elias e Wandersman (*in* Ornelas, 2008), o valor do respeito pela diversidade refere-se ao reconhecimento e valorização que a Psicologia Comunitária confere à variedade de comunidades, com base no género, etnia, orientação

sexual, capacidade ou incapacidade, estatuto socioeconómico, idade, entre outros factores. Este valor destaca-se no reconhecimento de competências, recursos e potencialidades de todas as culturas e populações para a posterior integração desta diversidade na busca de soluções para os eventuais problemas que surjam. Além disso, é um valor que incentiva o desenvolvimento de contextos sociais que promovem a compreensão das diferenças entre indivíduos e culturas com a finalidade de desenvolver recursos e normas sociais que permitam o diálogo, a comunicação e a valorização da diversidade.

Por fim, o valor da fundamentação empírica refere-se à utilidade da investigação no conhecimento dos efeitos do ambiente na saúde e bem-estar, no desenvolvimento da teoria, na avaliação de programas, na análise de políticas, na identificação e compreensão dos factores facilitadores e dos obstáculos à mudança e na resposta eficaz às questões e problemas comunitários (Ornelas, 2008).

A Psicologia Comunitária valoriza a integração da investigação na acção, ao associar a criação de novos conhecimentos à intenção de criar condições para a mudança social. Nestes contextos, os indivíduos são participantes e colaboradores em todo o processo de investigação e desenvolvimento de conhecimento, suscitando uma epistemologia contextualista que estimula a colaboração entre investigador e membros das comunidades na compreensão de fenómenos de interesse comum (Ornelas, 2008). Ou seja, para se compreender os fenómenos sociais são utilizados na investigação comunitária metodologias qualitativas, mais especificamente métodos colaborativos, onde todas as decisões são tomadas em conjunto, em regime de colaboração. A partir daqui, mudando-se o contexto, cultura e regras é possível mudar as pessoas e efectivamente haver mudanças sociais.

Tal como a Psicologia Comunitária, a investigação comunitária também é orientada por valores e princípios, tais como a promoção do *empowerment* e justiça social, o respeito pela diversidade e pelo contexto e a valorização das capacidades e da participação dos cidadãos.

Estes valores estão presentes em todas as etapas das relações colaborativas que promovem o *empowerment* e o fortalecimento comunitário, na medida em que desenvolvem uma consciencialização e resolução dos problemas, um aumento de competências e conhecimentos que conferem um papel mais democrático às comunidades.

De acordo com Orford (2008) a Psicologia Comunitária situa as pessoas nos seus contextos sociais, assim sendo o *power*, o *empowerment* e o *disempowerment* são conceitos fulcrais nesta área, que envolve o trabalho cooperativo com os outros, especialmente com os que são marginalizados e inferiorizados.

Rappaport (*cit in* Ornelas, 2008, p. 47) refere que a perspectiva de *empowerment*, num contexto comunitário baseia-se “em identificar, facilitar ou criar contextos em que as pessoas isoladas ou silenciadas possam ser compreendidas, ter uma voz e influência sobre as decisões que lhes dizem directamente respeito ou que, de algum modo, afectam as suas vidas”.

O *empowerment* comporta três níveis, o individual (integra percepções de capacidade para exercer controlo sobre a própria vida, uma consciência crítica sobre o seu ambiente e uma postura participativa na vida comunitária), o organizacional (remete para as estruturas e os processos que suportam e capacitam para a participação e a mudança na comunidade) e por último a nível comunitário (refere-se à acção colectiva, tanto de grupos e de indivíduos, como de redes de organizações e associações, para promover a qualidade de vida) (Ornelas, 2008).

Assim, deste modo, segundo Vidal (2007), a introdução do *empowerment* vem “equilibrar” o predomínio teórico da comunidade como assunto de interesse da Psicologia Comunitária.

2.2. Sentimento de comunidade e a sua relação com o sucesso

Sarason foi um dos primeiros a introduzir o conceito de sentimento psicológico de comunidade em 1974 na sua obra “*The psychological sense of community: prospects for a community psychology*”. Segundo Ornelas (2008), o sentimento de comunidade correlaciona-se com a percepção de pertença e de compromisso mútuo que liga os indivíduos numa colectividade. É um sentimento que combate e previne o isolamento, a solidão e a alienação dos indivíduos no seio das suas comunidades.

Elvas e Moniz (2010, p. 452) afirmam que o sentimento de comunidade “é um conceito sócio-psicológico que dá ênfase à experiência da comunidade, ou seja, percebe e compreende atitudes e sentimentos de uma comunidade, bem como, o relacionamento e interacções entre pessoas desse mesmo contexto”.

Por sua vez, Santos (2010, p. 30) refere que

a importância deste sentimento prende-se, essencialmente, com o facto de ele gerar comunidades fortes e coesas e estas, parecem

beneficiar os indivíduos, no sentido em que aparecem associadas a elevados sentimentos de protecção e segurança, a uma melhoria no sentimento individual de bem-estar, de felicidade e de auto-eficácia e, ainda, a uma diminuição da preocupação.

Logo, factores indutores do sucesso pessoal.

A partir daqui, podemos também deduzir que um indivíduo com um grande sentimento de comunidade é alguém que se sente bastante feliz e que, à partida, se relaciona muito bem com os outros que o rodeiam. Ou seja, existem indícios que revelam que ter muitas relações sociais e redes de suporte contribui significativamente para o sentimento de felicidade percebido. Nesse campo Marujo e Neto (2011, p. 25), referem que “a felicidade (e resiliência) dos portugueses tem por base fundamental a eudaimonia, isto é, a forma como se relacionam com as pessoas próximas e como vêem o valor e utilidade da sua vida, em função das suas experiências”. E mencionam que os portugueses até poderão ensinar algo aos seus vizinhos europeus nesse âmbito, pois estão claramente à frente no que respeita a este tipo de felicidade. “Numa escala de 0 a 10, a média das respostas à pergunta sobre se sente estar ligado às pessoas à sua volta, situa-nos 7,51, em contraste com a média europeia que é de 7,03” (Marujo & Neto, 2011, p. 23).

Enfim, para se ter um pleno sentimento psicológico de comunidade que potencie o sucesso, há que se considerar os componentes que o definem: o estatuto de membro, a influência, a integração e satisfação de necessidades e as ligações emocionais partilhadas (Ornelas, 2010).

Começando pelo estatuto de membro, McMillan e Chavis (*in* Ornelas, 2010) dizem que este é composto por cinco atributos: fronteiras que definem quem integra a comunidade; sistema de símbolos comuns responsável pela união dos membros; segurança emocional proveniente da pertença e dos valores partilhados; identificação com a comunidade; e o investimento pessoal resultante do compromisso com a comunidade e que é gerador de laços mais fortes entre os membros. Ou seja, estamos a falar em traços gerais do sentimento de pertença ao local, isto é, do grau de integração na comunidade.

Relativamente à componente da influência, estamos a falar do sentimento dos membros que podem “fazer a diferença para o grupo e que o grupo pode ser importante para eles” (McMillan e Chavis *cit. in* Ornelas, 2010, p. 60). Essa “diferença” ou mudança de que se fala só é concretizada de um modo satisfatório para todos, através do

envolvimento e participação cívica de cada um. Elvas & Moniz (2010, p. 462), também reportam que

A participação activa na comunidade, o envolvimento efectivo em organizações políticas e a mobilização comunitária em torno dos problemas sociais, afastam por completo níveis baixos de satisfação de vida, os quais estão mais relacionados com situações de depressão, rejeição pessoal, solidão, comportamentos agressivos, consumo de álcool e abuso de substâncias químicas.

Portanto, aumentando também as probabilidades de sucesso na vida.

No que concerne à integração e satisfação de necessidades (satisfação com a vida), é habitual falar-se nos factores que induzem a satisfação de necessidades e a auto-realização. Isto é, costuma ser frequente tentar saber se a nossa realidade nos dá alento e se nos incentiva a ser melhores, através da satisfação que nos concede. Segundo Balancho (2010, p. 37), satisfação com a vida

trata-se de um juízo cognitivo e avaliativo relativo à forma como consideramos a nossa vida na totalidade. Pode dirigir-se a um ponto específico do ciclo de vida ou a uma perspectiva temporal que abarca toda a vida. Frequentemente é este o indicador utilizado nos estudos transculturais e que pretendem estudar a “satisfação vital” entre países.

As áreas de satisfação também são consideradas quando se avalia a satisfação proporcionada por um local específico. Estas podem se relacionar com campos muito específicos como a saúde, o lazer, o trabalho, a família, as características de mobilidade, o ambiente e zonas verdes, entre outros. Além de tudo isso, um estudo de Elvas e Moniz (2010), encontrou uma correlação significativa entre o sentimento psicológico de comunidade e a satisfação e qualidade de vida, em jovens provenientes de bairros lisboetas.

McMillan e Chavis (*cit. in* Ornelas, 2010, p. 60), referem que tudo isto se traduz no “sentimento de que as necessidades dos membros serão satisfeitas através dos recursos a que terão acesso, devido ao seu estatuto de membros do grupo”. Logo, ao partilhar-se uma comunidade e um espaço geográfico, espera-se que a vida de cada um seja satisfeita através dos recursos que o contexto e a sociedade lhes disponibilizam.

Este sentimento de pertença a um grupo facilita o desenvolvimento de sistemas simbólicos comuns que definem os limites da comunidade. Para além disso, também parece promover sentimentos de segurança emocional que promovem um investimento pessoal na comunidade e que faz com que cada um se sinta integrado e membro de uma estrutura coesa (McMillan & Chavis, 1986).

No que se refere às ligações emocionais partilhadas, verifica-se que resultam do “compromisso e da convicção de que os membros partilham e irão partilhar uma história, lugares comuns, tempos juntos e experiências similares” (McMillan e Chavis, *cit. in* Ornelas, 2010, pp. 60-61). Estas ligações são fortalecidas através da proximidade e diálogo positivo, com partilha de experiências e reconhecimento de aspectos importantes para o grupo. Tudo isto estimula uma identificação mais forte com o local e com a comunidade.

Portanto, todos estes componentes são interdependentes.

O facto de as pessoas apresentarem maior sentimento comunidade para com um grupo e/ou um bairro, reflecte-se num maior sentimento de pertença, num maior sentimento de controlo e influência sobre o grupo, possibilitando, deste modo, uma satisfação real das necessidades tendo em conta as capacidades do grupo e a história em comum, possibilitando também uma ligação emocional e um investimento face ao grupo (Davidson & Cotter, in Elvas & Moniz, 2010, p. 461).

Elvas & Moniz (2010, p. 461), mencionam que “a investigação realizada nesta área tem evidenciado que quanto maior for a intensidade do sentimento de comunidade, maior serão os benefícios a nível individual e a nível comunitário”. Exemplo disso é o estudo de Santos (2010) que refere que nas escolas em que os participantes se identificaram com a comunidade escolar, ao obterem bons resultados académicos e ao verem a satisfação das suas necessidades, desenvolveram sentimentos de pertença e segurança que lhes trouxeram uma maior suporte emocional e uma aprendizagem mais eficaz, ou seja de sucesso. Portanto, se o sentimento psicológico de comunidade traz benefícios para os indivíduos, concretamente no aumento do bem-estar, qualidade de vida e satisfação pessoal, é nítido o seu favorecimento ao sucesso pessoal de cada um.

2.3. Importância da identificação e reconhecimento de sucesso

A importância da identificação e reconhecimento daquilo que é bem-sucedido é algo que rompe com as visões tradicionais patologizantes e centradas nos problemas da Psicologia e que vem em consonância com os novos paradigmas da Psicologia Positiva, que privilegiam o estudo do que acontece de bom, do que não é problema, daquilo que corre bem e são responsáveis por investigações mobilizadoras de recursos e que tentam otimizar o bem-estar e a melhoria da humanidade.

As comunidades necessitam de ter a capacidade de identificar os pontos altos do passado e presente, o que funciona, o que é bem-sucedido, para que assumam o controlo

e responsabilidade pelas mudanças conseguidas, e conseqüentemente consigam transformar a sua realidade. Esta é uma ideia fortemente influenciada pelos princípios da Terapia Breve Orientada para as Soluções (TBOS). Segundo Gingerich e Eisengart (*in* Malaca, 2008, p. 13), “o principal objectivo da TBOS é promover a capacidade de os clientes identificarem o que estão a fazer bem, amplificar as ocasiões em que tal ocorre, o que terão de fazer para que tal aconteça e o que querem conseguir”. Isto pode parecer estranho, mas assim como as pessoas, também as comunidades parecem precisar de passar por processos terapêuticos. Necessitam de abandonar a apeteçível focalização nos problemas e direccionar a sua atenção para as situações excepcionais, que parecem ser as soluções.

Na TBOS fala-se em “Questão Milagre”, que é um momento onde se solicita ao cliente que pense no futuro sem o problema, como se tivesse ocorrido um milagre. A partir daí, centram-se as questões em acções concretas, sentimentos, valores e ideais, para que o cliente pense em novas formas de actividade para ultrapassar a situação problemática (Malaca, 2008). Se aplicarmos esta ideia a uma comunidade, poderíamos questionar os seus membros acerca de uma realidade desprovida de problemas, onde a única focalização seria centrada nos ideais, nos casos de sucesso e nas acções que levaram as pessoas a serem bem-sucedidas. Aí, partimos do princípio que a comunidade será capaz de pensar em novas formas de agir mais positivas e adequadas à ultrapassagem de obstáculos e problemas, fortemente influenciadas pelas práticas de indivíduos bem-sucedidos.

Neste contexto, parece bastante importante e fundamental salientar aspectos positivos que possam existir nas comunidades, assim como ver aquilo que “brilha” nas mesmas. Aliás, não há nada mais “empowering” do que ver indivíduos de uma colectividade saberem identificar no seu meio as suas próprias virtudes e motivos de orgulho, através do reconhecimento de pessoas que podem servir de exemplos de modelos de admiração.

Ou seja, é muito mais fácil alcançar uma verdadeira mudança social, partindo da auto-percepção comunitária baseada na identificação de aspectos positivos na realidade que nos é mais próxima. Logo, uma comunidade é mais forte à medida que se vai conhecendo melhor. Marujo, Neto, Caetano e Rivero (2007, pp. 120-121) corroboram todas estas ideias, referindo que “o estímulo à mudança positiva procede da descoberta de experiências e momentos de sucesso, vivências de excelência, e aspirações positivas sobre o futuro”.

Além disso, segundo Gergen (*in* Balancho, 2010, p. 24) os construcionistas sociais referem que a linguagem cria a realidade, linguagem que se constrói na medida em que é socialmente partilhada. Logo, se houver a promoção de investigações baseadas em diálogos centrados no positivo e no sucesso, estar-se-ão a criar realidades muito mais aprazíveis e promotoras de felicidade e mudança. Todos estarão a construir a sua realidade, tendo em mente uma orientação para a melhoria de todos.

Ainda se acrescenta que o reconhecimento de situações de sucesso, especialmente daquelas em que o sucesso é partilhado por um grupo, parece ser benéfico para o desenvolvimento de sentimentos de cooperação. David Buss (2000) dá-nos o exemplo de uma caçada: quando o sucesso desta depende da coordenação de todos os membros de um grupo de caça, a cooperação é amplificada, melhorando a qualidade de vida e de relacionamentos de todos.

Realçar o que há de bom nas comunidades parece ser uma estratégia indicada para proporcionar às pessoas a possibilidade de aprender algo e evoluir com base nas boas práticas dos seus conterrâneos. Nesse sentido, poder-se-á esperar que todos se sintam mais integrados na sua comunidade devido à partilha de sentimentos de apreço.

PARTE III – Metodologia da Investigação

Esta parte descreve as opções metodológicas que orientaram toda a investigação. Assim, em primeiro lugar, sintetizar-se-ão os pressupostos, objectivos e questões da investigação que sobressaem da revisão de literatura. De seguida, descrever-se-á a metodologia da investigação, contemplando o *design* do estudo, a caracterização dos participantes da investigação, o instrumento de recolha de dados e os procedimentos de recolha e análise de dados que foram usados neste processo.

1. Pressupostos, objectivos e questões de investigação

Frequentemente se ouve que Rabo de Peixe é um local bastante “estigmatizado”, devido a situações de pobreza, baixa escolarização, toxicodependência e criminalidade, muitas vezes ilustradas pelos meios de comunicação social. Toda esta situação parece contribuir para que a população local se sinta alvo de estereótipos e preconceitos que podem constituir um dos motivos de discriminação e exclusão social.

Porém, Rabo de Peixe é muito mais que isso. É uma vila com uma população bastante jovem, em que grande parte dos habitantes se dedica essencialmente à pesca e à agropecuária. Para além disso, é uma terra bastante agradável e repleta de potencialidades, que tem atravessado um grande período de mudança.

Neste contexto, parece bastante importante salientar aspectos positivos que possam existir nesta comunidade. Por isso, decidiu-se estudar as concepções dos jovens rabopeixenses e dos indivíduos considerados como bem-sucedidos acerca de percursos de vida de sucesso. Tudo isto porque se pretende saber como é visto aquilo que “brilha” na comunidade. Além disso, é ambicionado o diálogo comunitário acerca de vivências e emoções positivas comuns e partilhadas, onde é possibilitada a auto e hetero-identificação de virtudes e motivos de orgulho, através do reconhecimento de pessoas que servem de exemplos de modelos de admiração na própria comunidade. Portanto, considera-se que é muito mais fácil alcançar uma verdadeira mudança social, partindo da auto-percepção baseada na identificação de aspectos positivos na realidade que nos é mais próxima. Logo, uma comunidade é mais forte à medida que se vai conhecendo melhor e vai reconhecendo o seu valor e as suas potencialidades. Marujo, Neto, Caetano e Rivero (2007, pp. 120-121) corroboram todas estas ideias, referindo que “o estímulo à mudança positiva procede da descoberta de experiências e momentos de sucesso, vivências de excelência, e aspirações positivas sobre o futuro”.

Assim, tomou-se a liberdade de adoptar uma postura investigativa colaborativa com jovens da comunidade, assente num diagnóstico comunitário que fornece dados sobre referências e concepções acerca de percursos de vida de sucesso. Além disso, também se procurou perceber as concepções de sucesso de pessoas da comunidade consideradas bem-sucedidas, assim como as atribuições que fazem para o seu próprio sucesso. Portanto, espera-se com esta investigação realçar o que há de bom, de modo a que as gerações actuais e vindouras tenham a possibilidade de aprender algo e evoluir com base nas boas práticas dos seus conterrâneos. Nesse sentido, poder-se-á esperar que todos se sintam mais integrados na sua comunidade devido à partilha de sentimentos de apreço.

Logo, com este estudo, deseja-se identificar as concepções de jovens dos 18 aos 29 anos (estudantes; desempregados ou desocupados; trabalhadores) e dos indivíduos considerados como bem-sucedidos acerca das atribuições e factores que contribuem para percursos de vida de sucesso.

O objectivo principal deste estudo é *conhecer as concepções de alguns residentes de Rabo de Peixe acerca de percursos de vida de sucesso* e como objectivo específico pretende-se *identificar os factores percebidos que estiveram presentes na constituição de percursos de vida bem-sucedidos*.

Deste propósito surgiu a questão principal da investigação:

- *Quais as concepções dos jovens residentes de Rabo de Peixe e dos indivíduos considerados como bem-sucedidos na comunidade acerca de percursos de vida de sucesso?*

Surgiram como questões secundárias:

- *O que é considerado um percurso de vida de sucesso?*
- *Quem são os indivíduos reconhecidos como bem-sucedidos em Rabo de Peixe?*
- *Porque são estes os bem-sucedidos? Que factores (atribuições internas ou externas) contribuem para o reconhecimento de sucesso?* (questão pertinente apenas para a primeira fase do estudo²).

- *Quais os motivos que levaram os outros a considerá-lo uma pessoa bem-sucedida? Que factores (atribuições internas ou externas) contribuíram para*

² Na secção referente ao *design* do estudo, serão explicadas as diferenças entre a primeira e a segunda fase do estudo.

reconhecimento do seu sucesso? (questão pertinente apenas para a segunda fase do estudo³).

- *Os exemplos de percursos de vida bem-sucedidos remetem-se ao passado ou à actualidade?*

- *Quão importante é para a comunidade de Rabo de Peixe estudar e destacar o sucesso existente na vila?*

2. Design do Estudo

O estudo dividiu-se em duas fases. Na primeira fase, entrevistaram-se jovens de Rabo de Peixe e na segunda fase, as entrevistas foram dirigidas a indivíduos considerados como bem-sucedidos.

Optou-se inicialmente por entrevistar jovens porque interessava saber que indivíduos servem de referências de sucesso para eles, pois assim se pode descobrir informações acerca dos seus modelos de vida e de admiração na comunidade, assim como também se torna possível obter dados acerca das projecções que são efectuadas por eles para o futuro, visto que alguns deles não têm projectos de vida, ou têm projectos de vida muito peculiares e elementares (ex.: casar, constituir família precocemente, trabalhar na pesca ou agricultura ou ficar em casa como doméstica).

Ao se tomar conhecimento de indivíduos considerados como bem-sucedidos, optou-se pelas suas entrevistas para efectuar possíveis comparações entre as suas concepções acerca de percursos de vida de sucesso e as concepções dos jovens.

Todas as respostas às questões da investigação foram obtidas na primeira fase do estudo a partir das concepções dos jovens de Rabo de Peixe acerca de percursos de vida de sucesso na comunidade. E foram eles que detectaram e identificaram quais os indivíduos bem-sucedidos que deveriam ser entrevistados na segunda fase acerca dos seus percursos de vida, conferindo um carácter colaborativo à investigação que contou com o ponto de vista e opiniões dos participantes na definição do rumo do estudo.

O estudo assumiu uma abordagem qualitativa e como tal, a metodologia de análise seguida neste contexto foi a análise de conteúdo de Bardin, como é habitual em estudos e investigações na área das concepções.

Saliente-se a orientação deste estudo que segue uma linha fenomenológica com metodologia qualitativa. Segundo, Mucchielli (*cit. in* Holanda, 2006, pp. 363-364),

³ Na secção referente ao *design* do estudo, serão explicadas as diferenças entre a primeira e a segunda fase do estudo.

Os métodos qualitativos são métodos das ciências humanas que pesquisam, explicitam, analisam, fenômenos (visíveis ou ocultos). Esses fenômenos, por essência, não são passíveis de serem medidos (uma crença, uma representação, um estilo pessoal de relação com o outro, uma estratégia face um problema, um procedimento de decisão...), eles possuem as características específicas dos “fatos humanos”. O estudo desses fatos humanos se realiza com as técnicas de pesquisa e análise que, escapando a toda codificação e programação sistemáticas, repousam essencialmente sobre a presença humana e a capacidade de empatia, de uma parte, e sobre a inteligência indutiva e generalizante, de outra parte.

A partir desta consideração, poder-se-á dizer que esta investigação é em alguns aspectos um estudo de segunda ordem, mais orientado para a descoberta, visto que o seu objecto de exame é complexo, subjectivo e não observável.

Segundo Almeida e Freire (2000) as investigações de abordagem fenomenológica obedecem a princípios como a primazia da experiência subjectiva como fonte de conhecimento, o estudo dos fenómenos, partindo do ponto de vista e das referências do outro e o intuito em conhecer as visões do outro, na medida em que interpreta e interage construtivamente com o mundo social.

Quanto à metodologia qualitativa, é uma opção positiva porque nos fornece uma maior quantidade de informação de carácter mais genuíno, onde os sujeitos se podem exprimir mais à vontade, algo que se assume como uma escolha melhor adequada às necessidades do presente estudo, que por sua vez, também nos orienta para uma categorização semiestruturada dos constructos e dimensões relativas aos percursos de vida de sucesso.

Tendo em consideração a orientação do estudo, decidiu-se adoptar como instrumento um guião de entrevista semi-estruturado, individual e sigiloso, construído para o efeito, cujos resultados são obtidos com o recurso a uma tabela de especificações que serve de dispositivo de regulação e apresentados através de unidades de análise transcritas.

Apesar de se optar por uma abordagem qualitativa, que se posiciona como mais útil e capaz de fornecer maiores porções de informação, estamos cientes que esta possui algumas fragilidades, como o tempo gasto na recolha e análise de dados, não descurando a difícil e morosa tarefa que é o tratamento desses dados, especialmente se existem em grande volume (Martins & Belfo, 2010). Para além disso, contrariando as visões mais objectivas e teoricamente positivas, assiste-se ao surgimento de novos

paradigmas que aprofundam o conhecimento da relação entre investigador e investigação (Aires, 2011).

Para além dos aspectos supramencionados, a investigação assumiu uma tónica colaborativa, visto que são os próprios sujeitos que definem no primeiro momento da investigação quem são os sujeitos de sucesso a ser entrevistados no segundo momento. Aqui assume-se uma relação tendencialmente horizontal, onde se fazem compromissos de confidencialidade e de cooperação no seguimento do estudo, que é por si só imprevisível. Boavida e Ponte (2002, p. 4) referem que

o plano do trabalho pode não estar completamente determinado antes do início do trabalho, da laboração. O que o orienta são os objectivos a alcançar tendo em conta os contextos naturais e sociais em que o trabalho é desenvolvido. Deste modo, trabalhar pode requerer um grande número de operações que, muitas vezes, não estão totalmente previstas e planificadas, e que se entrelaçam em situações muito variadas algumas das quais de grande complexidade.

3. A selecção dos participantes da investigação

Na primeira fase ou momento da investigação, para a selecção dos participantes da investigação fez-se um cruzamento entre três variáveis: sexo (masculino; feminino), ocupação (estudante; desempregado ou desocupado; trabalhador) e idade ([18;24[;[24;30[), que originou um grupo de 12 jovens. Contudo, decidiu-se também adicionar ao presente estudo os contributos de 3 jovens que haviam sido entrevistadas na fase de pré-teste (uma estudante de 22 anos, uma desempregada de 26 anos e uma trabalhadora de 29 anos) e cujas informações colhidas não quisemos desperdiçar, formando assim um grupo de 15 jovens residentes em Rabo de Peixe (cf. Quadro 2).

Quadro 2 – Identificação sociodemográfica dos participantes da investigação na primeira fase do estudo (incluindo os participantes da fase de pré-teste)

Participante	Idade	Sexo	Ocupação	Momento da investigação
Q	22	Feminino	Estudante	Pré-teste
C	26	Feminino	Desempregada/Desocupada	Pré-teste
X	29	Feminino	Trabalhadora	Pré-teste
B	19	Feminino	Estudante	1ª fase do estudo
G	24	Feminino	Estudante	1ª fase do estudo
T	20	Masculino	Estudante	1ª fase do estudo
M	29	Masculino	Estudante	1ª fase do estudo
F	23	Feminino	Desempregada/Desocupada	1ª fase do estudo
R	29	Feminino	Desempregada/Desocupada	1ª fase do estudo
U	20	Masculino	Desempregado/Desocupado	1ª fase do estudo
K	29	Masculino	Desempregado/Desocupado	1ª fase do estudo
J	20	Feminino	Trabalhadora	1ª fase do estudo

D	24	Feminino	Trabalhadora	1ª fase do estudo
I	20	Masculino	Trabalhador	1ª fase do estudo
A	29	Masculino	Trabalhador	1ª fase do estudo

O mais novo dos participantes da investigação tem 19 anos e os mais velhos 29. A média total de idades é 24 anos e 2 meses, mas como dividimos os jovens por duas faixas etárias para se obter uma maior representatividade de idades, ficamos com um grupo com uma média de 20 anos e 7 meses e outro grupo com 27 anos e 4 meses. Relativamente à distribuição por sexos, temos 9 raparigas e 6 rapazes, todos eles residentes na Vila de Rabo de Peixe.

Na segunda fase ou momento da investigação, a selecção dos participantes da investigação derivou das referências de sucesso vocalizadas pelos sujeitos entrevistados na 1ª fase do estudo. Assim, de um modo colaborativo, conseguiu-se reunir um grupo de 13 indivíduos bem-sucedidos (cf. Quadro 3). Todos os indivíduos referenciados aceitaram ser entrevistados no segundo momento, havendo apenas um que teve de responder às questões do guião de forma escrita por correio electrónico, porque se encontrava, naquele momento a trabalhar no estrangeiro e não tinha disponibilidade para falar via web ou telefone.

Quadro 3 - Identificação sociodemográfica dos participantes da investigação na segunda fase do estudo

Participante	Idade	Sexo	Estado civil	Sector ocupacional	Classificação nacional da profissão ⁴
1	34	Masculino	Solteiro	Sector terciário	Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas
2	33	Feminino	Casada	Sector terciário	Pessoal dos Serviços e Vendedores
3	31	Feminino	Casada	Doméstica	-----
4	54	Masculino	Casado	Sector terciário	Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas
5	84	Masculino	Viúvo	(Sector primário/terciário) Reformado	Trabalhadores Não Qualificados
6	24	Masculino	Solteiro	Sector terciário	Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas
7	22	Masculino	Solteiro	Sector terciário	Pessoal Administrativo e Similares
8	58	Masculino	Casado	(Sector terciário) Reformado	Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa

⁴ Classificação Nacional da Profissão – classificação das profissões por grupos específicos, segundo o Instituto do Emprego e Formação Profissional, disponível em (<http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>)

9	35	Masculino	Casado	Sector terciário	Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa
10	53	Masculino	Casado	Sector secundário/terciário	Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa
11	60	Feminino	Casada	(Sector terciário) Reformada	Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio
12	79	Masculino	Casado	(Sector secundário/terciário) Reformado	Operários, Artífices e Trabalhadores Similares
13	65	Masculino	Casado	Sector secundário/terciário	Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa

O mais novo dos participantes da investigação tem 22 anos e o mais velho 84. A média total de idades é 48 anos e 7 meses. Relativamente à distribuição por sexos, temos 3 indivíduos do sexo feminino e 10 do sexo masculino, todos eles originários da Vila de Rabo de Peixe.

4. Procedimentos de recolha de dados

As entrevistas são pertinentes quando se deseja estudar concepções, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos (Duarte, 2004). Para além disso, o uso da entrevista assume a sua utilidade pelo facto de se ganhar tempo e de se economizar energias, obtendo-se informações bastante pertinentes (Carmo & Ferreira, 1998). Optou-se pela utilização da entrevista semi-estruturada por parecer ser uma escolha positiva que fornece uma maior quantidade de informação de carácter mais genuíno, onde o sujeito se pode expressar livremente e o investigador pode ter alguma intencionalidade no rumo da conversa.

Segundo Duarte (2004, p. 216),

realizar entrevistas, sobretudo se forem semi-estruturadas, abertas, de histórias de vida etc. não é tarefa banal; propiciar situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais, de forma a “provocar” um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado e academicamente relevante é uma tarefa bem mais complexa do que parece à primeira vista.

As entrevistas semiestruturadas e totalmente centradas assumem um grau intermédio de informalidade e diferem das entrevistas totalmente livres pelo nível de estruturação das temáticas tratadas (Carmo & Ferreira, 1998). Este tipo de entrevistas

também é bastante característico de estudos exploratórios (Carmo & Ferreira, 1998). Como a presente investigação também apresenta uma natureza exploratória, estes parecem ser mais uma vez argumentos plausíveis para a selecção desta técnica de recolha de dados. A partir daqui depreende-se que os dados resultantes deste estudo sejam abundantes em explicações e interpretações pessoais subjectivas que suscitarão conceptualizações e desenvolvimento de proposições (Coutinho & Chaves, 2002).

A selecção desta técnica foi o ponto de partida para a construção de um guião de entrevista semiestruturado que teve em consideração os pressupostos teóricos da revisão da literatura, os pressupostos contextuais da problemática em questão, os objectivos e as questões da investigação.

Muito sucintamente, o guião de entrevista semi-estruturado contemplava questões relativas aos sentidos atribuídos ao sucesso, ao reconhecimento de indivíduos bem-sucedidos na comunidade, aos motivos conducentes à percepção de sucesso, aos factores internos e externos que contribuem para o reconhecimento de sucesso (tendo em conta a as atribuições, auto-eficácia, características desenvolvimentistas, sentimento de comunidade e características da comunidade) e aos benefícios de se estudar e destacar o sucesso existente em Rabo de Peixe.

De seguida, entrevistaram-se três jovens do sexo feminino com características idênticas às do público-alvo, na fase de pré-teste, com o intuito de se perceber se todas as questões seriam perceptíveis e adequadas para os futuros entrevistados. Para além disso, também houve preocupação com o registo de língua e com o número de questões para não tornar a interacção cansativa para os sujeitos do estudo. Depois da fase de pré-teste, o guião de entrevista não necessitou de grandes alterações. Apenas se acrescentou uma questão final e se reformularam algumas questões de modo a se tornarem mais adequadas aos propósitos da investigação. Todos os sujeitos perceberam bem as questões, sem haver indicações de impaciência e/ou fadiga. Apenas referiram que algumas questões exigiam alguma reflexão cuidada sobre aspectos que nunca tinham pensado, mas esse facto não se revelou um impedimento à resposta às questões colocadas. A partir daqui foi possível obter a versão final do guião (Anexo 1). Na segunda fase do estudo, o guião foi essencialmente o mesmo da primeira fase mas as questões foram reformuladas, pois agora os sujeitos respondiam sobre aspectos que vivenciaram na primeira pessoa e não na 3ª pessoa como tinha ocorrido anteriormente (Anexo 2).

As duas fases de entrevistas, incluindo o pré-teste, decorreram de Julho a Outubro de 2012. As entrevistas de pré-teste e da primeira fase tiveram uma duração média de 12 minutos e 52 segundos. A mais curta durou 9 minutos e 47 segundos e a mais longa demorou 26 minutos e 19 segundos. Na segunda fase do estudo, as entrevistas tiveram na sua generalidade um tempo de duração mais longo. Tiveram um tempo médio de 34 minutos e 24 segundos. A mais curta teve 11 minutos e 55 segundos e a mais longa aconteceu durante 1 hora, 25 minutos e 29 segundos.

As gravações das conversas foram realizadas em ambiente informal nos locais de residência ou de trabalho dos sujeitos do estudo, em espaços que reunissem o máximo de condições acústicas para que o som recolhido tivesse qualidade. Todavia, devido a factores externos incontroláveis, tais como a presença esporádica de crianças ou de outras pessoas que entravam nos espaços de gravação, o toque de telemóveis que por vezes exigiu a interrupção de algumas gravações e os barulhos decorrentes na rua surgiram por vezes alguns ruídos nas gravações.

As apresentações abriram as “conversas”, termo que era enfatizado e usado em vez da palavra “entrevistas”, de modo a que os sujeitos se sentissem mais confortáveis por sentirem que não estavam em situações de avaliação onde pudesse haver questões certas ou erradas. Iniciava-se o diálogo com um agradecimento pela colaboração, explicava-se que todo o conteúdo, a ser gravado por um gravador de voz, era totalmente anónimo e confidencial e que eram completamente livres de desistir da gravação a qualquer momento. Para além disso, também se explicavam os propósitos, objectivos e finalidades do estudo. Tudo isto era feito com a intencionalidade de se estabelecer uma relação de confiança e um clima colaborativo, confortável e de segurança. Explicava-se, também, que possuíam todo o tempo que desejassem para elaborar a sua resposta. Isto deveu-se ao facto de às vezes os sujeitos terem dificuldades em lembrar-se de referências de sucesso e pedirem algum tempo para pensar em quem iriam mencionar antes de iniciarem a gravação. Essencialmente, era esta a questão que exigia mais tempo para reflectirem.

O equipamento seleccionado para o registo do som e da informação foi um gravador de voz *Olympus VN-240PC* com microfone unidirecional incorporado. As gravações foram transferidas para o computador para posterior transcrição integral das conversas em formato “*Word*” e análise de conteúdo. O microfone foi geralmente colocado em cima de uma mesa a uma distância de sensivelmente 50 centímetros dos entrevistados.

Na primeira fase do estudo atribuiu-se uma letra aleatória a cada um dos sujeitos e na segunda fase atribuiu-se um número aos sujeitos, conforme a ordem de transcrição. Finalmente, em todo o processo, houve o cuidado de se analisar e registar silêncios, expressões faciais e restante comunicação não-verbal, porque estes podem reflectir as verdadeiras intenções de resposta dos participantes, para além de esporadicamente constituírem fontes de informação complementares ou até mesmo as únicas fontes de informação (ex: respostas onde simplesmente se acena com a cabeça).

5. Procedimentos de análise de dados

Em conformidade com a proposta para análise de conteúdo de Laurence Bardin (1995), passado o período de transcrições das entrevistas, começaram os processos de codificação e categorização das unidades de análise ou de registo, que são as unidades de significação que correspondem a segmentos discursivos que se consideram para a contagem frequencial. A codificação é a operação que transforma os dados brutos do texto através do recorte, da agregação e da enumeração que possibilita atingir uma representação do conteúdo (Bardin, 1995). A categorização, por sua vez, é o processo de classificação de elementos agrupados por diferenciação consoante os critérios definidos no dispositivo de análise (Bardin, 1995).

Esta técnica foi selecionada, porque é um método que demonstra a sua utilidade no facto de permitir utilizar todo o manancial simbólico associado ao contexto dos conteúdos (Cruz, 2008). Para além disso, esta tem como principal pretensão a “possibilidade de fornecer técnicas precisas e objetivas que sejam suficientes para garantir a descoberta do *verdadeiro* significado” das conceptualizações (Rocha & Deusdará, 2005, p. 310).

Na construção da tabela de especificações ou de categorias (Anexo 3), foi aplicada a técnica da análise categorial que forneceu a possibilidade de investigar por temas, aplicando os princípios da análise temática. É uma técnica rápida, simples e eficaz pelo facto de se obter facilmente unidades de significação a partir dos discursos (Bardin, 1995). Assim, no *design* da tabela de categorias tornou-se claramente possível expor os constructos, dimensões, categorias e indicadores, o que ajudou a confirmar se todas as questões estavam a ser pertinentes e se os sujeitos estavam a fornecer os dados pretendidos relativamente aos objectivos e propósitos do estudo. Saliente-se também que todas as unidades de registo ou de significação foram identificadas.

Para atingir maior rigor na análise de conteúdo procedeu-se ao cálculo da fiabilidade da análise de conteúdo, através do cálculo da fiabilidade intra e intercodificadores. Isto para se saber se o sistema de categorias adoptado se adequou aos objectivos do estudo. Foi elaborada uma lista de unidades de registo aleatórias e através do cálculo dos pareceres concordantes e discordantes por parte dos ajuizadores, calculou-se a fiabilidade (F) intercodificadores com o recurso à fórmula proposta por Esteves (2006), onde se divide o número total de casos de acordo (Ta) dos codificadores pelo somatório dos casos de acordo (Ta) e de desacordo (Td) entre eles (cf. Figura 1).

$$F = \frac{Ta}{(Ta + Td)}$$

Figura 1 – Índice de fiabilidade.

O índice de fiabilidade (F) obtido foi aproximadamente 86%, o que permitiu considerar que as categorias têm um nível de fiabilidade intercodificadores aceitável. Para além disso, também se observou uma estabilidade temporal na codificação, visto que se voltou a calcular o índice de fiabilidade em dois momentos distintos, onde não houve grandes divergências de percentagens, permitindo constatar que também há fiabilidade intra-codificadores. Partindo do pressuposto que os participantes da segunda fase do estudo eram mais velhos e possuíam maior escolaridade, na sua generalidade, não se achou necessário o cálculo do índice de fiabilidade do segundo guião de entrevista. Além disso, este também era muito semelhante ao primeiro guião nas suas questões.

Seguindo a natureza exploratória deste estudo, mais orientada para a descoberta, pode-se dizer que a generalização dos resultados à população total de Rabo de Peixe nunca foi uma das finalidades pretendidas. O único interesse foi produzir conhecimento, até à data inexistente, a partir de um objecto de estudo complexo, subjectivo e não observável, contribuindo para uma melhor noção das características contextuais de Rabo de Peixe e das suas relações e implicações com o sucesso.

6. Identificação do sistema de dimensões e categorias

De acordo com os objectivos e propósitos do estudo e para facilitar o processo de análise de conteúdo, foi criado o seguinte sistema de dimensões, categorias e subcategorias, do qual surgiram as dimensões: (1) Caracterização do constructo; (2)

Identificação e reconhecimento de referências de sucesso na comunidade; (3) Motivos conducentes à percepção de sucesso; (4) Factores internos; (5) Factores externos; (6) Importância do destaque do sucesso na comunidade (cf. Quadro 4).

Quadro 4 – Sistema de dimensões e categorias

Dimensões	Categorias
1. Caracterização do constructo	1.1. Representações sociais de sucesso
2. Identificação e reconhecimento de referências de sucesso na comunidade	2.1. Identificação e reconhecimento de indivíduos bem-sucedidos na comunidade
3. Motivos conducentes à percepção de sucesso	3.1. Factores internos
	3.2. Factores externos
4. Factores internos	4.1. Atribuições
	4.2. Fontes de autoeficácia
	4.3. Sentimento de comunidade
	4.4. Características desenvolvimentistas
5. Factores externos	5.1. Atribuições
	5.2. Fontes de autoeficácia
	5.3. Comunidade
6. Importância do destaque do sucesso na comunidade	6.1. Mais-valias do destaque do sucesso

Dimensão 1. Caracterização do constructo – Com esta dimensão pretende-se realizar a caracterização do sucesso, tendo em conta as suas representações sociais.

Categoria 1.1. Representações sociais de sucesso – Esta categoria engloba todos os sentidos associados aos percursos de vida de sucesso.

Dimensão 2. Referências de sucesso – Inclui a identificação e reconhecimento de indivíduos bem-sucedidos na comunidade.

Categoria 2.1. Identificação e reconhecimento de indivíduos bem-sucedidos na comunidade – Inclui a enumeração de exemplos de pessoas bem-sucedidas na comunidade.

Dimensão 3. Motivos conducentes à percepção de sucesso – Funciona como uma dimensão de despiste de informação. Aqui inserem-se os motivos que levaram as pessoas a justificar as suas escolhas referentes aos indivíduos bem-sucedidos.

Categoria 3.1. Factores internos – Esta categoria congrega as justificações atribuídas internamente ao sujeito.

Categoria 3.2. Factores externos - Esta categoria congrega as justificações atribuídas externamente ao sujeito.

Dimensão 4. Factores internos – Esta dimensão engloba as unidades de significação relativas a factores internos como as atribuições, auto-eficácia, sentimento de comunidade e características desenvolvimentistas.

Categoria 4.1. Atribuições – Categoria que agrega as referências relativas ao esforço despendido e à capacidade.

Categoria 4.2. Fontes de autoeficácia – Categoria que agrega as referências relativas às experiências de mestria e aos estados psicológicos e fisiológicos.

Categoria 4.3. Sentimento de comunidade – Categoria que agrega as referências relativas ao sentimento de pertença ao local, à satisfação de necessidades, à participação e envolvimento e à identificação com o local e com a comunidade.

Categoria 4.4. Características desenvolvimentistas – Categoria que agrega as referências relativas à maturidade e ao interesse.

Dimensão 5. Factores externos - Esta dimensão engloba as unidades de significação relativas a factores externos como as atribuições, fontes de auto-eficácia e comunidade.

Categoria 5.1. Atribuições - Categoria que agrega as referências relativas ao destino (sorte/azar) e à dificuldade.

Categoria 5.2. Fontes de autoeficácia – Categoria que agrega as referências relativas a experiências vicariantes e a persuasões/pressões sociais.

Categoria 5.3. Comunidade – Categoria que agrega as referências relativas a relações interpessoais familiares, comunitárias e às características da comunidade/local.

Dimensão 6. Importância do destaque do sucesso na comunidade – Esta dimensão reúne as mais-valias ou vantagens de se destacar o sucesso na comunidade.

Categoria 6.1. Mais-valias do destaque do sucesso – Esta categoria inventaria os ganhos provenientes do destaque do sucesso existente na comunidade.

A partir daqui, torna-se pertinente perceber que subcategorias emergem do sistema de dimensões e categorias (cf. Quadro 5).

Quadro 5 – Sistema de dimensões, categorias e subcategorias

Dimensões	Categorias	Subcategorias
1. Caracterização do constructo	1.1. Representações sociais de sucesso	1.1.1. Sentidos atribuídos aos percursos de vida de sucesso
2. Referências de sucesso	2.1. Identificação e reconhecimento de indivíduos bem-sucedidos na comunidade	2.1.1. Existência de exemplos de elementos bem-sucedidos na comunidade
3. Motivos conducentes à percepção de sucesso	3.1. Factores internos	3.1.1. Características da personalidade
		3.1.2. Ocupação
		3.1.3. Nível de educação
		3.1.4. Evolução na vida
		3.1.5. Acções desempenhadas
	3.2. Factores externos	3.2.1. Sucesso familiar

4. Factores internos	4.1. Atribuições	4.1.1. Esforço despendido
		4.1.2. Capacidade
	4.2. Fontes de auto-eficácia	4.2.1. Experiências de mestria
		4.2.2. Estados fisiológicos e psicológicos
	4.3. Sentimento de comunidade	4.3.1. Sentimento de pertença ao local
		4.3.2. Satisfação de necessidades
		4.3.3. Participação e envolvimento
		4.3.4. Identificação com o local e com a comunidade
	4.4. Características desenvolvimentistas	4.4.1. Maturidade
		4.4.2. Interesse
5. Factores externos	5.1. Atribuições	5.1.1. Destino: Sorte/Azar
		5.1.2. Dificuldade
	5.2. Fontes de auto-eficácia	5.2.1. Experiências vicariantes
		5.2.2. Persuasões/Pressões sociais
	5.3. Comunidade	5.3.1. Relações interpessoais familiares
		5.3.2. Relações interpessoais comunitárias
		5.3.3. Características da comunidade/local
6. Importância do destaque do sucesso na comunidade	6.1. Mais-valias do destaque do sucesso	6.1.1. Ganhos associados ao destaque do sucesso

Como é possível verificar, da primeira dimensão emergem os diversos sentidos atribuídos ao sucesso e da segunda dimensão emergem os exemplos de elementos bem-sucedidos na comunidade de Rabo de Peixe.

A terceira dimensão tem a particularidade de funcionar como uma dimensão de despiste de informação e nela se incluem todas as referências e motivos conducentes à percepção de sucesso. Na primeira fase do estudo, esta percepção relativamente ao sucesso dos elementos bem-sucedidos partia dos jovens, enquanto na segunda fase do estudo, a percepção em foco era a dos indivíduos bem-sucedidos relativamente aos motivos que os jovens invocaram para os considerar como referências de sucesso na comunidade de Rabo de Peixe. Nesta dimensão surgiram aspectos ou categorias que não se enquadravam nas restantes dimensões do sistema de categorização e que foram denominadas por factores internos e factores externos, porque não deixam de ser também atribuições feitas ao sucesso. Assim, da categoria dos factores internos surgiram as subcategorias: características da personalidade; ocupação; nível de educação; evolução na vida; acções desempenhadas. Por sua vez da categoria dos factores externos só surgiu a subcategoria do sucesso familiar.

As quarta e quinta dimensões focalizam-se em aspectos teóricos provenientes da revisão de literatura e são de certo modo semelhantes entre si, não obstante uma dizer

respeito aos factores internos que contribuem para o sucesso e a outra referir-se aos factores externos.

A última dimensão foi adoptada para se saber quais os benefícios, na óptica dos participantes, de se destacar o sucesso existente na vila de Rabo de Peixe, o que, por sua vez, também justifica um pouco as mais-valias e potencialidades deste estudo. Permite, também, obter uma espécie de *feedback* avaliativo dos sujeitos da investigação relativamente ao presente estudo e a outros estudos semelhantes que venham a ser realizados.

A partir daqui, apresenta-se o esquema de subcategorias, acompanhado das suas definições e de exemplos de unidades de significação ou de registo obtidas na investigação que explicam e ajudam a compreender todo o sistema e dispositivo de análise.

Quadro 6 – Sistema de subcategorias

Subcategorias	Definição	Unidades de registo
1.1.1. Sentidos atribuídos aos percursos de vida de sucesso	Percepção dos vários domínios da vida onde o sucesso se pode projectar.	A – “É subjectivo, porque o sucesso pode ser atingir um sonho. Por exemplo, o sonho das pessoas é ter muito dinheiro, ter um emprego de sucesso...”.
2.1.1. Existência de exemplos de elementos bem-sucedidos na comunidade	Identificação de indivíduos percebidos como bem-sucedidos em Rabo de Peixe	C – (Hesita). “Conheço uma vizinha... pronto... a vida dela é estável (...)”.
3.1.1. Características da personalidade	Traços de personalidade do indivíduo em questão que o fazem parecer bem-sucedido.	R – “Ela é muito boa e muito amiga”.
3.1.2. Ocupação	O que o indivíduo faz no âmbito da sua vida profissional que o faz parecer bem-sucedido.	F – “Olha, por ter chegado onde chegou a Presidente”.
3.1.3. Nível de educação	Atribuição de sucesso à escolaridade do indivíduo.	F – “(..) Talvez pelos seus estudos também”.
3.1.4. Evolução na vida	Atribuição de sucesso a uma evolução gradativa no percurso de vida.	A – “É uma pessoa que veio... (como eu te disse) que veio de uma classe média baixa e que hoje em dia está na classe alta”.
3.1.5. Acções desempenhadas	O que o indivíduo faz em concreto que o faz parecer bem-sucedido.	8 – “Gosto de fazer alguma coisa pela comunidade e isso... e isso obriga-nos necessariamente a ter um contacto mais directo com essas pessoas e pronto... por isso, eu espero que deve haver... podem ver-me como uma pessoa de sucesso... Deve ser por isso”.
3.2.1. Sucesso familiar	Implicação do êxito familiar no sucesso do indivíduo.	A – “Tem uma família de sucesso, porque até hoje está com a sua esposa. Tem os seus filhos todos a estudar e já alguns já acabaram, estão... estão...” E ⁵ – “... a trabalhar já”. A – “... a exercer as suas funções e acho-lhe uma

⁵ E – Entrevistador.

		pessoa feliz”.
4.1.1. Esforço dispendido	Grau de energia dispendida para executar algo.	4 – “Ah, esforcei-me relativamente, porque enfim, nada se consegue sem esforço (...) Essa questão do sucesso e da realização pessoal tem, tem que vir do esforço pessoal de cada um, não é? As coisas não caem do céu”.
4.1.2. Capacidade	Grau de competência e inteligência para desempenhar algo.	10 – “Sim, pronto, considero-me inteligente, pronto, eu não estudei para... (...) mas tive formação, tive cem horas de formação para gerir a empresa, tive formação e, pronto, é sempre bom saber coisas diferentes e, o que acontece, nós também temos de estar sempre atrás das notícias, dos apoios que o governo dá, pronto, nós temos de estar sempre informados dessas coisas... (...) Temos conseguido algumas coisas com isso, mas também temos conseguido algumas coisas, porque a gente entra nesses projetos, nesses incentivos que o governo dá às empresas e nós também estamos nisso, nas pequenas e médias empresas, estamos também registados nisso, praticamente, a gente estamos sempre atualizados, pronto, são estas coisas que a gente procura... eu costumo dizer assim, não ver passar o comboio e a gente perder o comboio. O comboio se está a passar ou se está mais rápido, temos que ir acompanhando. São estas coisas assim”.
4.2.1. Experiências de mestria	Identificação de exemplos de situações bem-sucedidas.	13 – “(...) por exemplo, o dia em que eu peguei na Bandeira do Espírito Santo foi um dia com muita alegria...”.
4.2.2. Estados fisiológicos e psicológicos	Sentimentos e comportamentos associados a situações de sucesso.	2 – “Sinto-me sempre segura!”.
4.3.1. Sentimento de pertença ao local	Grau de integração na comunidade.	11 – “Sim! Eu pertenço aqui de corpo e alma”.
4.3.2. Satisfação de necessidades	Factores proporcionados pela freguesia que induzem a satisfação de necessidades pessoais.	U – “Sim. Se calhar, uma vez que tem cá a maioria dos seus amigos...”. E – “(...) Falaste na questão dos amigos. Ou seja, os amigos, se calhar, são um dos pontos a favor de morar aqui em Rabo de Peixe, certo?”. U – “Sim”. E – “Para ele?”. U – (acena afirmativamente com a cabeça).
4.3.3. Participação e envolvimento	Grau de participação e papel desempenhado.	I – “Exactamente. Ele participa... acho que nas festas dos Mordomos e cenas assim...”. I – “Por exemplo, no (...), ele é quem lidera o Grupo (...)”.
4.3.4. Identificação com o local e com a comunidade	Capacidade de identificação com o local e com a comunidade.	8 – “É sobretudo porque sinto-me integrado, sou uma pessoa daqui, conheço as pessoas, estou identificado com os problemas das pessoas e porque gosto de ter iniciativas para os ajudar... ajudá-los a promover, ajudá-los a dignificarem-se, essencialmente porque sinto que é o meu berço e como é o meu berço, a gente sente-se bem com o ninho...”.
4.4.1. Maturidade	Génese de um modo de pensamento ou acção.	12 – “A vida está resolvida, eu não vou para lá, não descanso e tudo e vim... depois, foi ao longo do tempo, eu vim como uma maçã verde de uma macieira... (...) Mas ao longo do tempo fui amadurecendo e agora eu estou bem maduro com essa gente”.
4.4.2. Interesse	Procura de utilidade e proveito.	13 – (Hesita) “O que eu mais interesse na vida agora é que o meu trabalho, que aquilo que eu construí até hoje, que a minha família dê continuidade a esse trabalho que eu tive...”.
5.1.1. Destino: Sorte/Azar	Circunstâncias condicionantes de sucesso.	6 – “Acho que sorte foi fundamental em tudo o que consegui alcançar até hoje. Não me considero particularmente inteligente ou capaz para ter conseguido tanto sucesso exclusivamente por mérito próprio”.
5.1.2. Dificuldade	Grau de dificuldade.	K – “Eu acho que ele foi uma pessoa que não teve a vida muito facilitada. Ou seja, a certo ponto

		facilitada, porque teve a felicidade de viajar e trabalhar, mas não foi fácil. Segundo o que eu sei, ele trabalhou bastante e se conseguiu aquilo que tem hoje é mesmo por mérito cem por cento dele. Sem dúvida”.
5.2.1. Experiências vicariantes	Produto da comparação social na percepção de auto-eficácia.	E – “E o senhor considera que teve alguém que lhe serviu de modelo para se tornar naquilo que é hoje? Que lhe serviu de exemplo?” 13 – “O meu pai (...) Eu ainda hoje, ainda tenho coisas que eu vou daquilo que ele me dizia e eu reconheço que ele tinha razão, que aquilo era como ele dizia, como ele dizia para mim fazer e é que tá certo”.
5.2.2. Persuasões/Pressões sociais	Tipos de avaliações ou juízos externos e efeitos daí decorrentes.	2 – “São chamados os cabeleiros de bairro, que é os das freguesias e quando fui a uma formação que foi com um grande cabeleiro que é de Espanha, que é o senhor Ramón, assim pude provar a minha capacidade, porque ao trabalhar perante grandes cabeleiros, felizmente correu-me muito bem e consegui destacar-me. (...) E ele referiu isso, que eu era uma estrela a trabalhar”. 2 – “Mas também tenho recebido muitos elogios, o que é ótimo. (...) Dá mais segurança para o dia-a-dia”.
5.3.1. Relações interpessoais familiares	Qualidade das redes de suporte familiar.	6 – “As minhas relações familiares são fortes e equilibradas, como expliquei anteriormente. A minha família teve um papel fundamental no que consegui alcançar”.
5.3.2. Relações interpessoais comunitárias	Qualidade das redes de suporte comunitário.	K – “Hee... Acho que basicamente foi o apoio que sempre lhe deram. A maior parte das pessoas sempre lhe deu apoio naquilo que ele sempre fez ou tentou fazer. (...) Também deve ter havido projectos que não passaram do papel, talvez... mas basicamente, acho que foi o apoio da população em geral”.
5.3.3. Características da comunidade/local	Especificidades distintas da comunidade/local.	B – “Agora, se calhar, o facto de ser uma comunidade tão grande, onde há mais... onde há mais coisas menos boas, mas também há coisas muito boas que não... que não são reconhecidas pelos outros e acho que é isso...”.
6.1.1. Ganhos associados ao destaque do sucesso	Benefícios de se destacar o sucesso existente na vila de Rabo de Peixe.	T – “Isso é muito importante para mostrar exactamente que Rabo de Peixe não é só coisas más. Também tem pessoas com sucesso e tem coisas positivas na vila”.

Em todo o procedimento de análise de dados, o sistema de categorização de unidades de registo foi encarado como um instrumento mutável e flexível, o que ajudou numa melhor categorização dos dados, que fosse coerente com a literatura e que fornecesse dados consonantes com os propósitos e objectivos do estudo. Contudo, esta flexibilidade e mutabilidade também constituíram uma das maiores dificuldades devido à reflexão cuidada e contínua que exigiram.

PARTE IV – Apresentação, análise e discussão de resultados

Esta parte do trabalho foca-se essencialmente na apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos na presente investigação. Será feita uma abordagem aos resultados obtidos em cada dimensão e, seguidamente, poder-se-á observar uma síntese geral dos resultados alcançados. Para além disso, será possível assistir a uma comparação entre os resultados da primeira fase da investigação e entre os resultados da segunda fase. Tudo isto com o intuito de melhor se compreender as concepções dos jovens residentes em Rabo de Peixe e das suas referências de sucesso acerca de percursos de vida bem-sucedidos.

1. Caracterização do constructo

No que concerne à primeira dimensão, que se refere à caracterização do constructo (1.), é possível verificar que esta se desdobra na categoria representações sociais de sucesso (1.1.) e na subcategoria sentidos atribuídos aos percursos de vida de sucesso (1.1.1.).

Tendo em consideração a questão da investigação “*O que é considerado um percurso de vida de sucesso?*”, surgiram diversos significados na **primeira fase do estudo** (cf. Quadro 7).

Quadro 7 – Unidades de registo da 1ª fase do estudo na categoria representações sociais de sucesso (1.1.)

Subcategoria 1.1.1.	Indicador	Exemplo de unidade de registo
Sentidos atribuídos aos percursos de vida de sucesso	Percurso associado ao sucesso profissional	Q – “Eu acho que pode ser muito abrangente. Mas, se calhar, o que salta mais à vista são os profissionais”.
		C – “O que eu entendo por uma vida de sucesso? (...) arranjar um bom trabalho”.
		M – “Sucesso... no trabalho...”. (...) M – “ (...) Isso é o ponto essencial, mas o ponto do emprego também”.
	Percurso associado ao sucesso baseado no cumprimento de objectivos/sonhos	B – “Heee... uma vida de sucesso? Acho que cada pessoa tem durante a sua vida... tem determinados objectivos e o facto de conseguir atingi-los e... de conseguir atingi-los, acho que é atingir o sucesso”.
		T – “Uma vida de sucesso é... uma pessoa conseguir cumprir os seus objectivos de vida”.
		I – “Uma vida de sucesso é traçar objectivos e assim que se forem realizando, alcançando esses traços, aí temos sucesso”.
	Percurso associado ao sucesso financeiro	C – “O que eu entendo por uma vida de sucesso? Melhorar em questões financeiras (...) e não depender sempre do rendimento mínimo”.
		X – “Sucesso é... (...) ganhar um bom ordenado”.
		A – “É subjectivo, porque o sucesso pode ser atingir um sonho. Por exemplo, o sonho das pessoas é ter muito dinheiro”.

	Percurso associado ao sucesso familiar	C – “O que eu entendo por uma vida de sucesso? (...) dar um futuro melhor para os meus filhos”.
		M – “... a vida familiar é um dos pontos mais importantes. Sem a... se a gente não está bem com a família, muito dificilmente vai estar bem com a vida. Isso é o ponto essencial”.
		A – “Mas, normalmente, a gente fala a nível de atingir objectivos, tipo (...) ter (...) família, uma vida estável...”.
	Percurso associado ao sucesso baseado na saúde física e mental	X – “Sucesso é... acaba por ter saúde... ter saúde”.
	Percurso associado ao sucesso escolar e académico	B – “Esforçou-se... sei lá... a nível de estudos”.
		A – “Mas, normalmente, a gente fala a nível de atingir objectivos, tipo acabar o seu curso universitário”.
	Percurso associado ao sucesso baseado na promoção do bem para a sociedade	G – “Hum... O que é que entendo? (...) É contribuir para a sociedade de forma positiva. Acho que é isso...”
		R – “É uma pessoa que ajuda as pessoas, que ajuda o próximo...”.
	Percurso associado ao sucesso das relações sociais	M – “(...) o ponto da amizade também é importante”.
	Percurso associado ao sucesso baseado no gosto pelo que se faz	X – “Sucesso é... (...) fazer aquilo que se gosta em termos profissionais (...)”.
K – “(...) Há várias... portanto... definições para o sucesso. Para mim, acho que o sucesso é a pessoa sentir-se realizada com aquilo que fez ao longo da vida. Acho que para mim o sucesso, basicamente, é isso”.		
J – “Uma vida de sucesso? Ser assim... eu acho que é fazer uma coisa que a gente gosta de fazer e ter sucesso naquilo que faz”.		
Percurso associado ao sucesso baseado na sorte	D – “O que entendo por uma vida de sucesso? (...) Pronto... heee... o que é que podemos dizer? Tipo alguém que fez alguma coisa e teve sorte naquilo que fez”.	
Percurso associado ao sucesso baseado na fama	D – “Pronto... heee... o que é que podemos dizer? Tipo alguém que fez alguma coisa (...) Ou foi bem visto... que também as pessoas começaram a falar nele, também por aquilo que ele fez...”.	
	(...)	
	D – “O que é que é ter sucesso? Fica bem visto na população, fica conhecido”.	
	E ⁶ – “Conhecido. Sucesso para ti é mais ou menos sinónimo de fama?”. D – “Exactamente”.	
Percurso associado ao sucesso baseado na posse de bens materiais ⁷	A – “... uma casa, uma casa de luxo...(...) ... as pessoas levam o sucesso para isso”.	

A maioria dos jovens (10) tem como representação de sucesso percursos associados ao cumprimento de objectivos e sonhos. Este é um resultado sugestivo porque pode sugerir um terreno fértil para a cultura do empreendedorismo e do sucesso em Rabo de Peixe, visto que Rodrigues (2008) considera que uma das grandes características dos empreendedores é a sua orientação para os objectivos. Portanto, é possível afirmar que em certos aspectos os jovens rabopeixenses admiram percursos de vida empreendedores. Logo a seguir, a representação mais mencionada foi a do percurso associado ao sucesso profissional, que foi referida por oito jovens. Souza, Trindade,

⁶ E – Entrevistador.

⁷ Entenda-se neste contexto “bens materiais” como tudo aquilo que se possui a nível material, excluindo o dinheiro, pois este está contemplado no indicador “percurso associado ao sucesso financeiro”.

Coutinho e Menandro (2007, p. 9) obtiveram no seu estudo sobre sentidos atribuídos ao sucesso expressões do mesmo género entre estudantes do ensino médio, tais como “Ser alguém é alcançar um emprego sonhado” e “Ser alguém é trabalhar”. Também se descobriram quatro referências relativas a percursos associados ao sucesso financeiro e ao gosto por aquilo que se faz, tal como Souza, Trindade, Coutinho e Menandro (2007, p. 9) também encontraram no seu estudo, do qual se destacam as passagens textuais “Ser alguém é ter dinheiro” e “Ser alguém é fazer o que se gosta como profissão”. Ainda se encontraram três referências relativas a percursos associados ao sucesso familiar. A este propósito, Guimarães e Arraes (2010) referem que o *background* familiar influencia muito o sucesso, fornecendo o exemplo de que os jovens cujos pais eram bem-sucedidos, tinham melhores resultados e classificações nos concursos académicos. De resto, surgiram duas referências relativas a percursos associados ao sucesso escolar e académico e à promoção do bem para a sociedade e uma referência nas restantes categorias (saúde física e mental, relações sociais, sorte, fama e bens materiais).

Em relação ao sucesso escolar e académico, ao sucesso nas relações sociais, ao sucesso baseado na fama e nos bens materiais, Souza, Trindade, Coutinho e Menandro (2007, p. 9), também encontraram referências a estes aspectos, tais como “Ser alguém é estar bem qualificado para entrar em um mercado cada vez mais competitivo”, “Ser alguém é se relacionar bem com as pessoas”, “Ser alguém é se destacar na multidão” e “Ser alguém é ter uma casa”.

A nível do sucesso baseado na promoção do bem para a sociedade, Fawcett *et al* (1995) apontam que o conceito de *empowerment* comunitário fomenta relações recíprocas entre os membros, os líderes comunitários e as parcerias. Logo, se o trabalho comunitário promove relações mais recíprocas de confiança e reconhecimento entre membros da comunidade e os seus líderes, é natural que estes percursos de dedicação à sociedade ou comunidade sejam também valorizados.

Quanto aos percursos de sucesso associados à saúde física e mental, estas são representações muito típicas de quem está a envelhecer ou de quem já passou por doenças ou conviveu com a doença. Foi o que aconteceu no caso da jovem que referiu este indicador. É uma opinião de quem aprecia a vida. Aliás, a saúde é uma das necessidades de segurança apontadas por Maslow (1954), por isso também é natural que esta seja associada ao sucesso.

Finalmente, no que concerne à sorte, a unidade de registo que mencionou este aspecto foi proveniente de uma jovem do sexo feminino. Conforme Bar-Tal e Frieze (1977), muitos estudos têm demonstrado que as mulheres explicam mais o sucesso e insucesso através da sorte que os homens. E foi o que se veio a verificar no caso deste depoimento.

Na **segunda fase do estudo**, tendo em consideração a mesma questão da investigação “*O que é considerado um percurso de vida de sucesso?*”, surgiram diversos significados (cf. Quadro 8).

Quadro 8 – Unidades de registo da 2ª fase do estudo na categoria representações sociais de sucesso (1.1.)

Subcategoria 1.1.1.	Indicador	Exemplo de unidade de registo
Sentidos atribuídos aos percursos de vida de sucesso	Percurso associado ao sucesso profissional	<p>4 – “Pensa-se desde logo, a nível profissional, não é? (...) E tem muito a ver com a realidade e com a realização pessoal que a pessoa tem a nível profissional, não é? Eu acho que está relacionado com isso”.</p> <p>10 – “Pronto, o que é que eu entendo sobre um percurso de vida de sucesso é o seguinte, pronto, eu nunca fui de ter ideias de ser um homem de sucesso cá na freguesia ou em qualquer parte de, pronto, nunca fui assim tanto de pensar nisto...o que é que acontece, a minha vida profissional foi, pronto, trabalhar, evoluir a nossa empresa e ter o sucesso mais, mais, mais, é com a empresa, porque a gente, com a empresa tendo sucesso, indo com novas coisas ou novos produtos para o mercado, coisas diferentes, pronto, acho também que isso é o sucesso, mas, para mim, a ideia do sucesso é mais para a empresa evoluir, manter os mesmos postos de trabalho, a questão da nossa crise está muito complicada, como toda a gente sabe, o nosso sucesso é manter os postos de trabalho e ir para o mercado encontrar outras coisas novas, que há no mercado que é para a gente continuar a faturar, continuar a trabalhar e a manter os postos de trabalho”.</p> <p>10 – “O sucesso vem da nossa... pronto, vem da minha ideia, pronto, penso muito nisso, mas o sucesso é mais investir na empresa”.</p> <p>13 – “O sucesso para mim é o... o sucesso para mim é uma coisa... uma coisa muito importante... o sucesso é... uma pessoa que tem sucesso na vida é uma pessoa (...) que trabalhou, que... trabalhadora, é uma pessoa que vale muito na vida, porque o sucesso vem de nós, nós é que (gagueja) fazemos o sucesso, cada um faz por si próprio...”.</p> <p>13 – “Sim. As pessoas... uma pessoa para ter sucesso tem que trabalhar...”.</p>
	Percurso associado ao sucesso baseado no cumprimento de objectivos/sonhos	<p>1 – “(...) Porque para nós conseguirmos ter algum sucesso temos de começar por baixo, pela base da pirâmide e o caminho tem de ser feito nesse sentido, no sentido ascendente. Começamos por baixo, vamos progredindo, trabalhando e continuando até chegar a uma meta que nós podemos ou não definir, não é? O que para mim pode ser uma meta final, para outras pessoas pode não ser, não é? Pode ser apenas mais uma fase da... dessa caminhada de conquistas. Mas é como dizia, para mim o sucesso está baseado principalmente no trabalho e na dedicação que a pessoa faz diariamente para consigo, para com as suas metas a atingir e para com... e para com os outros, para a restante sociedade, porque, como sabemos, ninguém vive só. (...) Mas, basicamente para mim, é essa a concepção que eu tenho de sucesso é esta. Assim, também um bocado de forma repentina, não é?”.</p> <p>8 – “Um percurso de vida de sucesso é, para mim, tem a ver muito e relaciona-se muito com o facto do esforço que cada um faz, o esforço pessoal de cada pessoa... tem de ser trabalhador, não idealizar as coisas e ficar a meio caminho. Tem de perseverar como forma de atingir um objectivo e esse objectivo só se atinge com muito trabalho, muito esforço, designadamente formação. Sem... sem formação,</p>

		<p>depois não podemos adquirir instru... conhecimentos que nos dão depois ferramentas para poder melhor trilhar o percurso de vida. (...) Portanto, tem de haver muito esforço pessoal, tem que haver determinação. Tem de haver para já um objectivo e esse objectivo para ser alcançado tem de ser exactamente percorrido com muito esforço, muito... muito suor...".</p> <p>11 – “Olha, é aquele que nos traz mais posi... coisas mais positivas do que negativas e com os objectivos alcançados... (...) Quando se traçam objectivos na nossa vida e se consegue alcança-los, pois isto é sucesso, não é?”.</p> <p>E – “Ou seja, essencialmente tem a ver com a concretização de...”. 11 – “... de projectos, reduções, de coisas que ambicionamos ou traçamos para nós ou mesmo para uma comunidade”.</p>
	Percurso associado ao sucesso financeiro	<p>4 – “... necessariamente tem a ver também com alguma... algum poder de posse... tem que haver dinheiro para a pessoa poder se sentir realizada, mas não necessariamente, não é por aí o factor mais importante...”. 9 – “Isto é tentar viver isto ao máximo e as regras para a gente perceber como é que temos de andar... epah! Se calhar, passa por aí, ou seja, o meu ponto... conceito de sucesso passa por... obviamente, não nos podemos desviar da parte capitalista (...) é preciso ter o mínimo de condições financeiras...”.</p>
	Percurso associado ao sucesso familiar	<p>1 – “Portanto, é mais do que isso. Esses sim, eu considero pessoas de sucesso, pessoas que souberam trabalhar, que souberam lutar (...) souberam equilibrar a sua família, porque muitas vezes, hoje em dia principalmente não é fácil conciliar o factor família com o trabalho...”. E⁸ – “Tinha falado comigo anteriormente que o sucesso podia ser várias coisas, certo?”. 2 – “Sim. Por exemplo, em termos (...) familiares...”.</p>
	Percurso associado ao sucesso baseado na promoção do bem para a sociedade	<p>E – “(...) Ou seja, o que é que o senhor entende por sucesso? Sucesso para o senhor é o quê?”. 12 – “Bem, (...) eu fundei a instituição (...)”. (...) 12 – “E a minha missão toda foi trabalhar tanto para as pessoas que mais necessitem. Fundei a (...). Agora, inaugurei (...). Bom, o que é certo neste momento, temos... eu tenho a trabalhar para a (...) setenta e seis pessoas”. (...) 12 – “E agora, vai vir agora, quando começar agora (...), também fica aproximadamente com cento e trinta e tal pessoas para trabalhar”. (...) 12 – “O meu tempo é um tempo como sabe, é sempre envolvido nisso. (...) E isso é uma coisa grátis. (...) Não ganho aqui nenhum”. E – “Exactamente. É só mesmo pelo gosto e pelo serviço à comunidade”.</p>
	Percurso associado ao sucesso das relações sociais	<p>9 – Olha, eu nunca pensei sobre esse assunto muito a sério, mas também pelo percurso de vida que já tenho, pronto, quando falo em percurso de vida, falo nas minhas experiências pessoais e depois tenho que depreender daqui o que é que o meu subconsciente interpreta, o que me levou a fazer durante algum tempo. E o que é que me levou a fazer? Viver em contacto permanente com a sociedade. Agora eu penso, mas porque é que eu gosto tanto de contactar com a sociedade? Bem, eu gosto muito de contactar com pessoas e aliás, na minha vida profissional, tudo o que eu fiz ao longo da vida tem sido um contacto permanente com pessoas e daí, se calhar eu interpreto como sucesso um bom relacionamento com as pessoas. (...) As pessoas que me rodeiam essencialmente. As que em terceiro plano, o que é que acham de mim, o que é que não acham, eu não vou muito por aí. Mas pelo menos tentar, é verdade, fazendo esse exercício agora, é tentar interagir ao máximo com as pessoas... epah... porque isso é assim, esta vida é tão pequenina, tão curtinha”.</p>
	Percurso associado ao sucesso baseado na posse de bens materiais ⁹	<p>9 – “Isto é tentar viver isto ao máximo e as regras para a gente perceber como é que temos de andar... epah! Se calhar, passa por aí, ou seja, o meu ponto... conceito de sucesso passa por... obviamente, não nos podemos desviar da parte capitalista, dos materiais...”.</p>
	Percurso associado ao sucesso emocional	<p>4 – “Mas eu julgo que deve ser relacionado com a felicidade pessoal”. 13 – “O sucesso para mim é o... o sucesso para mim é uma coisa... uma coisa muito importante... o sucesso é... uma pessoa que tem sucesso na vida é uma pessoa feliz”.</p>

⁸ E – Entrevistador.

⁹ Entenda-se neste contexto “bens materiais” como tudo aquilo que se possui a nível material, excluindo o dinheiro, pois este está contemplado no indicador “percurso associado ao sucesso financeiro”.

	Percurso associado ao sucesso a nível cultural	9 – “Epa... e não há substância, não é? Daí, eu prefiro dizer que é muito mais sucesso para mim quem tem, quem conseguiu um certo nível cultural, do que um certo nível financeiro...”.
--	--	---

A maioria dos indivíduos bem-sucedidos (10) tem como representação de sucesso percursos associados ao sucesso profissional. Talvez isto se deva ao facto de muitos já se encontrarem a trabalhar de momento, ao contrário do que acontece no grupo dos jovens, em que só um terço dos participantes trabalhava. Tudo isto parece ter muito a ver com a fase de desenvolvimento identitário onde cada participante se localiza. Enquanto na primeira fase, alguns jovens ainda estavam nas fases da difusão e da moratória propostas por Erikson, na segunda fase do estudo, temos também alguns jovens, mas a maioria dos participantes já é adulta e praticamente todos eles trabalham, portanto já estão em fase de insolvência e de realização, onde assumem compromissos ideológicos relativamente a estes tópicos (Sprinthall & Collins, 1999). Logo a seguir, com três referências, surge a representação do percurso associado ao cumprimento de objectivos e sonhos. De resto, encontraram-se duas referências relativas a percursos associados ao sucesso financeiro, ao sucesso familiar e ao sucesso emocional, e uma referência relativa a percursos associados à promoção do bem para a sociedade, às relações sociais, aos bens materiais e ao nível cultural.

Comparativamente aos jovens, os indivíduos bem-sucedidos mencionaram dois novos tipos de indicadores (sucesso emocional e sucesso a nível cultural), mas não referiram cinco indicadores referidos pelos jovens (sucesso baseado na saúde física e mental, sucesso escolar e académico, sucesso baseado no gosto pelo que se faz, sucesso baseado na sorte, sucesso baseado na fama).

Quanto aos novos indicadores que foram mencionados pelos indivíduos bem-sucedidos, referentes ao sucesso emocional e ao nível cultural, Souza, Trindade, Coutinho e Menandro (2007, p. 9) também encontraram referências a estes aspectos no seu estudo (ex.: “Ser alguém é não ser humilhado no trabalho”; “Ser alguém é ter curso superior”), portanto também são sentidos atribuídos frequentemente ao sucesso.

2. Referências de sucesso na comunidade

No que concerne à segunda dimensão, que se refere a referências de sucesso (2.), é possível verificar que esta se desdobra na categoria identificação e reconhecimento de indivíduos bem-sucedidos na comunidade (2.1.) e na subcategoria existência de exemplos de elementos bem-sucedidos na comunidade (2.1.1.).

Tendo em consideração as questões da investigação “*Quem são os indivíduos reconhecidos como bem-sucedidos em Rabo de Peixe?*” e “*Os exemplos de percursos de vida bem-sucedidos remetem-se ao passado ou à actualidade?*”, surgiram diversas referências na **primeira fase do estudo**, que definiram os sujeitos que participariam na segunda fase (cf. Quadro 9).

Quadro 9 – Referências de sucesso na comunidade de Rabo de Peixe obtidas na 1ª fase do estudo

Participante	Idade	Sexo	Estado civil	Sector ocupacional	Classificação nacional da profissão ¹⁰	Número de vezes que foram referenciados
1	34	Masculino	Solteiro	Sector terciário	Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	1
2	33	Feminino	Casada	Sector terciário	Pessoal dos Serviços e Vendedores	1
3	31	Feminino	Casada	Doméstica	-----	1
4	54	Masculino	Casado	Sector terciário	Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	1
5	84	Masculino	Viúvo	(Sector primário/terciário) Reformado	Trabalhadores Não Qualificados	1
6	24	Masculino	Solteiro	Sector terciário	Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	1
7	22	Masculino	Solteiro	Sector terciário	Pessoal Administrativo e Similares	1
8	58	Masculino	Casado	(Sector terciário) Reformado	Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	3
9	35	Masculino	Casado	Sector terciário	Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	1

¹⁰ Classificação Nacional da Profissão – classificação das profissões por grupos específicos, segundo o Instituto do Emprego e Formação Profissional, disponível em (<http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>)

10	53	Masculino	Casado	Sector secundário/terciário	Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	1
11	60	Feminino	Casada	(Sector terciário) Reformada	Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	2
12	79	Masculino	Casado	(Sector secundário/ terciário) Reformado	Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	1
13	65	Masculino	Casado	Sector secundário/terciário	Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	1

O mais novo dos participantes referenciados tem 22 anos e o mais velho 84. A média total de idades é 48 anos e 7 meses. Relativamente à distribuição por sexos, temos três indivíduos do sexo feminino e dez do sexo masculino, todos eles originários da Vila de Rabo de Peixe. Saliente-se que uma das jovens referenciou dois indivíduos e os restantes apenas um.

Convém mencionar que algumas destas referências de sucesso possuíam algum grau de parentesco com os jovens que os seleccionaram. O indivíduo 2 era cunhada da jovem que a referenciou, o indivíduo 4 era tio do jovem que o referenciou, o indivíduo 5 era avô da jovem que o referenciou e o indivíduo 8 era tio de uma dos jovens que o referenciou. Logo, nestas circunstâncias de selecção apenas houve quatro indivíduos de treze indivíduos bem-sucedidos.

O reconhecimento de sucesso em familiares pode ser explicado pelo papel que estes exercem sobre a família. Krom (2000) refere que há pessoas que são consideradas como “figuras míticas” na família, que têm muita influência nas dinâmicas familiares e que servem de modelos no caminho a seguir. Para além disso, por vezes, também funcionam como uma importante fonte de recursos e de poder para as pessoas em momentos de crise e dificuldades pessoais e familiares. Por isso é natural que alguns familiares sejam apontados como bem-sucedidos.

Como já foi referido anteriormente, neste grupo de referências de sucesso só existem três presenças do sexo feminino que contrastam com as dez do sexo masculino. Logo, poder-se-á inferir que há uma associação predominante do género masculino aos percursos de vida de sucesso. E o que é mais singular, é que as três mulheres referenciadas foram todas apontadas por jovens também do sexo feminino, ou seja, nenhum jovem do sexo masculino apontou mulheres bem-sucedidas. Rodrigues, Assmar e Jablonski (2000, p. 161) relatam que

No caso da questão de género (...), o processo de estereotipar fica bem aparente quando o pensamos em termos de atribuições de causalidade..., outros psicólogos sociais (Deaux & Emsweiller, 1974; Eagly & Steffen, 1984; Feldman-Summers & Kiesler, 1974) vêm demonstrando que diante de uma situação em que, por exemplo, somos apresentados a um bem-sucedido médico ou à sua contrapartida do sexo feminino, tendemos a atribuir o sucesso da mulher a uma maior motivação intrínseca, quando não à pura sorte..., ainda não se espera de uma mulher significativo sucesso profissional. E quando isto acontece, todos tendem a atribuí-lo a uma capacidade fora do comum em termos de motivação ou a uma sorte, igualmente rara.

Portanto, ainda não é usual atribuir sucesso a mulheres e isto explica a elevada predominância do sexo masculino nas escolhas dos jovens. Talvez, também seja por este motivo que ainda não existem muitas mulheres em cargos de chefias e que ainda existem cotas para a sua presença nos assentos das assembleias políticas, por exemplo.

Finalmente, também convém mencionar que todas as referências são figuras da actualidade, não tendo surgido referências a figuras históricas de sucesso. Isto pode significar que as pessoas se identificam com os elementos da sua comunidade, pois reconhecem neles experiências de sucesso e vivências de excelência e manifestam emoções positivas ao falarem deles. Segundo Marujo, Caetano e Rivero (2007), isto também significa que as pessoas nestas situações têm aspirações positivas sobre o futuro e que estão predispostas a mudanças positivas nas suas vidas e na sua comunidade.

Na **segunda fase do estudo**, poder-se-ia ter optado por não questionar os participantes acerca de figuras bem-sucedidas em Rabo de Peixe, mas mesmo assim foram questionados a título de curiosidade investigativa. Obtiveram-se os seguintes resultados (cf. Quadro 10).

Quadro 10 – Referências de sucesso na comunidade de Rabo de Peixe obtidas na 2ª fase do estudo

Participante que referenciou	Sexo da referência	Grau de parentesco (Nº do sujeito)	Figura actual ou do passado	Já tinham sido referenciados pelos jovens?
1	Masculino	-----	Actual	Não
1, 7, 12	Feminino	Tia (1)	Actual	Sim
2, 6, 9	Masculino	-----	Actual	Não
2	Masculino	-----	Actual	Sim
2, 9, 13	Masculino	Irmão (13)	Actual	Sim
3	Não encontra nenhuma referência de sucesso na comunidade.			
4	Refere haver referências de sucesso na comunidade, tanto no passado como na actualidade, mas não quis mencionar quem eram.			
5	Masculino	-----	Passado	Não
6	Feminino	Tia (6)	Actual	Não
	Feminino	-----	Actual	Não
7, 10	Masculino	-----	Actual	Sim
8, 9	Masculino	-----	Passado	Não
8, 13	Masculino	-----	Actual	Não
8	Masculino	-----	Actual	Não
9	Masculino	-----	Actual	Sim
	Masculino	-----	Actual	Não
	Feminino	-----	Actual	Não
	Masculino	-----	Actual	Sim
	Masculino	-----	Actual	Não
	Masculino	-----	Actual	Não
	Masculino	-----	Actual	Não
10, 13	Masculino	-----	Actual	Não
10	Masculino	-----	Actual	Não
	Masculino	-----	Actual	Não
	Masculino	-----	Actual	Não
	Masculino	-----	Actual	Não
11	Masculino	Sobrinho (11)	Actual	Sim
	Masculino	Sobrinho (11)	Actual	Não

Existem vinte e oito referências de sucesso. Relativamente à distribuição por sexos, temos quatro indivíduos do sexo feminino e vinte e quatro do sexo masculino, todos eles oriundos da Vila de Rabo de Peixe. Saliente-se que houve três indivíduos que foram mencionados por três pessoas e quatro indivíduos que foram mencionados por duas pessoas. Desta vez já existem duas figuras do passado, havendo vinte e seis do presente. Por sua vez, sete dos indivíduos referenciados já tinham sido também referenciados pelos jovens, enquanto vinte e um indivíduos são referenciados pela primeira vez.

Continua a haver relações de parentesco entre as referências de sucesso. O indivíduo 1 referiu a tia, o indivíduo 6 também referiu a sua tia, o indivíduo 13 referiu o seu irmão e o indivíduo 11 referiu dois sobrinhos. Logo, nestas circunstâncias de selecção apenas houve cinco indivíduos de vinte e oito bem-sucedidos. Desta vez, não

foi possível determinar as idades e as ocupações de cada uma das novas referências porque estas não foram sujeitas às entrevistas do presente estudo.

Comparativamente ao grupo dos jovens da primeira fase do estudo, os indivíduos bem-sucedidos alongaram-se mais a identificar referências de sucesso (27 vs. 13), contudo houve dois indivíduos que não identificaram ninguém. Um deles porque não reconhecia ninguém de sucesso em Rabo de Peixe e o outro porque simplesmente não quis partilhar as suas referências de sucesso neste estudo. Saliente-se também que surgiram três referências a dois indivíduos já falecidos, ao contrário dos jovens, que só referiram indivíduos da actualidade. Neste caso, o reconhecimento de sucesso em indivíduos falecidos denota uma certa nostalgia do passado e apreciação pelo background histórico da comunidade. Muitas destas apreciações feitas a figuras do passado podem ter origem nos sentimentos experienciados na relação de cada indivíduo com o legado material deixado à comunidade pelos que partiram. Não é por acaso que a cultura material medeia as nossas relações com os mortos e com as mortes (Hallam & Hockey, 2001).

3. Motivos conducentes à percepção de sucesso

No que concerne à terceira dimensão, que se refere aos motivos conducentes à percepção de sucesso (3.), é possível verificar que esta se desdobra nas categorias factores internos (3.1.) e factores externos (3.2.).

Convém relembrar que esta dimensão é especial, porque funciona como uma dimensão de despiste de informação e onde foram colocadas todas as referências e motivos conducentes à percepção de sucesso. Na **primeira fase do estudo**, esta percepção partia dos jovens relativamente ao sucesso dos elementos bem-sucedidos, enquanto na segunda fase do estudo, a percepção partia dos indivíduos bem-sucedidos relativamente aos motivos que os jovens utilizaram para os considerar como referências de sucesso na comunidade de Rabo de Peixe. Nesta dimensão surgiram aspectos ou categorias que não se enquadravam nas restantes dimensões do sistema de categorização e estas foram denominadas por factores internos e factores externos, porque não deixam de ser também atribuições feitas ao sucesso.

Tendo em consideração as questões da investigação “*Porque são estes os indivíduos bem-sucedidos?*” e “*Que factores (atribuições internas ou externas) contribuem para o reconhecimento de sucesso?*”, surgiram diversas unidades de registo na primeira fase do estudo.

No que se refere à categoria dos factores internos (3.1.), foi possível obter unidades de registo ou de significação referentes às subcategorias características da personalidade (3.1.1.), ocupação (3.1.2.), nível de educação (3.1.3.), evolução na vida (3.1.4.) e acções desempenhadas (3.1.5) (cf. Quadro 11).

Quadro 11 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na categoria factores internos (3.1.)

Subcategoria	Indicador	Exemplo de unidade de registo
3.1.1. Características da personalidade	Traços de personalidade do indivíduo em questão que o fazem parecer bem-sucedido.	C – "... Não... como é que eu vou dizer isso? (suspira) Não é de arranjar intrigas com ninguém e o sucesso para mim não é só dinheiro! É em questões de ser boa pessoa, meiga, boa vizinha. Fala com todos". T – "É uma pessoa humilde. É amigo dos outros". I – "Talvez porque tenha um carácter firme e com ideias, das quais ele defende a sua tese e dizendo, defendendo as suas ideias".
3.1.2. Ocupação	O que o indivíduo faz no âmbito da sua vida profissional que o faz parecer bem-sucedido.	X – "Porque foram pessoas que, com poucos estudos, conseguiram desenvolver a actividade que desenvolvem hoje em dia e dar emprego a um grande número de pessoas". D – "Pronto. Teve sucesso... Ele começou a vender hortaliças por aqui. Depois começou a exportar para fora, ainda aqui nos Açores (Faial, Terceira). E se fores ainda lá a essas ilhas...". E ¹¹ – "Eles ainda conhecem o nome desse senhor?". D – "Eles conhecem, porque ele ainda transporta para lá. Ele não vai lá, mas...". E – "... ainda transporta hortaliças para lá". I – "Porque alcançou um nível superior na sua carreira e conseguiu chegar longe".
3.1.3. Nível de educação	Atribuição de sucesso à escolaridade do indivíduo.	Q – "Primeiro, sempre o admirei desde muito jovem. Ele sempre teve muito boas notas a nível escolar. Sempre foi muito bom estudante. Acho que até foi reconhecido algumas vezes cá. E neste momento é um excelente médico de sucesso e (...) e acho que isso é... é notável". M – "(...) Mas tirou o seu curso. Formou-se bem. Está bem formado". F – "(...) Talvez pelos seus estudos também".
3.1.4. Evolução na vida	Atribuição de sucesso a uma evolução gradativa no percurso de vida.	A – "É uma pessoa que veio... (como eu te disse) que veio de uma classe média baixa e que hoje em dia está na classe alta".
3.1.5. Acções desempenhadas	O que o indivíduo faz em concreto que o faz parecer bem-sucedido.	C – "Ela é muito meiga, uma rapariga lutadora, que até há pouco tempo fez um império, fez uma grande festa".

A maioria dos jovens (14) apontou como motivos conducentes ao sucesso dos indivíduos referenciados aspectos referentes à ocupação, ou seja poder-se-á dizer que o sucesso se manifesta muitas vezes através daquilo que se faz no âmbito da vida profissional, que mais uma vez denota uma valorização do mundo do trabalho, tal como Souza, Trindade, Coutinho e Menandro (2007) tinham encontrado. Logo a seguir, os motivos mais mencionados foram os aspectos relacionados com as características da personalidade, que foram referidos por dez jovens. As características de personalidade realmente assumem um papel determinante na obtenção de sucesso. Lebres (1996) por

¹¹ E – Entrevistador.

partilhar esta mesma opinião, analisa o sucesso no trabalho em função de características de personalidade como a tranquilidade/ansiedade, extroversão/introversão, assertividade/submissão, responsabilidade/flexibilidade e idealismo/pragmatismo. E dependendo da maior ou menor manifestação destas características, os indivíduos seriam melhor ou pior remunerados, teriam mais ou menos promoções, entre outros aspectos. Como já é de esperar, associação de todas estas características ao sucesso é extremamente subjectiva, o que justifica a diversidade de orientações nas unidades de registo dos participantes no que toca a este assunto. De resto, encontraram-se 4 referências relativas a aspectos relacionados com o nível de educação, tal como Souza, Trindade, Coutinho e Menandro (2007) tinham encontrado e uma referência relativa a aspectos relacionados com a evolução na vida e com as acções desempenhadas.

Quanto aos aspectos relacionados com a evolução na vida, é possível associá-los também às questões da construção identitária (Sprinthall & Collins, 1999) onde as pessoas abandonam a fase da moratória, onde experienciam tudo e passam a estabelecer compromissos e a assumir papéis sociais, construindo as suas identidades. Souza, Trindade, Coutinho e Menandro (2007) encontraram um sentido atribuído ao sucesso que ilustra bem este assunto: “Ser alguém é construir uma identidade, assumir um lugar social”. Relativamente às acções desempenhadas, estas são os factores mais visíveis que podem ser associados ao sucesso. É o típico caso de se julgar as pessoas por aquilo que fazem e não pelo que são. Se bem que estas acções destacadas podem realmente constituir experiências de mestria para os indivíduos referenciados como bem-sucedidos (Bandura, 1997).

Tendo em consideração as questões da investigação “*Quais os motivos que levaram os outros a considerá-lo uma pessoa bem-sucedida?*” e “*Que factores (atribuições internas ou externas) contribuíram para reconhecimento do teu sucesso?*”, também surgiram diversas unidades de registo na **segunda fase do estudo**.

Embora a orientação dessas duas questões da investigação seja ligeiramente diferente nesta segunda fase do estudo, as categorias e subcategorias mantêm-se idênticas às da primeira fase (cf. Quadro 12).

Quadro 12 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na categoria factores internos (3.1.)

Subcategoria	Indicador	Exemplo de unidade de registo
1.1.1. Características da personalidade	Traços de personalidade do indivíduo em questão que o fazem parecer bem-sucedido.	<p>1 – “E tu sabes. (...) sempre contribuí duma forma desinteressada, não é? No sentido de não obter qualquer contrapartida directa ou indirecta daí e penso que é por aí que as pessoas poderão ter apontado a minha pessoa como sendo uma pessoa de sucesso. Agora, digo e como já disse, nós temos de trabalhar diariamente, não é? Porque, quem fica em casa ou quem fica no seu canto acomodado à espera que os outros venham resolver os seus problemas...”</p> <p>11 – “Olha, porque as pessoas também não devem saber dos insucessos que eu tenho tido. Mas a vida é feita de sucessos e de insucessos. Não podemos é ficar na mó de baixo quando as coisas menos boas nos acontecem e ir à luta por coisas boas”.</p> <p>(...)</p> <p>11 – “(Hesita) Apontam-me porque... ainda ontem, alguém me dizia “A senhora é muito teimosa”. Não! Eu sou muito lutadora e persistente e isso também leva-nos muita vez a alcançar o sucesso”.</p> <p>13 – “(Ri-se) Bom... eu, não é por eu... eu, por acaso, sou um rapaz calmo, sou um rapaz que respeito as pessoas, tanto faz novos, velhos...”</p> <p>(...)</p> <p>13 – Respeito as pessoas, senhoras... Isso é uma coisa que eu tenho minha pelas pessoas... Tenho isso comigo e portanto, talvez fosse por causa disso que as pessoas gostaram de mim ou gostam em mim, porque eu tenho isso comigo. Mesmo aqui na minha... aqui na minha... no meu negócio, na minha vida profissional, as pessoas agarram-se muito a mim... (...) Gostam de mim e não me largam da mão, tomam conselhos comigo e mesmo em termos de carpintaria e de coisas, muitas pessoas tomam conselhos comigo e assim gostam do meu falar e do meu pensar, das minhas ideias para isso...”</p>
1.1.2. Ocupação	O que o indivíduo faz no âmbito da sua vida profissional que o faz parecer bem-sucedido.	<p>2 – “(Hesita) Porque é que me indicaram? Talvez porque já tenho algum sucesso. Tenho... já trabalho há alguns anos na freguesia e acho que também sou... profissionalmente, também sou uma pessoa de sucesso, penso...”</p> <p>4 – “Pronto, se calhar, enfim como eu tive um cargo público durante doze anos. Fui Director aqui do (...), terá sido por isso...”</p> <p>10 – “Sim, pronto, se alguém lhe indicou o meu nome, não sei, mas, pronto, está à vista toda a nossa empresa é uma empresa que, graças a Deus, é sólida, está no mercado e, não sei, indicaram o meu nome não sei porquê, mas pronto, eu tenho feito algumas coisas, tenho ido para o mercado exterior, tenho praticamente para o estrangeiro, já fiz uma feira em Cabo Verde, agora em outubro ou novembro vou lá outra vez, pronto, isso é mais porque Cabo Verde é um país que também está em desenvolvimento e lá não há (...), não há assim esses produtos lá para eles e já mandamos para lá alguns contentores com (...) e agora em Novembro vai haver mais uma vez mais uma feira na cidade da Praia e vou estar lá outra vez, a apresentar a nossa empresa, pronto, talvez, não sei, há pessoas que nunca... disseram o meu nome... talvez porque veem isso, ou às vezes, produz-se... também, pronto, há uma coisa que nós fizemos, que está no mercado agora, que foi uma coisa que desenvolvemos... desenvolvemos... já estava desenvolvida por outras empresas, mas desenvolvemos outras cores, que é o (...), produto acabado, com várias cores, e já vendemos o (...), que é para (...), já pronto a aplicar, pronto, é um produto novo que nós desenvolvemos, outras cores, havia só duas cores no mercado, desenvolvemos mais seis cores...”</p>
1.1.3. Nível de educação	Atribuição de sucesso à escolaridade do	Não foram feitas referências neste âmbito.

	indivíduo.	
1.1.4. Evolução na vida	Atribuição de sucesso a uma evolução gradativa no percurso de vida.	6 – “Precisamente por ter tirado o máximo proveito das circunstâncias em que me encontrava e ter singrado de forma exemplar, de algum modo contra as expectativas”.
1.1.5. Acções desempenhadas	O que o indivíduo faz em concreto que o faz parecer bem-sucedido.	<p>3 – “Não sei, não estou a ver”. (...) 3 – “A não ser que fosse pela festa. De resto...”. E – “Pela festa do Espírito Santo, certo?”. 3 – “Só se foi por isso”.</p> <p>8 – “(...) e também tenho o contacto muito directo com a população. Por via de exercer este ou aquele cargo que acho que não me evidencia, eu acho que também trabalho em termos de comunidade, esforçando-me para que se melhore e se dignifique e se promova a comunidade onde estou inserido. Não sou daqueles que fica em casa...”.</p> <p>9 – “E eu comecei a pensar exactamente que muito daquilo que faço hoje em dia (gagueja) aquilo que faço hoje em dia na comunidade ou no (...) ou na (...) ou mesmo profissionalmente, obriga-me a pensar muito no custo de benefício causa-efeito... (...) Porque é que eu estou aqui? Porque é que eu cheguei aqui? Portanto, eu presumo acima de tudo que, porque nós estamos a falar dos doze aos trinta, estamos a falar de pessoas que provavelmente ou foram minhas alunas...”. E – “Dos dezoito aos trinta...”. 9 – “Dos dezoito aos trinta... (...) Ou foram minhas alunas de aulas de (...)”. E – “Provavelmente...”. 9 – “Ou foram meus (...), porque fiz treze anos de (...) Ou se calhar, por via de estar aqui no Clube (...), quer dizer, eu sinto que há um fruto do meu resultado e eu às vezes até tenho achado isso, que é uma deficiência que nós temos que é isto de dar muito à comunidade e de normalmente, às vezes receber muito pouco ou nada. Pronto, mas isso é assim. Tem que haver sempre alguém que o faça, só por aí, porque de resto... uma pessoa na comunidade tem que manter aquilo que é...”.</p>

A maioria dos indivíduos bem-sucedidos (7) apontou como motivos conducentes ao sucesso aspectos referentes às características da personalidade. Logo a seguir, os motivos mais mencionados foram os aspectos relacionados com a ocupação, que foram referidos por seis indivíduos. De resto, encontraram-se três referências relativas a aspectos relacionados com acções desempenhadas e uma referência relativa a aspectos relacionados com a evolução na vida.

Comparativamente aos jovens, os indivíduos bem-sucedidos não mencionaram nenhum aspecto relacionado com o nível de educação, se calhar, porque muitos deles já abandonaram os estudos e passaram a ser mais pragmáticos e defensores das práticas profissionais, características mais típicas de fases de realização do desenvolvimento identitário (Sprinthall & Collins, 1999).

Agora, tendo em consideração as mesmas questões da investigação referidas anteriormente para os participantes da **primeira fase do estudo**, no que se refere à

categoria dos factores externos (3.2.), foi possível obter unidades de registo ou de significação referentes à subcategoria sucesso familiar (3.2.1.) (cf. Quadro 13).

Quadro 13 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na categoria factores externos (3.2.)

Subcategoria	Indicador	Unidade de registo
3.2.1. Sucesso familiar	Implicação do êxito familiar no sucesso do indivíduo.	A – “Tem uma família de sucesso, porque até hoje está com a sua esposa. Tem os seus filhos todos a estudar e já alguns já acabaram, estão... estão...”. (...) A – “... a exercer as suas funções e acho-lhe uma pessoa feliz”.

O único jovem que apontou como motivos conducentes ao sucesso dos indivíduos referenciados factores externos, mencionou aspectos associados ao sucesso familiar.

Há quem considere esta subcategoria como um erro atribucional, ou seja, uma tendência de atribuição associada aos estereótipos e preconceitos, aos rótulos. Beck (2001) refere isso mesmo, que diferentes fontes de tendências atribucionais poderiam advir de estereótipos, rótulos e preconceitos e ainda menciona que o rótulo é atribuído para facilitar a previsão de comportamentos e acções. Estas situações ocorrem frequentemente associadas a questões de género ou etnia (ex: “homens são mais bem-sucedidos que as mulheres”; “asiáticos são mais bem-sucedidos”). Aqui neste caso do sujeito A, o rótulo seria a associação a uma família de sucesso, onde existe um casamento perfeito com filhos muito bem-sucedidos, logo só isso já serviria por si para justificar o sucesso. Mas, o raciocínio de A não está totalmente errado, porque efectivamente existem influências externas da família e do meio onde o indivíduo está inserido que o podem tornar melhor sucedido. O sentimento de comunidade assume uma nova dimensão e pode mesmo influenciar o sucesso dos indivíduos. Tal como Santos (2010, p. 30) preconizava, o sentimento de comunidade é importante, porque pode gerar comunidades mais fortes, onde os indivíduos se sentem mais seguros, felizes e auto-eficazes, logo, mais bem-sucedidos.

Tendo em consideração as mesmas questões da investigação referidas anteriormente para os sujeitos da **segunda fase do estudo** e respeitando o mesmo sistema de categorização, não surgiram unidades de registo na segunda fase do estudo.

A partir destes resultados, talvez se possa inferir que os participantes em Rabo de Peixe privilegiem as atribuições internas do sucesso em detrimento das externas, tal como Santos (2010) também constatara. Esta dimensão dos motivos conducentes à percepção de sucesso (3.) foi bastante útil, pois permitiu recuperar informações

pertinentes que poderiam ter sido remetidas para o esquecimento, pelo facto de não serem incluídas nos restantes parâmetros do dispositivo de análise. Logo, foi possível criar novas categorias em torno da temática das concepções de sucesso.

4. Factores internos

Tendo em consideração a questão da investigação “*Que factores (atribuições internas) contribuem para o reconhecimento de sucesso/do seu sucesso?*” (consoante a primeira ou segunda fase do estudo), surgiram diversas unidades de registo.

No que concerne à quarta dimensão, que se refere aos factores internos (4.), é possível verificar que esta se desdobra nas categorias atribuições (4.1.), fontes de auto-eficácia (4.2.), sentimento de comunidade (4.3.) e características desenvolvimentistas (4.4.).

No que se relaciona com a categoria das atribuições (4.1.), é possível encontrar referências ao esforço dispendido (4.1.1.) e à capacidade (4.1.2.).

Focando a atenção no esforço dispendido (4.1.1.), este é caracterizado como o grau de energia dispendida para executar algo (para gerar trabalho) e muitas vezes é mencionado como um factor que contribui para o sucesso, como se pode verificar nos seguintes testemunhos exemplificativos encontradas na **primeira fase do estudo**:

B – “Esforçou-se... (...) a nível de estudos, da vida profissional, iniciativa, projectos...”.

M – “Muito. Até que ele era... ele trava... o ramo dele era (...) E... esforçou-se e estudou para...”.

R – “Sim, ela lutou muito e estudou... (...) Ela teve que tirar o curso (...) para ter um trabalho agora”.

O esforço foi uma das atribuições sempre empregues por todos os participantes da primeira fase do estudo. Portanto, houve um total de quinze respostas desse género. Santos (2010), no seu estudo sobre o sucesso dos estudantes do ensino profissional refere que o esforço dispendido é o aspecto mais apontado para justificar o sucesso, em detrimento da capacidade, dificuldade da tarefa e da sorte, facto que entra em consonância com os resultados do presente estudo.

Na **segunda fase do estudo**, também se assistiu a muitas vocalizações desse tipo:

1 – “A nível de esforço... (hesita) médio/elevado, tendo como referência outros jovens da minha geração que estavam ou que partiram em situações de igualdade, não é?”.

2 – “Esforcei-me muito. E acho que para a gente ter algum sucesso, temos de ser muito sinceros e justos. (...) E tratar as pessoas sempre tudo por igual e principalmente isso. (...) Tenho trabalhado muito, tenho me esforçado muito e...”.

3 – “Pronto, foi com muito esforço que a gente fizemos tudo e optamos tudo para fazer tudo bem feitinho”.

Tal como na primeira fase do estudo, o esforço também foi sempre uma das atribuições utilizadas por todos os participantes, havendo um total de treze respostas deste género. Ou seja, em ambas as fases, parece que o esforço é uma das atribuições inegáveis para o sucesso dos indivíduos em Rabo de Peixe. A referência ao esforço é típica de quem está motivado para aprender ao longo da vida, dominar assuntos e conhecimentos, melhorar habilidades e crescer intelectualmente. (Accorsi, Bzuneck & Guimarães, 2007). Por sua vez, quem valoriza mais a capacidade em detrimento do esforço evita ter muito trabalho (Accorsi, Bzuneck & Guimarães, 2007).

Quanto à capacidade (4.1.2.), esta é definida como o grau de competência e inteligência para desempenhar algo e frequentemente é atribuída à existência de sucesso, como é possível observar nas seguintes intervenções exemplificativas encontradas na **primeira fase do estudo**:

Q – “Sim. Acho que... ele também foi uma pessoa que nasceu com muitas capacidades...”.

C – “Está... Sim, ela tem... não digo mais, mas tem as suas capacidades, tem as suas vantagens”.

K – “É uma pessoa muito inteligente (...) Muito competente mesmo. Pronto, e está à vista. Ele sempre fez parte de corpos directivos e é uma pessoa muito querida, muito conhecida”.

A capacidade, a par do esforço, também foi uma das atribuições sempre empregues por todos os participantes da primeira fase do estudo. Portanto, houve um total de quinze respostas desse género. Estes resultados estão em consonância com as conclusões de vários estudos de identificação das causas de sucesso e fracasso (Frieze, 1976, Bar-Tal & Daron, 1977, Cooper & Burger, 1978, Maluf & Marques, 1983 *in*

Beck, 2001) que atribuem à capacidade e ao esforço um papel dominante e determinante na obtenção de sucesso.

Na **segunda fase do estudo**, também se assistiu a muitos depoimentos desse tipo:

6 – “Sim, acho que sou capaz e inteligente, mas sobretudo trabalhador. Acho que sem trabalho não se chega a lado nenhum, mas valorizo simultaneamente a importância de relativizar o trabalho e ser capaz de ver para além dele, cultivando relações pessoais e contribuindo para o bem comum. Apercebo-me cada vez mais da importância de cooperar e aceitar a cooperação alheia, na medida em que isso contribui para desenvolver as minhas próprias capacidades”.

8 – “Bom, se eu não tivesse a versatilidade de carácter, certamente que não teria a capacidade de enfrentar inúmeras situações diárias que é preciso resolver e é preciso estar atento e saber e ter o bom senso de as resolver da melhor forma. Eu procuro sempre... eu acho que a instrução vai bater sempre aqui, porque quando a gente adquire os conhecimentos, temos as ferramentas para poder saber agir, para poder saber escolher os caminhos e foi face a isso que acomodei a bagagem suficiente que me deu a rotação suficiente para poder enfrentar as questões e resolver os problemas, porque tive em várias posições em termos da profissão que me obrigavam a ter e a escolher o melhor caminho para poder ter sucesso numa resposta que é preciso dar a um problema”.

9 – “Eu... eu... é assim, eu... é difícil falar sobre nós, porque ser juiz em causa própria é muito delicado. Obviamente que eu não posso deixar de dizer que o meu percurso académico, portanto... desde... eu fiz um percurso interessante, ou seja, do quinto ao nono ano, no terceiro período, as minhas notas eram tudo cinco (...) à excepção do sétimo ano, onde tive três quatuos, no oitavo, quatro ou cinco, portanto, tive um percurso académico muito interessante e deu-me bases, deu-me bases para depois aproveitar num secundário virado assim para o descabeçado, uma entrada para a universidade de que não fiz caso e não sei quê... mas pronto... tive a opor... tive a sorte, se calhar a sorte divina talvez de ter um bocadinho de... de... de... de uma capacidade intelectual”.

Tal como na primeira fase do estudo, a capacidade também foi uma das atribuições mais utilizadas pelos sujeitos, havendo um total de dez respostas deste género. Alguns dos participantes mencionaram ter capacidades e inteligência, mas sobretudo muito esforço dispendido, o que confirma o carácter dominante desta subcategoria. Santos (2010) expõe que ao se atribuir à capacidade um papel secundário face ao trabalho, há uma clara noção da necessidade de esforço para se obter sucesso. Saliente-se ainda que três participantes bem-sucedidos que evitaram mencionar as

capacidades que tinham e disseram que estas teriam de ser alvo de avaliação externa, talvez numa tónica de humildade, como se pode ver nas seguintes passagens:

1 – (...) Obviamente que reconheço valor à minha pessoa. Como já disse, sei... sei até onde posso chegar e sei como posso trabalhar para lá chegar, mas como... a avaliação tem de ser sempre externa, isso vai ter que partir, senão... há aqui... nós estamos a entrar por um caminho de subjectividade, não é?”.

5 – “Ema! Quem há-de dizer é os outros, que eu não sei... (...) Não sei, não sei... (...) A gente não somos o que queremos ser. A gente somos o que o povo quer”.

7 – “ (...) agora, não sei o que é que os outros hão de achar... (...) É, os outros que dêem a sua opinião”.

Esta ocorrência pode ser justificada pelo facto de os sujeitos desta fase estarem a falar de si próprios e não estarem habituados a destacar as suas capacidades publicamente, enquanto os jovens da primeira fase não tinham grandes reticências em destacar capacidades, porque não estavam a falar de si próprios. Esta postura humilde e modesta é bastante típica de regiões cristãs mediterrânicas onde o destaque de capacidades pode ser encarado como vaidade ou altivez, daí a hesitação em mencionar estes aspectos. Ascher (2004) conta que os valores da exaltação surgiram mais publicamente na altura do Renascimento e da reforma católica, valores que contrastavam com os modelos vigentes da igreja acerca da humildade pessoal. Como Rabo de Peixe é uma terra fortemente ligada à igreja tradicional (romana), com um grande número de fiéis, algumas pessoas continuam a manifestar desconforto em falar bem de si. Mas, apesar de tudo, em ambas as fases, parece que a capacidade também é uma das atribuições inegáveis para o sucesso dos indivíduos em Rabo de Peixe.

No que se relaciona com a categoria das fontes de auto-eficácia (4.2.), é possível encontrar referências às experiências de mestria (4.2.1.) e aos estados fisiológicos e psicológicos (4.2.2).

Focando a atenção nas experiências de mestria (4.2.1.), estas são caracterizadas como situações onde os indivíduos foram bem-sucedidos. Bandura (1986) menciona que o peso que irá ser dado às novas experiências dependerá da natureza das experiências de mestria. Assim, neste parâmetro encontraram-se unidades de registo de várias naturezas na **primeira fase do estudo**. Assim, a maioria dos jovens (7)

mencionaram experiências de mestria baseadas na conquista de cargos e ocupações de destaque como as demonstradas nestes exemplos:

J – “Pronto... (suspira) hee... é assim, de ela ter sido Presidente da (...), para mim é um grandessíssimo sucesso porque... pronto... de (...) para Presidente é um cargo muito diferente... (...) Por isso, eu acho que é um grande sucesso”.

I – “(suspira) Agora assim, talvez ter ganho as eleições para a Presidência da (...) ainda que tenha sido... Era de Rabo de Peixe e muitos diziam que não ia ganhar e ganhou (...) Eu acho que ele se sentiu confiante pela sua campanha que fez. (...) Após o seu mandato, é lógico que vamos adquirindo provas, novos conhecimentos, novas atitudes e daí ser...”.

A – “Uma pessoa que é eleita para três mandatos, se não me engano, para a (...), não é? Acho que não é para qualquer um”.

O segundo tipo de experiências de mestria mais referido na primeira fase, com três menções, foram as associadas à fundação de grupos e movimentos associativos:

M – “Com o que ele já fez? O Clube (...) é um exemplo. Aquilo não havia. Ele abriu postos de trabalho. Formou jovens na área do desporto. (...) Ele é que fundou”.

K – “Há vários... Há vários... Ele... pronto... um pormenor pequeno e grande ao mesmo tempo é o (...), por exemplo, ele é que é o maior motor impulsionador do (...) e ele nunca deixou morrer. É um pequeno exemplo entre muitos outros”.

E¹² – “Por exemplo, falaste que ele lançou o Grupo de (...)”.

A – Nesse momento ele é o (...) daquele grupo, tanto do (...) também. O (...) da nossa vila, ele também é (...) É sempre um cargo, claro, é sempre um cargo dos mais acima que pode haver no grupo”.

Também surgiram duas referências a experiências de mestria associadas à realização de festividades e eventos:

C – “Eeh... Pronto... É assim, é um exemplo... O irmão teve um acidente antes da festa (...) Ela ficou muito abatida, chocada, porque o irmão ficou mesmo em estado grave. (...) Não morreu por milagre. Mas mesmo assim, com a força que ela teve, ela conseguiu realizar a sua festa e ver o irmão... O irmão, ela conseguiu com que o irmão viesse do hospital, com a autorização dos médicos, para a festa.

¹² E – Entrevistador.

Ele está ali à porta assim... Já foi uma grande alegria para ela, portanto eu penso que ela é uma pessoa de sucesso, assim com capacidades e que apesar da tragédia, conseguiu vencer”.

D – “Ahm... Pronto... Para veres... Ele teve vendendo para fora. Ele foi uma pessoa que pegou cinco vezes na festa da (...) Hee... Pronto, se ele não tivesse tido sucesso, supostamente não pegava nessas vezes todas”.

Surgiram também duas referências acerca de experiências de mestria associadas à contribuição para o bem da comunidade:

R – “Não sei, porque é assim, eu só sei, desde que eu me lembro dela até hoje, eu só sei que ela sabe... só sabe fazer o bem... nunca sabe fazer o mal... ela gosta muito de ajudar os outros. (...) Um exemplo... Não deixa um irmão passar necessidade... ajuda (...) e dá alimentação...”.

A – “Muito. Muito! Por isso contribuiu para que a vila fosse vila hoje em dia”.

E – “Sim. Ele foi uma das...”.

A – “... uma das pessoas fundamentais nesse processo”.

De resto, só surgiu uma referência acerca de experiências de mestria associadas às conquistas acadêmicas:

Q – “Lembro-me... Olhe! Lembro-me do exame nacional de Matemática. Ele foi o aluno que teve 20 (...) 20 valores. Depois, a estudar na universidade, ele foi o melhor estudante de (...) da Universidade (...)”.

Surgiu também uma referência sobre experiências de mestria associadas ao empreendedorismo:

X – “O que os distingue é que eles começaram com uma empresa muito pequena do pai. Entretanto, o pai faleceu e eles deram continuidade. Hoje em dia têm um espaço, quase uma rua inteira que lhes pertence em termos de espaços físicos, claro. (...) À medida que eles foram ganhando clientes e foram expandindo o seu negócio, claro que se sentiram muito mais confiantes para dar continuidade ao seu trabalho, tanto que hoje em dia, até alguns dos filhos trabalham para a empresa por uma questão de segurança. Sentem-se seguros em termos de mercado de trabalho, porque a empresa é sólida”.

Apenas um jovem não conseguiu identificar experiências de mestria acerca da sua referência de sucesso, porque não se conseguia lembrar na ocasião de algum exemplo.

Na **segunda fase do estudo**, neste parâmetro, também se encontraram unidades de registo de várias naturezas. Assim, a maioria dos indivíduos bem-sucedidos (6) mencionaram experiências de mestria baseadas nas conquistas académicas como as demonstradas nestes exemplos:

1 – “Isto é uma coisa difícil, porque é assim, se me perguntares “Olha, tinhas como meta entrar na universidade e licenciar-te” (...) Bem-sucedido! Sim!”.

4 – “Desde logo, portanto, a nível escolar, portanto, o êxito em termos de reconhecimento dos estudos, portanto, as avaliações que sempre tive, sempre foram boas. Sempre tive boas classificações. Portanto, isso desde logo, começa por ser um reconhecimento e um incentivo para... para continuar. Depois, a nível profissional (...) também, depois tive também esse retorno, enfim, do investimento que fiz em esforço...”.

11 – “Ai! Olhe, sinto muito orgulho em ter-me licenciado aos quarenta e oito anos...”.

Com três testemunhos, foram referidas experiências de mestria associadas à realização de festividades e eventos:

3 – “O único sucesso que eu achei para mim que eu tive foi aquilo que eu fiz na festa”.

5 – “E eu também fiz cinco”.

E – “Cinco Impérios. Isso é que é! Bandeiras, Bandeiras! Exacto. Não é?”.

5 – “Isso é que é!”.

13 – “(...) teve muitas coisas na vida que para mim que eu... por exemplo, o dia em que eu peguei na Bandeira do Espírito Santo foi um dia com muita alegria...”.

Igualmente com três testemunhos, foram referidas experiências de mestria associadas à contribuição para o bem da comunidade:

7 – “Muita gente tem pedido apoios para preencher papeladas (...) Outra parte é sobre os computadores, que eu tive uma altura em que eu dava formação. E tem muito pessoal que tem me pedido ajuda e eu sei indicar a pessoa certa que sabe ajudar ou dar umas pequenas dicas”.

11 – “(...) Pronto, agora há pouquíssimo tempo, nós conseguimos, há três anos que andamos numa luta constante por um terreno para a (...) daqui de Rabo de Peixe. (...) A semana passada tive uma mensagem de alguém do Governo, de alguém que deu a decisão final, que o documento já está... que o

terreno já está em nome da (...) Aí foi uma vitória para mim e para o grupo (...) A comunidade é que ganha com isto”.

12 – “Tenho sido bem-sucedido e também a gente... eu também não sou aquele tipo de homens que de repente... a pessoa tem uma mensalidade, eu olho sempre às pessoas que realmente não podem pagar muito, eu faço uma doação grande... (...) Não preciso de dinheiros aqui, preciso é daqueles para manter isso... (...) E depois também algum pai que trabalha mais a mãe, o pai é despedido, fica logo com uma carta que reduz a mensalidade para metade, quer dizer eu trabalho dessa maneira...”.

Com duas vocalizações, foram referidas experiências de mestria associadas à entrada para o mercado de trabalho:

1 – “Bem-sucedido! Sim! “Numa altura difícil, conseguiste entrar no mercado de trabalho”. Sim! Bem-sucedido!”.

7 – “Foi... foi o trabalho. (...) Que eu tive uma fase durante dez meses. Quando acabou o... eu comecei a fazer o estágio em 2009, eu comecei em Janeiro acabei em Dezembro. Era de seis meses, depois o governo subiu para um ano. (...) E eu tinha essa época e depois fiquei desempregado durante dez meses e eu passei uma fase ruim, que meu pai, na altura, também ficou desempregado da empresa (...). E, ao fim de dez meses, eu consegui, pelo menos...”.

E – “Exato, isso é ótimo... (...) Isso foi um dos momentos altos da tua vida e dos teus objectivos, exacto. E achas que todas... pronto, o facto de tu teres conseguido um trabalho, ou seja, de teres sido bem-sucedido, contribuiu para que te sentisses muito mais confiante?”.

7 – “Sim, sim. (...) Melhorei os objetivos, em termos que eu era muito envergonhado e está superado...”.

Igualmente com duas vocalizações, foram referidas experiências de mestria associadas ao reconhecimento da comunidade:

8 – “(...) eu senti-me algumas vezes acarinhado por algumas distinções que recebi... (...) Tanto na nossa comunidade, como... menos aqui na nossa comunidade...”.

9- “Depois de os pescadores, por si, serem uma comunidade particularmente difícil de se movimentar em termos de (...) terem-me conduzido a mim e acreditarem em mim, ou seja, não houve... ninguém consegue já mandar neles... Eles percebem que existem alguns níveis de financiamento de tudo o que possam criar e eles não precisam só dos apoios do Estado. Eles, por si só, já conseguem... Eles... só o facto de acreditarem em mim, terem-me convidado, as coisas estarem a funcionar, eu sinto-me motivo de orgulho pelo facto de dizerem “Este gajo serve-nos”, quando toda a gente quer ir para a pesca, toda a gente quer aparecer na televisão na pesca, porque é um grande *lobby* grande e aí eu sinto, porque é

assim... epah... não preciso de ir uma vez... de vez em quando vou ao “Bom-Dia” por causa do (...) e para eles, eu podia aparecer todos os dias, até politicamente seria muito interessante e não sei quê... mas não, eles têm muito respeitado isso, têm respeitado isso, daí, talvez...”.

Também com duas vocalizações, foram referidas experiências de mestria associadas ao empreendedorismo:

10 – “Pronto, não... Momentos altos... a gente costuma fazer as coisas, nunca vamos com o pé à frente do outro. O que é que acontece, nós, na nossa empresa, vamos fazendo as coisas sempre conforme o grau da empresa, nunca fazemos investimentos de uma vez só, temos o cuidado de ir fazendo as coisas com calma, este ano fizemos, pronto, estou-me a referir para trás, em 1998, fizemos um investimento maior (...), compramos quatro máquinas, fizemos um projeto económico, foi tudo aprovado a cem por cento, são essas coisas que a gente, pronto, que é o sucesso (...) e quando nós vamos assinar os contratos, que temos de ir lá abaixo, a Ponta Delgada, à Secretaria da Economia, com o senhor secretário e a gente temos elogios deles, porque é uma empresa sólida...isso, para nós, faz-nos...quando alguém do governo...”.

13 – “(Hesita pensativamente) O sucesso que eu tenho na minha vida foi a... quer dizer... a... o negócio que o meu pai tinha... pra... pra... eu principalmente... o sucesso que nós aumentamos muito essa vida... (...) Isso foi um... Para mim foi um sucesso, porque aumentou também essa vida, essa nossa firma (...) foi um sucesso derivado a minha pessoa também”.

Ainda houve uma intervenção relacionada com experiências de mestria associadas às conquistas profissionais:

2 – “Não... não... Há uns três anos, quando ia às formações, notava entre os outros (...) que não havia respeito sobre a minha pessoa, porque eu trabalho numa freguesia e infelizmente os outros trabalham em parques hotéis, em hotéis, têm muito... parece que são melhores que os outros. (...) Exactamente. E somos os (...) de bairro. (...) São chamados os (...) de bairro, que é os das freguesias e quando fui a uma formação que foi com um grande (...) que é de Espanha, que é o senhor (...), assim pude provar a minha capacidade, porque ao trabalhar perante grandes (...), felizmente correu-me muito bem e consegui destacar-me. (...) E ele referiu isso, que eu era uma estrela a trabalhar”.

Igualmente com uma passagem, foram referidas experiências de mestria associadas ao sucesso das relações sociais:

6 – (...) Mas também tive sucesso noutras áreas: tenho amigos fantásticos, o que considero ser fundamental no desenvolvimento de sucesso académico e profissional, e penso também que a nível familiar tenho tido sucesso na construção de relações saudáveis e equilibradas”.

Também com um depoimento, foram mencionadas experiências de mestria associadas à conquista de cargos e ocupações de destaque:

8 – “(...) Também fui sujeito a eleições e isso... penso para mim, se as pessoas não me apreciassem não teriam...”.

E – “... o eleito tantas vezes, aliás eleito tantas vezes...”.

Finalmente, também com uma unidade de registo, foram mencionadas experiências de mestria associadas à responsabilidade pelo sucesso de familiares:

13 – “O dia em que o meu filho foi (...) teve muito sucesso...”.

Convém referir que em ambas as fases da investigação, os participantes, na sua generalidade, depois de referirem as experiências de mestria, mencionaram que estas contribuíam para uma sensação segurança e confiança e que serviam de incentivo para o futuro, logo tornando os indivíduos em seres mais auto-eficazes, como se pode verificar a título de exemplo nesta passagem:

4 – “Desde logo, portanto, a nível escolar, portanto, o êxito em termos de reconhecimento dos estudos, portanto, as avaliações que sempre tive, sempre foram boas. Sempre tive boas classificações. Portanto, isso desde logo, começa por ser um reconhecimento e um incentivo para... para continuar. Depois, a nível profissional (...) também, depois tive também esse retorno, enfim, do investimento que fiz em esforço...”.

Esta passagem ilustra perfeitamente a ideia defendida por Bandura (1986; 1997) e Pajares (2005) que nos diz que as experiências de sucesso aumentam a auto-eficácia das pessoas, fazendo com que estas se continuem a esforçar e a investir nas suas tarefas.

Focando a atenção nos estados fisiológicos e psicológicos (4.2.1.), estes são caracterizadas como sentimentos e comportamentos associados a situações de sucesso. Neste parâmetro encontraram-se unidades de registo, basicamente de duas naturezas, uma mais ligada à ansiedade e outra relacionada com uma postura calma e descontraída na **primeira fase do estudo**. Assim, a maioria dos jovens (10) mencionaram estados fisiológicos e psicológicos associados à ansiedade como os demonstrados nestes exemplos:

X – “Porque se calhar sabiam a importância do seu trabalho e é normal que uma pessoa que queira ter sucesso sinta sempre alguma ansiedade em chegar e atingir a sua meta, o seu objectivo”.

B – “Sente-se... sei lá... ansioso...”.

T – “Sim, deve ter ficado ansioso, nervoso”.

Só três jovens referiram estados fisiológicos e psicológicos associados à calma e descontração como os demonstrados nestes exemplos:

M – “Pelo que eu conheço dele, eu acho que sim... acho que era bem-sucedido. Não me parece ser uma pessoa nervosa, nem nada disso. Parece uma pessoa calma, meiga”.

K – “Sim... eu basicamente acho que não. Acho que ele mantém sempre a mesma postura. Isso então, talvez aquela confiança que não tem razões para se preocupar, mas acho que não. Ele continua sempre com a mesma postura”.

D – “É assim... Ele nervoso não fica, porque ele dizia que ele só pegava, mas a família é que desenrascava com o resto”.

Existiu uma referência de uma jovem que era um pouco antagónica, pois esta destacava estados fisiológicos e psicológicos associados à ansiedade, mas ao mesmo tempo à calma e descontração, como é possível ver nas seguintes intervenções:

G – “Talvez o nervosismo, mas isso é normal”.

G – “Eu não... Por acaso, acho que é uma pessoa muito calma, mas claro que não se pode agradar todos e deve ser uma posição muito difícil”.

Finalmente, uma das jovens não soube mesmo identificar estados fisiológicos e psicológicos associados ao sucesso. Contudo, convém salientar que surgiu também um aspecto interessante nas unidades de registo associadas à ansiedade. Dois dos jovens, para além da ansiedade, também destacavam estados de abertura à experiência e ao desafio:

X – “De comportamentos, se calhar foram pessoas que se sentiram... tiveram de abrir o seu mundo de relações, não é? (...) Tiveram que falar com as pessoas, ser mais acessíveis, digamos assim... (...) Arriscar! Exactamente! Corajosos, ao fim e ao cabo...”.

T – “Pronto... acho que ele teve sempre... teve aberto a novas provas e tentar cumpri-las...”.

Esta é uma característica muito própria de quem tem sido bem-sucedido no passado e que arrisca devido à confiança nas suas capacidades sociais e cognitivas. Inclusive, é uma característica típica dos empreendedores, pois estes gostam de assumir riscos e acreditam nas suas intuições, seguindo os seus palpites (Rodrigues, 2008).

Na **segunda fase do estudo**, neste parâmetro também encontraram-se unidades de registo de duas naturezas, uma mais ligada à ansiedade e outra relacionada com uma postura calma e descontraída. Assim, tal como na primeira fase, a maioria dos indivíduos bem-sucedidos (7) mencionaram estados fisiológicos e psicológicos associados à ansiedade como os demonstrados nestes exemplos:

7 – “Fiquei nervoso (...) Com ansiedade...”.

11 – “Não, não... assumo uma certa ansiedade... (...) Uma certa ansiedade e apreensão...”.

13 – “(...) a gente fica um bocadinho nervosos, com nervos, porque sabem que aquilo não é brincadeira nenhuma... (...) É uma coisa que entra em casa e é um bocado pesado e é preciso que a gente tenha um bocadinho de coragem (...) É um bocadinho... é preciso... a gente fica um bocadinho com ansiedade, quer dizer (...) com nervos...”.

Também nesta segunda fase, continua a existir uma referência de um indivíduo bem-sucedido que é um pouco antagónica, pois esta destaca estados fisiológicos e psicológicos associados à ansiedade, mas ao mesmo tempo à calma e descontração, como é possível ver na seguinte unidade de registo:

9 – “(...) Eu sou uma pessoa que gosta muito do meio-termo. Não gosto de radicalismos, não gosto da pessoa que é super enervada, não gosto da pessoa extremamente calma. O meio-termo, mas com intensidade. O que é que eu quero dizer com isso? O que eu quero dizer com isso é tudo o que fizeres, tenta fazer com brio, tenta fazer com empenho e não pares a meio-caminho, não desistas... “Não vou logo avançar” Vais, vais e vamos lá chegar! E depois, logo se vê se valeu a pena o use não, mas não se desiste a meio-caminho. Epah, epah... intensidade... Se pusermos um bocadinho de intensidade naquilo que fazemos, as coisas vão funcionar de certeza”.

Actualmente sabe-se que as pessoas confiam nos seus estados psicológicos e fisiológicos para julgarem as suas capacidades. Quando estas se encontram mais

ansiosas, as suas performances ficam mais debilitadas. Por seu turno, quando a ansiedade e os pensamentos excessivos são eliminados e substituídos pela descontração e tranquilidade, as *performances* têm mais probabilidades de serem bem-sucedidas (Bandura, 1986; Pajares, 2005). No caso particular dos nossos participantes de Rabo de Peixe, visto que a maioria deles, nas duas fases do estudo deu primazia aos estados de ansiedade, é possível constatar que são pessoas que pensam por antecipação em demasia e isso certamente poderá ter tido influência nas suas *performances*.

No que se relaciona com a categoria do sentimento de comunidade (4.3.), é possível encontrar referências ao sentimento de pertença ao local (4.3.1.), à satisfação de necessidades (4.3.2), à participação e envolvimento (4.3.3.) e à identificação com o local e com a comunidade.

Focando a atenção no sentimento de pertença ao local (4.3.1.), este é caracterizado pelo grau de integração dos indivíduos na comunidade. Na **primeira fase do estudo**, neste parâmetro, todas as unidades de registo (15) referidas pelos jovens reflectiam a percepção de integração dos indivíduos referenciados como bem-sucedidos na comunidade de Rabo de Peixe como se pode constatar nos seguintes exemplos:

Q – “Eu acho que ele integra-se bem”.

K – “Bastante. Ele é filho da terra e acho que ele realmente está muito inserido e acho que sim. Exacto”.

I – “Totalmente. Nos grupos em que ele está... (...) Está inserido em grupos da nossa freguesia, da nossa vila e...”.

Na **segunda fase do estudo**, correspondendo na sua grande maioria às percepções dos jovens, quase todos os indivíduos bem-sucedidos (12) referiram estar bem integrados na comunidade, como se pode verificar nas seguintes vocalizações exemplificativas:

1 – “(...) eu sinto-me mais do que integrado, tás a perceber? Porque nasci aqui, vivo aqui, trabalho aqui, passo vinte e cinco horas aqui. Acho que a nível de integração, não se pode pedir mais”.

8 – “Sinto-me plenamente integrado, até porque sou uma pessoa do povo... (...) Sou uma pessoa do povo. Sinto-me bem com o povo. Devo dar exemplos, eu sei que quando vou pelas ruas, eu não... eu propriamente... eu gosto de cumprimentar toda a gente, porque as pessoas também gostam, muita gente

também gosta de me cumprimentar. Aqueles que não gostam, eu cumprimento também na mesma (...) porque me gosto de sentir junto das pessoas. Por exemplo, eu em termos de (...) eu gosto muito (...) porque vou, falo com as pessoas... Abraços, beijos... (...) um contacto mais directo com as pessoas... (...), quando vou até um bairro, gosto, passo, “Como é que isso vai? Como é que não vai?”... E eu gosto, portanto, sinto-me plenamente integrado, porque também vou acompanhando o que se vai passando na comunidade. Mas em classes mais elitistas, também não me sinto deslocado, porque sinto à vontade, porque embora não seja, não me considere uma pessoa elitista, naqueles meios também me sinto à vontade e não tenho nenhum problema no convívio social. Portanto, em quaisquer circunstâncias, seja na religião, seja no desporto, também vou pró clube, vou pró campo e sinto-me, julgo que estou plenamente integrado (...) na comunidade, porque trabalho em termos sociais, trabalho... gosto também de trabalhar em termos culturais, em termos religiosos, portanto, eu acho que mais ou menos abarco as várias vertentes de uma sociedade e nelas direi que sinto-me bem, não me sinto (...) não me sinto deslocado”.

9 – “Sim... E não só! O facto de se estar envolvido nos movimentos dá-nos alguma integração, ou seja, se já não sabem, sabem quem é o (...), sabem quem és... (...) Sinto-me envolvido porque apesar de ter vindo de famílias humildes, ajuda-me imenso porque eu consigo ter... não vou dizer com isso que haja quem não o tenha e não tenha essa possibilidade, mas no meu caso, eu sinto-me tão à vontade com alguém, até porque eu venho muitas vezes aqui para o porto, visto o fato de mergulho e vou dar uma caçada, sempre o fiz, portanto, estou tão à vontade com um pescador, como também me sinto à vontade com um sujeito de gravata que tem mestrado ou assim... até, até... até... se me permites, (...) e eu vou-te dizer que tenho mais medo de um sujeito de gravata do que do de botas de cano (...) porque aquele é sincero, eu sei com o que é que posso contar dali, ele diz exactamente o que pensa, mas por outro lado, já se sabe que hoje em dia, as coisas têm de ser feitas com... (...) Daí que o facto de conviver com toda a gente de um lado ao outro... o meu pai é (...), também é conhecido aqui como o (...), a minha mãe é a senhora (...), que teve na (...), não sei quê e depois foi (...) mas agora trabalha na (...)... isso também ajudou a que não tenha problema nenhum, absolutamente nenhum a interagir com toda a gente, até demais... com os mais humildes do que realmente com aqueles que...”.

Nesta mesma fase do estudo, apenas um indivíduo bem-sucedido referiu não se sentir integrado na comunidade de Rabo de Peixe, como se pode verificar na seguinte vocalização exemplificativa:

4 – “Nem por isso. Nem por isso. (...) Digamos... mesmo quando lá morava... morei lá praticamente... morei até depois ir estudar para fora, até aos dezoito anos. Depois, era só de férias (...) E depois, quando iniciei o trabalho e antes de... e antes de casar, tive lá uns três ou quatro anos... pronto, mas não me integrei. (...) Não me integrei propriamente a nível social em Rabo de Peixe”.

Destes resultados, podemos concluir que o sentimento de pertença ao local e à comunidade, na sua grande generalidade é um dos factores internos que mais parece

influenciar o sucesso dos indivíduos em Rabo de Peixe, devido a um tão grande número de referências tanto na primeira como na segunda fase do estudo. Este sentimento facilita o desenvolvimento de sistemas simbólicos comuns que definem os limites da comunidade. Para além disso, também parecem promover sentimentos de segurança emocional que promovem um investimento pessoal na comunidade, que faz com que cada um se sinta integrado e membro de uma estrutura coesa (McMillan & Chavis, 1986). Portanto, os jovens consideram que os indivíduos bem-sucedidos fazem parte da vila e a maioria dos participantes parece mesmo sentir-se uma parte integrante da comunidade rabo-peixense. O indivíduo que não se sente integrado em Rabo de Peixe, neste momento não está a habitar em Rabo de Peixe, o que explica em muito o seu depoimento.

Relativamente à satisfação de necessidades (4.3.2.), esta é caracterizada pelos factores proporcionados pela freguesia que induzem a satisfação de necessidades pessoais. McMillan e Chavis (1986) afirmam que um dos elementos constitutivos do sentimento de comunidade é a integração e satisfação de necessidades, que se traduz no sentimento de que as necessidades dos membros serão satisfeitas pelos recursos existentes, pelo facto de pertencerem a um grupo. Então, na **primeira fase do estudo**, neste parâmetro, as unidades de registo referidas pelos jovens apontavam como factores que induziam a satisfação de necessidades a proximidade às raízes (10), a proximidade à comunidade (7), a proximidade às tradições (1) e os projectos alternativos à vida profissional (1) (cf. Quadro 14).

Quadro 14 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria satisfação de necessidades (4.3.2.)

Subcategoria	Indicador	Exemplos de unidades de registo
4.3.2. Satisfação de necessidades	Proximidade às raízes	X – “Foram criados aqui, nasceram aqui, portanto... não veem outro... não veem outro (como é que eu hei de explicar?) ... sentem-se bem cá, não veem outro motivo para saírem daqui. Portanto, sentem-se bem em Rabo de Peixe. São bem entendidos, são bem interpretados”.
		T – “Também é o facto de a família continuar cá... pronto, os pais. Os meus avós ainda continuam a viver cá, por isso ele faz muitas visitas cá. E pelo facto... só mesmo de ele ser de cá não vai perder as suas raízes cá...”.
		R – “(suspira) Só sei que ela é feliz aqui. Só sei que... não sei... mas ela deve ser muito feliz, porque ela anda muito contente (sorri). (...) Porque é a sua freguesia de... onde ela nasceu”.
	Proximidade à comunidade	C – “Ou é... Eu penso para mim... não sei, porque eu não lhe fiz essa pergunta, mas eu acho que deve ser a vizinhança, o ambiente onde ela mora...”.
		U – “Sim. Se calhar, uma vez que tem cá a maioria dos seus amigos...”.
		D – “Olha, porque fez aqui as suas amizades, conhece o pessoal todo daqui... Não há motivo nenhum para mudar!”.
	Proximidade às tradições	B – “As pessoas, as tradições, não sei... a vila em si”.

	Projectos alternativos à profissão	<p>E¹³ – “Ou seja, achas que um dos pontos que o faz viver aqui é pelo facto de ele ter algum tipo de ligação política?”</p> <p>M – “Um dos pontos. Um dos pontos é. Outro dos pontos também é o Clube (...). Foi ele é que, como fundador, também deve ter um enorme prazer para ele.</p> <p>E – “Ou seja, como ele está em vários projectos aqui em Rabo de Peixe, então também isso faz com que ele se sinta ligado aqui à freguesia?”</p> <p>M – (acena afirmativamente com a cabeça).</p>
--	------------------------------------	---

Na **segunda fase do estudo**, neste parâmetro da satisfação de necessidades, as unidades de registo referidas pelos indivíduos bem-sucedidos são em parte semelhantes às dos jovens, na medida em que os dois principais factores apontados são a proximidade às raízes e a proximidade à comunidade. No entanto, ainda surgiram unidades de registo referentes aos bons serviços da localidade, ao rejuvenescimento e dinamismo populacional, aos projectos alternativos à profissão, ao dinamismo económico da comunidade e à proximidade ao local de trabalho (cf. Quadro 15). Ao contrário da primeira fase, ninguém referiu passagens referentes à proximidade com as tradições.

Quadro 15 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria satisfação de necessidades (4.3.2.)

Subcategoria	Indicador	Exemplos de unidades de registo
4.3.2. Satisfação de necessidades	Proximidade às raízes	5 – “Morar aqui? Se eu nasci aqui, como é que eu não hei-de morar aqui?”.
		12 – “Isso é a minha terra. Isso é o meu berço”.
		13 – “Bom, eu gosto de morar cá porque nasci cá”.
	Proximidade à comunidade	E – “(...) Mas, por exemplo, aqui na vila de Rabo de Peixe, o que é que te incentiva ou que te satisfaz, ou seja, o que é que te faz gostar de viver cá em Rabo de Peixe?”.
		7 – “Pelos pessoas. (...) E pelo ambiente que é”.
		E – “Exato, mas quando tu dizes “pelos pessoas”, o que é que queres dizer com isso? Como é que as pessoas são?”.
7 – “Simpáticas, não é de faltar ao respeito...”.		
Bons serviços da localidade	8 – “ (...) gosto de ter iniciativas para os ajudar... ajudá-los a promover, ajudá-los a dignificarem-se, essencialmente porque sinto que é o meu berço e como é o meu berço, a gente sente-se bem com o ninho...”.	
	11 – “As pessoas são alegres. Para começar, as pessoas são alegres e para continuar é uma necessidade minha e eu sinto que sou, que é uma necessidade também para as outras pessoas, porque se não houver uma voz...”.	
Rejuvenescimento e dinamismo da população	10 – “Rabo de Peixe pode ter má fama, mas é uma freguesia que tem vida, eu digo a eles assim, Rabo de Peixe tem tudo, eu não preciso sair de Rabo de Peixe para qualquer coisa. Outras freguesias, se quiserem alguma coisa...”.	
Projectos alternativos à profissão	13 – (...) Temos cá tudo, temos bancos, farmácias, temos tudo em Rabo de Peixe... (...) Nós nem precisamos sair de Rabo de Peixe, para tu veres... Temos de tudo aqui... (...) E até há muitas pessoas que se admiram como é que uma terra tão... já é vila, com uma vila dessas, temos aqui tudo. As lojas aqui vende... temos...”.	
		6 – “Satisfaz-me o potencial humano de Rabo de Peixe, que tem uma população tão jovem e viva”.
		9 – “Como é difícil? E acima de tudo, mais pela responsabilidade que todos temos à nossa maneira, cada um de sua forma, de contribuir para que as coisas fiquem um bocadinho melhores... este é o meu grande alento, pá! E não tenho coragem de dizer “Olhe, eu tenho neste preciso momento a

¹³ E – Entrevistador.

		chave...”... pronto... tenho de ser suficientemente humilde para dizer isto que é ter a chave de ser neste preciso momento o Presidente (...) e o Presidente (...) e eu estimo o equipamento e tenho a responsabilidade de fazer com que não haja lixo, que hajam as infraestruturas certas para acrescentar aqui e preparar o que é que vai ser o (...) amanhã... Epah! Eu não posso me demitir disto! Era fraqueza, era cobardia! Pese embora, possa não ter os resultados que pretendo em termos pessoais... epah... mas é assim “procurar deixar um bocadinho melhor aquilo que encontraste”. Há muito para fazer, há muita semente para deixar, há outras sementes que já brotaram e é preciso aparar, há relva que é preciso cortar e há árvores que são precisas podar, portanto, dentro disto, eu não posso fugir à minha responsabilidade”.
	Dinamismo económico da comunidade	10 – “(...) para mim, eu sinto-me satisfeito de ser de Rabo de Peixe e, quando falam que Rabo de Peixe é assim e assim, eu digo sempre que Rabo de Peixe tem muita coisa boa, pronto, eu digo assim, Rabo de Peixe tem duas agências bancárias, se tem duas agências bancárias, é porque há lá dinheiro, há movimento...”.
	Proximidade ao local de trabalho	13 – “ (...) Eu tenho cá a minha... o meu comércio, a minha indústria e Rabo de Peixe é uma freguesia com muita graciosidade, é uma freguesia muito comercial, muito industrial”.

Todas estas necessidades apontadas funcionam como factores motivadores dos comportamentos que permitem uma sensação de fortalecimento comunitário e de união no grupo (McMillan & Chavis, 1986). Ou seja, todas elas são os motivos para os indivíduos bem-sucedidos continuarem a estar relacionados com a vila de Rabo de Peixe e acabam também por ser os laços que unem as pessoas umas às outras na comunidade. Tudo isto é algo que contribui para um fortalecimento do sentimento de comunidade e consequentemente fornece uma base sólida para a obtenção de sucesso.

Relativamente à participação e envolvimento (4.3.3.), esta é caracterizada pelo grau de participação e papel desempenhado na comunidade, o que parece contribuir para um maior sentimento de integração na comunidade e de identificação com o local e com as pessoas. Na **primeira fase do estudo**, neste parâmetro, as unidades de registo referidas pelos jovens apontavam que muitas das suas referências de sucesso participavam voluntariamente em actividades, grupos e movimentos associativos (14), ocupando por vezes cargos de destaque na liderança destes (12). Contudo também houve um jovem que mencionou que a sua referência de sucesso não costumava participar nem envolver-se em actividades, grupos e movimentos associativos na comunidade e mesmo fora dela (cf. Quadro 16).

Quadro 16 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria participação e envolvimento (4.3.3.)

Subcategoria	Indicador	Exemplos de unidades de registo
4.3.3. Participação e envolvimento	Participação na comunidade	Q – “É assim, ele é... eu recordo-me de ele já ter participado num Grupo (...) Também acho que já teve num Grupo de (...), mas não tenho a certeza. K – “Sim. É uma pessoa inserida, praticamente em tudo o que de mais importante e de relevo que acontece por lá. Sim, sim... é uma pessoa muito activa”.

		I – “Exactamente. Ele participa... acho que nas festas dos Mordomos e cenas assim...”.
	Ocupação de cargos de destaque	X – “Essas pessoas em concreto, por exemplo, sei que nas Festas do Espírito Santo pertencem às mordomias, são irmãos, mas irmãos... Presidente, digamos assim...”.
		E ¹⁴ – “Sim. Pertencem às Comissões de Festas...”.
		X – “... Comissões de Festas. Exacto. Isso é um dos exemplos, não é?” (...). Falo das (...), há sempre (...) um ou outro elemento que é Presidente também”.
		B – “Grupo? Movimento? Ele ocupa um cargo na (...), não ocupa? Não sei...”.
		E – “Sim, eu penso que ele é Presidente da (...), não é? Acho que é isso...”.
		B – “Sim...”.
		G – “Tem o Grupo de (...). Ele é o líder e também na (...), na participação...”.
	Inexistência de participação na comunidade	E – “E ele é uma pessoa que costuma participar nas actividades daqui da vila?”.
		U – “Acho que não”.
		E – “Ou seja, não é muito participativo?”.
		U – “Acho que não”.
		E – “Mas está associado a algum tipo de grupo, de movimento?”.
		U – “Não”.

No que concerne à **segunda fase do estudo**, neste parâmetro, as unidades de registo referidas pelos indivíduos bem-sucedidos apontavam que muitos participavam voluntariamente em actividades, grupos e movimentos associativos (11), ocupando por vezes cargos de destaque na liderança destes (8). Contudo também houve dois indivíduos bem-sucedidos que referiram que não costumava participar nem envolver-se em actividades, grupos e movimentos associativos na comunidade e mesmo fora dela (cf. Quadro 17).

Quadro 17 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria participação e envolvimento (4.3.3.)

Subcategoria	Indicador	Exemplos de unidades de registo
4.3.3. Participação e envolvimento	Participação na comunidade	1 – “(...) Eu, desde de tenra idade, voluntariei-me aqui em Rabo de Peixe para “n” actividades. (...) E tu sabes. Desde, e ainda falando na (...), quer na (...), quer na (...), quer no (...), quer em outras associações, sempre contribui duma forma desinteressada, não é? No sentido de não obter qualquer contrapartida directa ou indirecta daí (...). Agora, digo e como já disse, nós temos de trabalhar diariamente, não é? Porque, quem fica em casa ou quem fica no seu canto acomodado à espera que os outros venham resolver os seus problemas...”.
		4 – “Sim. Na altura, eu antes de... era jovem, portanto pertencia... pertencia ao Grupo (...), pertencia ao (...) a movimentos da (...) da freguesia. Na altura, depois do 25 de Abril, formamos um movimento (...), portanto também estive aí...”.
		6 – “Particpei nas actividades do (...) durante 10 anos, até ter deixado a ilha para estudar no continente”.
	Ocupação de cargos de destaque	9 – “Como é difícil? E acima de tudo, mais pela responsabilidade que todos temos à nossa maneira, cada um de sua forma, de contribuir para que as coisas fiquem um bocadinho melhores... este é o meu grande alento, pá! E não tenho coragem de dizer “Olhe, eu tenho neste preciso momento a chave...” pronto... tenho de ser suficientemente humilde para dizer isto que é ter a chave de ser neste preciso momento o Presidente do (...) e o Presidente da (...) e eu estimo o equipamento e tenho a responsabilidade de fazer com que não haja lixo, que hajam as infraestruturas certas para acrescentar aqui e preparar o que é que vai ser o (...) Epah! Eu não posso me demitir disto! Era fraqueza, era cobardia! Pese embora, possa não ter os resultados que pretendo em termos pessoais...”

¹⁴ E – Entrevistador.

		<p>epah... mas é assim “procurar deixar um bocadinho melhor aquilo que encontre”. Há muito para fazer, há muita semente para deixar, há outras sementes que já brotaram e é preciso aparar, há relva que é preciso cortar e há árvores que são precisas podar, portanto, dentro disto, eu não posso fugir à minha responsabilidade”.</p> <p>10 – “Sim, considero-me sim, considero-me e sou presidente da (...), dá mais um bocadinho de trabalho e já fui, já pertenci também à direção do (...), fui o presidente do (...), também pertencço à direção da (...), por acaso também sou presidente do (...)”.</p> <p>11 – “Fiquei (...) da (...) pelo (...). Os outros quatro anos depois eram para dar outra ajuda e eu não queria que ele se candidatasse e ele teimou que sim e então ponderei em ajudar, candidatando-me à (...)”.</p>
	Inexistência de participação na comunidade	<p>E¹⁵ – “(...) E fora a sua profissão, costuma participar nas actividades da vila?”. 2 – “Não”. (...) E – “Não? Ou seja, não está ligada a nenhum tipo de grupo, de movimento?”. 2 – “Não”. E – “Nenhum tipo de actividades, nada?”. 2 – “Não. Sou uma pessoa que é mais pró trabalho (...) Trabalho, família e quem tem essa profissão, é muito difícil a gente conseguir... Não, não, não se consegue. (...) A gente fica muito presos no trabalho. (...) Já me ocupa muito tempo”.</p>
		<p>5 – “Eu nunca tive em...”. E – “Nunca teve em nada disso”. 5 – “Fazia a festa, mas...”. E – “Sim, mas o senhor gostava de ir a tudo o que era festas para aí, nem que fosse só para ver ou para ir visitar?”. 5 – “Não, mas eu tinha pessoal comigo que botava sentido nisso tudo”.</p>

A participação activa fortalece as ligações entre os vários elementos da comunidade, porque demonstra uma partilha de experiências, um investimento na comunidade e a valorização do acto participativo (McMillan & Chavis, 1986; Ornelas, 2010). É algo que fortalece a união e coesão grupal. Visto que a maioria dos jovens reconhece a participação nos indivíduos bem-sucedidos e que a maioria destes também participa na comunidade, podemos inferir que existe uma comunidade coesa em Rabo de Peixe, que faz com que quem participe tenha mais probabilidades de ser bem-sucedido, pois conta com o apoio de outras pessoas que estão ligadas emocionalmente.

Passando finalmente à identificação com o local e com a comunidade (4.3.4.), esta é caracterizada pela capacidade de que o indivíduo tem de se identificar com o local e com a comunidade, assumindo um conjunto de características próprias do meio envolvente e partilhando interesses comuns a todos. Na **primeira fase do estudo**, as unidades de registo referidas pelos jovens apontavam que a maioria (13) das suas referências de sucesso identificava-se com a comunidade, porque têm preferência pelo local onde moravam, gostam da sua vizinhança, têm características semelhantes aos outros elementos da comunidade, buscam a valorização do local onde estão inseridos, sentem orgulho em ser de Rabo de Peixe e identificam-se com familiares locais. Mesmo assim, dois jovens mencionaram que as suas referências de sucesso não se identificavam com o local e com a comunidade (cf. Quadro 18).

¹⁵ E – Entrevistador.

Quadro 18 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria identificação com o local e com a comunidade (4.3.4.)

Subcategoria	Indicador	Exemplos de unidades de registo
4.3.4. Identificação com o local e com a comunidade	Identificação com o local e com a comunidade	<p>E¹⁶ – “E achas que é uma pessoa que se identifica com a vila e com a população? Que sente que Rabo de Peixe tem algo a ver com ele?” T – “Sim, sim. Claro. (...) O facto de ele também ter família cá e de ele ser naturalmente de cá...”</p> <p>E – “Ok. Achas que o (...) é uma pessoa que se identifica com a vila e com a população?” M – “Sim. E ele procura sempre o melhor para a vila”. E – “E, ou seja, ele também é uma pessoa que acha que Rabo de Peixe tem algo a ver com ele?” M – “Com certeza (...) Ele é como todos nós. A gente procura sempre demonstrar o bom nome da vila. Mostrar o que a vila tem de melhor”.</p> <p>E – “Achas que ele é uma pessoa que se identifica com a vila e com a população, por exemplo?” I – “Sim”. (...) E – “Ou seja, porque é que achas que ele gosta de viver cá?” I – “Talvez pelo meio que temos aqui na vila e a sociedade. Ele se sente bem na nossa sociedade”.</p>
	Ausência de identificação com o local	<p>Q – “Se calhar ele acha isso, porque cresceu cá, mas talvez para os objectivos que ele tem a nível do futuro, se calhar não é a vila ideal para ele viver, se calhar... Não sei”.</p> <p>U – “Acho que quando me fazes essa pergunta, a minha resposta só pode ser mesmo a nível geral. E a crise que a gente atravessa, infelizmente, não nos dá para conseguir uma independência e sair de casa dos nossos pais. Provavelmente, o (...) (e quem fala no (...), fala nos outros jovens) quer sair daqui e inserir-se num outro meio, digo eu”.</p> <p>E – “Mas se calhar, ainda não reúne todas as condições para sair de...” U – “... Principalmente a nível monetário”.</p> <p>E – “Exacto. Para ganhar a sua independência. Mas achas que isso quer dizer que seria uma pessoa que, à partida, gostaria de morar fora de Rabo de Peixe?” U – “Com certeza. Tendo em conta, que eu conheço um bocadinho as ambições do (...), acho que, pelo menos, sair daqui o tornaria mais rico a nível de conhecimento”.</p>

Quanto à **segunda fase do estudo**, as unidades de registo referidas pelos indivíduos bem-sucedidos apontavam que todos (13) se identificam com a comunidade pelas mesmas razões mencionadas pelos jovens, ou seja, porque têm preferência pelo local onde moram, gostam da sua vizinhança, têm características semelhantes aos outros elementos da comunidade, buscam a valorização do local onde estão inseridos, sentem orgulho em ser de Rabo de Peixe e identificam-se com familiares locais. (cf. Quadro 19).

Quadro 19 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria identificação com o local e com a comunidade (4.3.4.)

Subcategoria	Indicador	Exemplos de unidades de registo
4.3.4. Identificação com o local e com a comunidade	Identificação com o local e com a comunidade	<p>1 – “Sim. Claro! Claro que identifico-me, senão não estava a trabalhar aqui, não é? (...) Repara, eu tou a trabalhar na zona que... onde há mais problemas sociais, que é Rabo de Peixe, e já estou aqui a trabalhar há quatro anos. Dificilmente alguma pessoa que não fosse de Rabo de Peixe aguentaria tanto tempo aqui. (...) A verdade é esta! Dificilmente</p>

¹⁶ E – Entrevistador.

		<p>aguentaria! As pessoas de Rabo de Peixe são muito humanas. São muito calorosas. São pessoas que têm sempre na ponta da língua uma resposta para tudo. Não é? (...) E nós, sabendo dialogar com as pessoas, sabendo enquadrar uma resposta que de facto vá ao encontro daquilo que as pessoas estão à espera, não é? Consegues... consegues... consegues viver de uma forma bastante harmoniosa em Rabo de Peixe. Consegues. Rabo de Peixe não é diferente das outras terras. Muita gente ainda passa aqui e ainda fecha... tranca as portas e fecha as janelas dos carros, etc., etc. É e assim e as pessoas têm essas ideias pré-concebidas e se tu perguntares “Quantas vezes foste a Rabo de Peixe?”, a maioria delas nunca veio a Rabo de Peixe”.</p> <p>2 – “Identifico-me cem por cento! Adoro a freguesia! Gosto muito das pessoas, tenho muito respeito por elas e gosto mesmo e tenho que gostar, porque eu sobrevivo e pago as minhas contas (...) é através das pessoas de Rabo de Peixe e também das outras”.</p> <p>E¹⁷ – “Então, já está aqui a responder-me a outra questão, que é a questão da identificação com a vila e com a população, ou seja, é uma pessoa que se identifica com os seus vizinhos? Gosta de viver cá?”.</p> <p>2 – “Gosto. Identifico-me com as pessoas. (...) Sinto que tenho muito respeito pelas pessoas que têm respeito por mim. Respeito o próximo”.</p> <p>13 – “Eu gosto da minha terra porque acho é uma freguesia em que vive-se bem, não temos problemas nenhuns de cá viver. Está localizada num sítio muito bom em Rabo de Peixe, aqui em São Miguel. Nós estamos muito perto da Ribeira Grande, muito perto de Ponta Delgada e eu gosto de morar aqui por causa disso (...) porque realmente é um sítio agradável. Rabo de Peixe tem muitas festas...”.</p>
--	--	---

McMillan e Chavis (1986) relatam que o sentimento de identificação com o local envolve a crença de que o grupo tem um lugar reservado para nós, que as pessoas nos aceitam e há uma vontade de sacrifício pelo grupo. Os jovens, na sua maioria, acham que os indivíduos bem-sucedidos pensam deste modo, o que se torna verdade na análise dos resultados acima expostos. Todos os indivíduos bem-sucedidos em Rabo de Peixe realmente parecem identificar-se com a comunidade e com o local e isso parece ser um factor que influencia o sucesso. Contudo, analisando os depoimentos dos dois jovens que acham que as suas referências de sucesso não se identificam com a vila e com a população, pode-se pensar que ou as referências de sucesso não estão a cumprir totalmente o seu papel de membro na comunidade, não têm uma relação com as pessoas como dizem, ou então, poderão simplesmente estar a ser alvo das projecções pessoais dos jovens relativamente às suas posições face à comunidade. Outra das hipóteses poderá simplesmente ser o desconhecimento dos jovens acerca das suas referências de sucesso.

No que se relaciona com a categoria das características desenvolvimentistas (4.4.), é possível encontrar referências à maturidade (4.4.1.) e ao interesse (4.4.2).

Começando pela maturidade (4.4.1.), esta é caracterizada pela génese de um modo de pensamento ou acção. Na **primeira fase do estudo**, a maioria dos jovens (10) não atribuiu o sucesso dos indivíduos às suas maturidades. Ainda assim, quatro jovens mencionaram passagens que atribuíam o sucesso dos indivíduos à maturidade, ou seja,

¹⁷ E – Entrevistador.

destacaram momentos em que os indivíduos passaram a ser ainda mais conotados com o sucesso. Saliente-se também que uma das passagens de uma jovem demonstra que esta não consegue determinar se a sua referência de sucesso recebeu influências da maturidade, porque só a conhece há relativamente pouco tempo (cf. Quadro 20).

Quadro 20 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria maturidade (4.4.1.)

Subcategoria	Indicador	Exemplos de unidades de registo
4.4.2. Maturidade	Sempre foram bem-sucedidos (não mudou nada)	X – “Não. Sempre considerei essas pessoas bem-sucedidas”. G – “Sempre o conheci como uma pessoa de referência”. K – “Não. Sempre considerei-lhe muito bem-sucedido, porque sempre foi uma pessoa, que desde que me lembre, dum certa importância e dum certo estatuto”.
	Bem-sucedidos a partir de determinada ocasião (algo mudou)	Q – “É assim, eu desde... na escola, eu sempre o achei que ele era muito bom aluno e agora isso evidenciou-se”. E ¹⁸ – “Evidenciou-se. Mas evidenciou-se a partir de quando? Ou seja, uma situação que tenha ocorrido que tenha confirmado a sua crença, por exemplo?”. Q – “É assim, eu sempre o admirei e então essa história que eu já lhe disse do exame nacional foi um facto e depois o... a excelência que ele teve (se é assim que eu posso dizer) na universidade (...) como estudante de Medicina, depois os estágios que ele já frequentou... Isto tudo foram evidenciando... Acho que foi progressivo”. E – “Exacto. Ou seja, acha que teve a ver com o nível de maturidade dele?”. Q – “Sim, também”. F – “Acho que a conheci mais sucedida agora”. E – “Ou seja, achas que ela se tornou mais sucedida a partir do momento em que ganhou as eleições?”. F – “Sim”. U – “Aconteceu a partir de uma determinada ocasião (...) É assim, o (...) começou a ser bem-sucedido a partir do momento em que ele conseguiu tirar o CAP, conseguiu ir trabalhar na (...) E actualmente, conseguiu ir trabalhar com a (...)”.
	Não é possível determinar	E – “Sempre considerou a (...) bem-sucedida ou isso só aconteceu a partir de determinada ocasião?”. J – “Foi a partir... que eu comecei a trabalhar com ela. Fiquei conhecendo-la melhor”. E – “Exacto. Mas antes de a conhecer, achava que ela já era uma pessoa de sucesso?”. J – “Nunca a tinha conhecido”.

Na **segunda fase do estudo**, os resultados também foram semelhantes aos da primeira fase, tendo a maioria dos indivíduos bem-sucedidos (7) rejeitado os factores maturacionistas no seu sucesso. Mas cinco indivíduos bem-sucedidos mencionaram passagens que atribuíam o sucesso à maturidade, ou seja, destacaram momentos em que os próprios passaram a ser ainda mais conotados com o sucesso (cf. Quadro 21). Saliente-se também que um dos indivíduos (indivíduo 5) não conseguiu responder a esta questão, porque divagava sempre. Como era uma pessoa idosa com 84 anos, talvez estivesse cansado no decurso da entrevista, ou então não conseguiu entender a questão, ou esta não foi concebida de modo a ser perceptível para ele.

¹⁸ E – Entrevistador.

Quadro 21 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria maturidade (4.4.1.)

Subcategoria	Indicador	Exemplos de unidades de registo
4.4.1. Maturidade	Sempre foram bem-sucedidos (não mudou nada)	3 – “Acho que sim. Sempre fui bem-sucedida”.
		7 – “Fui sempre bem-sucedido”.
		11 – “Não. Sabe, eu fui estudar muito novinha e na minha altura, quem estudava, três ou quatro pessoas... Só o facto de sair da freguesia e estudar, já era sinónimo de sucesso. (...) E na escola sempre fui vista como uma aluna de sucesso, porque eu também era trabalhadora, portanto, não era uma ótima aluna quando estudei na (...), mas até ao meu quarto ano aqui, era uma boa aluna. E claro, tudo isto nos faz também, a gente vê agora pelos miúdos, as crianças quando apontam um, apontam porque ele é o melhor da turma. Portanto, antigamente, isso já é muito antigo... (...) só o facto de ter sucesso desde pequenina é muito importante”.
	Bem-sucedidos a partir de determinada ocasião (algo mudou)	9 – “(...) Em termos de comunidade, eu tenho a certeza absoluta que à medida que as coisas... que a nossa exposição vai crescendo, essa notoriedade é outra, ou seja, eu fazia durante treze anos, duas ou três horas da semana da minha vida e ao fim de semana retirava da família para ir para os (...). Obviamente que os (...) reconheciam isso e os pais dos (...) e isso... Quando o (...) deixa de ser o gajo dos (...) e passa a ser do Clube (...) e a espiral começa a aumentar, obviamente que o retorno é outro...”.
		10 – “Pronto, quando a gente começamos, eu quando comecei, novo, eu trabalhei com o meu pai, assim na empresa, que não era nada disso, depois fui para a tropa, e quando vim da tropa, ao fim de um ano ou dois, casei. Foi quando eu casei, ao fim de um ano ou dois, meu pai disse o que é que ia ser da minha vida e foi quando ele disse que ia ceder a empresa aos filhos. Daí para a frente, começamos a lutar, a trabalhar, a trabalhar e, pronto, a empresa começou a desenvolver e eu também, graças a Deus, tive sorte na vida, as coisas correram sempre bem, a minha esposa também me ajudou sempre, quando era preciso alguma coisa, pronto...”.
		E ¹⁹ – “(...) E mas então pensa sempre que as pessoas sempre o acharam uma pessoa bem-sucedida, embora nunca o tivessem dito ou que isso só aconteceu a partir de determinada altura? Ao longo da sua vida...”.

Quando um indivíduo quer ter sucesso, à partida quer controlar tudo aquilo que surge à sua volta e essa motivação para o controlo parece variar consoante a fase de desenvolvimento identitário onde esse indivíduo se encontra. Burger e Cooper (1979) referem que as diferenças individuais de cada um fazem variar a motivação para o controlo dos acontecimentos. Essas diferenças individuais podem incluir certamente as fases do desenvolvimento identitário onde o indivíduo se encontra. Assim, o sucesso também parece depender das características desenvolvimentistas de cada um. Contudo, aqui no caso dos participantes deste estudo, isso não se verificou muito, visto que a maioria dos jovens e das pessoas bem-sucedidas não deram grande primazia a este factor, pois referem na sua maioria que o sucesso foi uma constante ao longo da vida e que não se iniciou após uma fase de desenvolvimento específica. Todavia, também

¹⁹ E – Entrevistador.

surgiram depoimentos contrários que se apoiam nas características do desenvolvimento para justificar o sucesso. Estes depoimentos são justificados pelo facto de alguns indivíduos bem-sucedidos já estarem localizados numa fase de realização da identidade (Sprinthall & Collins, 1999). A partir do momento em que passaram a efectuar compromissos com ideologias políticas ou religiosas, ou de outra natureza, os papéis sociais foram sendo adoptados, a exposição pública foi crescendo, as responsabilidades na vida foram sendo assumidas, logo, os processos de obtenção de sucesso também foram sendo reconfigurados, daí alguns indivíduos referirem ser bem-sucedidos a partir de determinado momento na vida, realçando o carácter maturacionista do sucesso.

Agora, no que concerne ao interesse (4.4.2.), este é caracterizado pela procura de utilidade e proveito. Esta é também uma categoria associada às características do desenvolvimento, na medida em que os interesses humanos vão assumindo proporções diferentes consoante as diversas fases e estágios da vida, especialmente quando estes incentivam as pessoas a ter ainda mais sucesso. Assim, na **primeira fase do estudo**, os jovens acham que os indivíduos de sucesso têm interesses muito diversos, logo surgiram várias intervenções diferentes umas das outras, sendo os interesses mais frequentes, com sete referências cada, a procura de reconhecimento e valorização e a contribuição para o bem da sociedade. Com duas referências cada surgem a concretização de objectivos, a procura de lucro e produtividade, o agrado às pessoas e o gosto pela tarefa. Por fim, com uma referência cada surgem a procura de desconstracção, a ascensão na carreira profissional e a procura de sucesso/realização pessoal (cf. Quadro 22).

Quadro 22 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria interesse (4.4.2.)

Subcategoria	Indicador	Exemplo de unidade de registo
4.4.2. Interesse	Procura de reconhecimento e valorização	E ²⁰ – “(...) No caso dele, achas que o sucesso dele se deve a uma questão de empenho dele e de interesse?”. M – “... Empenho dele e também toda a gente quer ser... gosta de ser... (como é que eu vou dizer) gosta de ser (...) valorizada”.
	Contribuição para o bem da sociedade	E – “Mas por exemplo, não acha que ela pudesse ter outro motivo, por exemplo, para fazer aquilo que fez?”. J – “Para ajudar as pessoas”.
	Concretização de objectivos	T – “Pronto... o facto de ele... querer... ter cumprido os seus objectivos . Teve alguns objectivos na vida e conseguiu cumpri-los...”. E – “Exacto. Ou seja, achas que ele fez... tudo aquilo que ele fez basicamente era para cumprir os objectivos a que ele se tinha proposto, certo?”. T – “Sim, exactamente. Não tanto a nível... nem sempre a nível profissional, mas como a nível pessoal e social”.
	Procura de lucro e produtividade	D – “Uma pessoa quando faz uma coisa, ainda por cima, se é trabalho, quer mais e mais!”. E – “Exacto. Ou seja, também para ter um bocado de lucro e de produtividade, não é?”. D – (Acena afirmativamente com a cabeça).

²⁰ E – Entrevistador.

	Agrado às pessoas	C – “Pronto... A gente via a tristeza na cara dela, mas nunca deu a saber que estava triste. Consegui sempre manter a sua pose, sempre a sorrir para toda a gente, brincava, agradava as pessoas e os convidados, não faltou com nada. Estava sempre a dizer que se precisassem de alguma coisa, que ela estava ali. E organizou tudo muito bem organizado, apesar da desgraça que ela teve com o...”.
	Gosto pela tarefa	C – “... e é porque ela tinha gosto de fazer”.
	Procura de descontracção	J – “Não. Eu acho que aquilo também era assim para desocupar a cabeça, já era outra coisa que pensava...”.
	Ascensão na carreira profissional	U – “Actualmente, acho que as pessoas, quando querem ser bem-sucedidas, não olham só àquilo que procuram. Temos de começar por baixo, se é que me faço entender? (...) Eu acho que o (...) começou a progredir na sua carreira, conforme as experiências e oportunidades que foram aparecendo”.
	Procura de sucesso/realização pessoal	A – “Claro. Isso mesmo. Para atingir o seu sucesso”.

Por sua vez, na **segunda fase do estudo**, também os indivíduos de sucesso têm interesses muito diversos, ainda mais diversos que os manifestados pelos jovens na primeira fase. Portanto, surgiram várias intervenções diferentes umas das outras, sendo o interesse mais frequente, com cinco referências, a contribuição para o bem da sociedade. Com três referências cada, surgem o gosto pela tarefa, o agrado às pessoas e a procura de sucesso/realização pessoal. Com uma referência cada surgem a concretização de objectivos, a procura de reconhecimento e valorização, a manutenção e sustentabilidade temporal de empresas/negócios criados, a ascensão na carreira profissional, a ambição, o gosto pela arte, a diferenciação pessoal, a melhoria do mundo, a ajuda à família, o gosto pela novidade/desafio e o gosto pela aprendizagem/saber. Para além disso, dois indivíduos bem-sucedidos também referiram possuir desinteresse nas suas acções. Mais uma vez, um indivíduo (indivíduo 5) não conseguiu responder a esta questão, porque divagava sempre. Anteriormente já se mencionou que este era uma pessoa idosa com 84 anos, que talvez estivesse cansado no decurso da entrevista, ou então não conseguiu entender a questão, ou esta não foi concebida de modo a ser perceptível para ele. (cf. Quadro 23).

Quadro 23 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria interesse (4.4.2.)

Subcategoria	Indicador	Exemplo de unidade de registo
4.4.2. Interesse	Gosto pela tarefa	E – “Por exemplo, porque é que fez a festa?”. 3 – “De gosto”. E – “De gosto. Exacto. Geralmente, posso pensar que faz as coisas por gosto, não é?”. 3 – “Sim”. E – “Exacto. E esse é geralmente o seu único interesse?”. 3 – “Foi, foi o único interesse”.
	Contribuição para o bem da sociedade	4 – “Sim, de algumas, mas tinha... tinha os interesses de... de uma terra que... que queria que fosse mais desenvolvida, portanto e zelava por isso, ainda hoje em dia, não é?”.
	Agrado às pessoas	8 – “... e eu tinha... portanto, quando faço as coisas, faço as coisas para ajudar”.
	Procura de	4 – “Para já a questão da realização pessoal (...) o que eu gostaria de

sucesso/realização pessoal	fazer, aquilo que eu gostaria de sentir bem comigo mesmo, não é? (...) Também é importante e algum sucesso, também a nível profissional, económico...”
Concretização de objectivos	6 – “As minhas principais motivações foram sempre atingir objectivos essenciais que me tinha proposto (entrar em (...), acabar o curso...), mas de forma a que houvesse espaço de manobra para adicionar ‘camadas’ de sucesso. Por exemplo, entrar em (...) era o objectivo, mas o facto de ter trabalhado tanto permitiu que tivesse sido o melhor aluno da minha escola”.
Procura de reconhecimento e valorização	9 – “(...) Antes disso, o jogo também passava muito por ganhar o respeito dos meus amigos, por ganhar o respeito das pessoas que me rodeiam, não daquela pessoa que é o segundo plano, ou seja, daquelas que estão em primeiro plano para mim. (...) Para mim era importante e de certa forma para mim também, porque sou uma pessoa que gosto muito de mim também”.
Manutenção e sustentabilidade temporal de empresas/negócios criados	13 – (Hesita) “O que eu mais interesse na vida agora é que o meu trabalho, que aquilo que eu construí até hoje, que a minha família dê continuidade a esse trabalho que eu tive”.
Ascensão na carreira profissional	2 – “Gosto de trabalhar. Gosto que vejam o meu trabalho. Gosto muito. Por isso, que no futuro próximo tenho... o meu objectivo é ser formadora”.
Ambição	1 – “E nós desde pequenos, sempre fomos motivados para... para... para o sucesso, para a ambição, que é sempre houve uma cultura de querer mais...”.
Gosto pela arte	2 – “Procurava a arte, porque dá muito gozo a gente olhar para a cliente e a cliente está a olhar para o espelho e está linda! É um... Eu acho que é uma profissão linda! (...) Uma pessoa sai feliz e...” E ²¹ - “... vê as pessoas felizes à sua frente...” 2 – “Exactamente. É uma profissão que, se a gente consegue chegar àquilo que o cliente gosta (...) a gente sente-se realizados...(...) apesar de ganhar, eu ainda vejo a alegria dos outros, que é muito... que é óptimo!”.
Diferenciação pessoal	6 – “(...) Quando fui para Paris, a minha motivação principal era fazer algo diferente do que os meus colegas em (...) faziam, que era simplesmente ficar em Portugal. E gostei tanto da experiência e do facto de poder explorar outras realidades, que mais tarde fiz o mesmo quando me mudei para Inglaterra – todos os meus antigos colegas de curso se preparavam para seguir com as suas vidas em Portugal, e eu percebi logo que aquela não era a vida que eu queria para mim”.
Melhoria do mundo	9 – “Mas sinto-me muito contente, porque é assim, mais uma vez aquilo que mais me marcou no (...) é uma frase de Baden-Powell que diz assim “Procurai deixar o mundo um bocadinho melhor do que aquilo que o encontraste”. Se alguém me referenciou positivamente numa situação, seja ele qual for, quer dizer que já cumpri essa máxima, já estou feliz!”.
Ajuda à família	E – “(...) Em tudo aquilo que fizeste e em todas as tuas conquistas ao longo da vida, o que é que te mais interessava, ou seja, quais eram as tuas principais motivações? Os teus principais objectivos?” 9 – “A minha família. (...) Em todos os aspectos, ou seja, os aspectos que possam ter algum aspecto financeiro, ou seja, olha, eu vou chegar ali, porque preciso da tua disponibilidade financeira... A minha família... nunca fui muito eu e depois há uma coisa que marcou muito a minha vida que é o nascimento da minha filha ou das minhas filhas... (...) E passa-se tudo para segundo plano por completo. Tudo o que eu quero hoje em dia é o melhor para as minhas filhas”. E – “Ou seja, tudo aquilo que tu fizeste foi...” 9 – “... até certo ponto...” E – “Sim, a partir de certo ponto...” 9 – “... financeiramente ajudar as minhas filhas...”.
Gosto pela novidade/desafio	9 – “Não tenho a mínima dúvida. Para já, acho que também há aqui uma parte intrínseca da pessoa. Eu adoro desafios, tudo o que é novo, tudo o que é do zero para começar pela primeira vez, só por si, eu digo logo que sim. Eu para dizer que sim, digam-me que não... “Epa, não é possível”. Não é possível? É no dia a seguir... (...) Entrar para um sítio para seguir já vícios, retomar vícios e não sei quê... epah... é uma batalha às vezes renovar e reestruturar, é! Mas começar do zero e arrancar com qualquer coisa, quebrar, partir a fronteira, não há fronteiras aqui... Eu gosto disso! Sinto uma atracção muito grande por isso”.

²¹ E – Entrevistador.

	Gosto pela aprendizagem/saber	9 – "... nesta comunidade e depois, sinto uma necessidade, como ser social, de aprender... epah... somos uma sociedade que vive agora de uma informação generalizada... (...) Tudo o que acontece, sabemos logo na hora a seguir, sabemos já o que é que vai acontecer e o que não vai... epah... e quem não estiver minimamente informado... os assuntos cada vez mais têm tecnologia lá dentro... epah... o saber não ocupa espaço e é muito importante".
	Desinteresse nas acções	1 – "E tu sabes. Desde, e ainda falando na (...), quer na (...), quer na (...), quer no (...), quer em outras associações, sempre contribuí duma forma desinteressada, não é? No sentido de não obter qualquer contrapartida directa ou indirecta daí e penso que é por aí que as pessoas poderão ter apontado a minha pessoa como sendo uma pessoa de sucesso. Agora, digo e como já disse, nós temos de trabalhar diariamente, não é?".

Por fim, os interesses estão intimamente relacionados com a motivação e com a satisfação de necessidades. Assim, os depoimentos obtidos neste estudo reflectiram uma série de interesses que revelam necessidades das mais diversas ordens. Utilizando a terminologia de Maslow (*in* Sprinthall & Sprinthall, 1999), são essencialmente interesses que reflectem necessidades de segurança, amor, estima e auto-realização. As mais referidas neste estudo em Rabo de Peixe são as necessidades de auto-realização, ou seja, as motivações para o sucesso.

5. Factores externos

Tendo em atenção a questão da investigação "*Que factores (atribuições externas) contribuem para o reconhecimento de sucesso/do seu sucesso?*" (consoante a primeira ou segunda fase do estudo), surgiram diversas unidades de registo.

No que concerne à quinta dimensão, que se refere aos factores externos (5.), é possível verificar que esta se desdobra nas categorias atribuições (5.1.), fontes de auto-eficácia (5.2.) e comunidade (5.3.).

No que se relaciona com a categoria das atribuições (5.1.), é possível encontrar referências ao destino: sorte/azar (5.1.1.) e à dificuldade (5.1.2.).

Focando a atenção na subcategoria destino: sorte/azar (5.1.1.), esta é caracterizada como as circunstâncias casuais condicionantes de sucesso. Na **primeira fase do estudo**, a maioria dos jovens (9) atribuiu o sucesso dos indivíduos de Rabo de Peixe à sorte. Todavia, desses nove jovens, três também mencionaram que foi necessário esforço para se ser bem-sucedido. No extremo oposto, cinco jovens referiram que o sucesso dos indivíduos não aconteceu devido à sorte e três desses cinco jovens apontaram o esforço e o trabalho como o principal factor interveniente no sucesso (cf. Quadro 24). Saliente-se também que houve um jovem que não respondeu devido a um lapso que houve na realização da entrevista. Contudo, houve o cuidado de se procurar

em todo o discurso unidades de registo que contemplassem esta categoria, mas o discurso nunca focou este parâmetro. Resumindo, apesar de haver uma predominância de factores externos associados à sorte, os factores internos como o trabalho e esforço continuam muito demarcados nas concepções dos jovens.

Quadro 24 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria destino: sorte/azar (5.1.1.)

Subcategoria	Indicador	Exemplo de unidade de registo
5.1.1. Destino: sorte/azar	Sorte	E ²² – “Achas que o sucesso dele também se deveu a uma questão de sorte?”. U – “Com certeza. Principalmente a nível de trabalho. Sempre ouvi dizer: “quem tem padrinhos é que se baptiza”! E tendo em conta aquelas situações que temos visto, através do Fundo de Desemprego, em que as pessoas já têm um emprego já garantido, sem dar oportunidade para abrir os concursos para as outras pessoas”.
	Sorte e esforço	I – “Sorte? Para chegar onde chegou, precisa de trabalho e também precisa de uma pontinha de sorte”.
	Não foi influência da sorte	E – “O sucesso do (...) ter-se-á devido a uma questão de sorte?”. Q – “Não”.
	Não foi influência da sorte, mas sim do esforço	G – “Não. O sucesso dele deve-se ao esforço que ele teve”.

Na **segunda fase do estudo**, quase todos os indivíduos bem-sucedidos (12) atribuíram o seu sucesso à sorte. Todavia, desses doze jovens, metade (6) mencionaram que também foi necessário esforço e trabalho para alcançar o sucesso. No extremo oposto, apenas um indivíduo bem-sucedido referiu que o seu sucesso não aconteceu devido à sorte (cf. Quadro 25). Resumindo, ao contrário da primeira fase, aqui parece haver uma unanimidade na referência ao factor sorte, porém, os factores internos como o trabalho e esforço continuam também muito demarcados nas concepções dos indivíduos.

Quadro 25 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria destino: sorte/azar (5.1.1.)

Subcategoria	Indicador	Exemplo de unidade de registo
5.1.1. Destino: sorte/azar	Sorte	6 – “Acho que sorte foi fundamental em tudo o que consegui alcançar até hoje. Não me considero particularmente inteligente ou capaz para ter conseguido tanto sucesso exclusivamente por mérito próprio”.
	Sorte e esforço	8 – “O destino... o destino (Ri-se) Eu não direi que... pronto, a gente acredita que Deus é onisciente e aqui é o tal que sabe o que cada um será. Não sou determinista, não tenho essa concepção... um determinista da vida... porque eu é que fiz o esforço, por isso é que eu não fui destinado a ser o que sou... (...) (Gagueja) Eu acho... eu sinto que tive sorte na vida... (...) É porque foi mesmo aberta as portas. Se eu não tivesse querido entrar e entrando, não ter querido esforçar-me e sei que me esforcei, eu sei que estudava, eu sei que trabalhava (...) e essa recompensa dava-me alento para continuar, para prosseguir...”.

²² E – Entrevistador.

	<p>Não foi influência da sorte</p>	<p>E²³ – “Acha que todos os seus êxitos se deveram a uma questão de sorte? Acha que teve sorte no seu percurso de vida?” 2 – “Não, porque, principalmente quando vou às formações e vejo colegas meus que têm muito sucesso e que já têm muito nome, acho que tenho azar, porque é a tal coisa, eu... eu prefiro... eu tou num... eu tou num (...) escondida, tou numa freguesia que não tem valor. É aquela coisa, é um (...) barato, é aquela cliente que é o povo. Tenho todo o nível de cliente, mas também tenho clientes que não têm muito poder de compra e isso é um (...) acessível...”.</p>
--	------------------------------------	---

A atribuição maioritária do sucesso ao factor da sorte é de certo modo surpreendente, pois esta contraria alguns estudos como o de Santos (2010) que refere que a maioria dos seus participantes (estudantes) menciona que a sorte não tem influência nenhuma nos seus sucessos. Apesar disso, Weiner (1979) relata que embora a sorte não seja muito atribuída ao sucesso académico, esta pode ser um factor proeminente em ocasiões específicas, particularmente em conquistas no âmbito da carreira profissional, como é o caso de muitos participantes do presente estudo. Bar-Tal e Frieze (1977) e Weiner (1979) mencionam que quando o sucesso é atribuído à sorte, as pessoas tendem a não alterar muito as suas *performances* no futuro e a sentir menos orgulho nas suas conquistas, mas também menos vergonha nos seus fracassos. Entretanto, como houve uma quantia considerável de referências à conjugação da sorte com factores como o esforço, trabalho e capacidade, pode-se afirmar que grande parte dos indivíduos ainda sente orgulho, competência e sentimentos positivos nos seus sucessos (Weiner, 1979). Apenas reconhecem que na vida existem sempre aspectos imprevisíveis (externos e instáveis) que podem influenciar todo o processo de obtenção de sucesso.

Focando a atenção na subcategoria dificuldade (5.1.2.), esta é caracterizada através em função do seu grau ou intensidade. Como se sabe, tarefas e vivências facilitadas são à partida conotadas com a rápida obtenção de sucesso, por isso importa saber o que os resultados sugerem acerca desta subcategoria. Na **primeira fase do estudo**, a maioria dos jovens (11) descreveu que as suas referências de sucesso tinham tido vidas repletas de dificuldades e que isso tinha influenciado o sucesso delas. Dois jovens relatam que os indivíduos passaram por facilidades e dificuldades e apenas um refere que a sua referência de sucesso teve uma vida facilitada. Convém destacar que um jovem não conseguiu responder se havia facilidades ou dificuldades nesta questão, porque considerava não ter conhecimento suficiente sobre a vida da sua referência de sucesso (cf. Quadro 26).

²³ E – Entrevistador.

Quadro 26 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria dificuldade (5.1.2.)

Subcategoria	Indicador	Exemplo de unidade de registo
5.1.2. Dificuldade	Dificuldades	C – “Não. Fácil, eu não digo. Teve alguns obstáculos, porque teve vizinhos que implicaram, não queriam que ela fizesse a festa no local que ela queria e essas coisas assim”.
		T – “Porque ele conseguiu atingir os seus objectivos. Já se sabe que na altura em que ele estudou não era fácil, mas mesmo assim conseguiu e já atingiu alguns objectivos que tinha na vida. Já teve algum sucesso”.
		R – “... também a vida não foi assim 100% para ela. Ela também... custou muito e passou algumas necessidades para chegar ao dia de hoje. (...) Ela teve no continente tirando o curso. Teve de trabalhar e estudar... tudo ao mesmo tempo. (...) E esteve pagando a sua casa cá”.
	Facilidades e dificuldades	X – “Eu penso que deve ter havido momentos em que lhes foi facilitado no que diz respeito aos apoios financeiros do Governo, etc., mas também por outro lado deve ter sido dificultada por outros caminhos, não é?”.
		I – “Nem muito facilitada, nem... nem assim, porque já houve piores como também já houve melhores”.
	Facilidades	M – “Para o que eu conheço não. Foi uma pessoa... Bom, sempre teve o seu emprego. Casou-se. Teve filhos. Não... (...) Não me lembro de ver assim com grandes dificuldades”.
Não consegue responder	U – “Não te posso dizer com toda a certeza, porque não tenho conhecimento do caso específico”. E ²⁴ – “Exacto. Mas à partida, pronto, à primeira impressão, achas que ele foi uma pessoa que teve a vida facilitada, mesmo nos estudos, ou dificultada?”. U – “É assim, eu acho que cada pessoa tem a sua maneira de lidar com isso. Eu não posso dizer que foi facilitada, pois não sei os esforços que ele fez para atingir esse objectivo”. E – “Exacto. Ou seja, não me consegues responder mesmo a esse tipo de questão?”. U – (Acena que não com a cabeça).	

Na **segunda fase do estudo**, o cenário altera-se um pouco e reparte-se entre referências a dificuldades e facilidades. Isto porque metade dos indivíduos de sucesso (6) referiram ter tido vidas repletas de dificuldades, por vezes com alusões ao esforço e ao trabalho árduo e o mesmo número de indivíduos bem-sucedidos (6) contaram que tiveram vidas facilitadas. Só um dos indivíduos de sucesso referiu ter tido facilidades e dificuldades no seu percurso de vida (cf. Quadro 27).

Quadro 27 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria dificuldade (5.1.2.)

Subcategoria	Indicador	Exemplo de unidade de registo
5.1.3. Dificuldade	Dificuldades	8 – “A vida não é fácil para ninguém. Eu tive vários obstáculos na vida. Muitos, muitos, muitos! E portanto, e o vencê-los também foi um alento, porque a vida não é fácil para ninguém e também não ia ser fácil para mim. Eu tive muitos obstáculos, muitos problemas para os ultrapassar. E tive... pronto, fui ultrapassando degrau a degrau... Eu também tenho a consciência que para chegar a onde cheguei, não assentei praça em geral como se costuma dizer, ou seja, eu não cheguei ao topo da carreira, eu tive que subir um degrau todos os dias, ou seja, em cada... para se subir, há um esforço, há uma dificuldade em subir e portanto, essas dificuldades aparecem no dia-a-dia e a gente tem que ir ter a capacidade que é para as ir “submultando” (gagueja) “...multando” em português? Ai mãe! Eu, às vezes, tenho umas palavras... ultrapassar! (...) E portanto, tive que ir ultrapassando passo a passo as dificuldades e como toda a gente, às vezes, a vida não é fácil para ninguém. A vida não sorri todos os dias e faz parte da vida ter também um bocadinho da cruz, que quem é cristão, sabe perfeitamente que (...) essas tribulações que toda a gente tem na vida, safanões... Há acontecimentos na nossa vida que são muito complicados e que a gente... mas isso exige de nós a consciência de que não vivemos num mar de rosas em que a vida é feita de momentos com tribulações, mas também momentos de felicidade e essa conjugação é que tempera a vida e nós com o sal que é os momentos mais desagradáveis da

²⁴ E – Entrevistador.

		<p>vida. (...) Tempera. Até o sal serve para temperar a vida, senão achávamos que eramos uns heróis e ninguém é herói...”.</p> <p>9 – “Bom, eu posso, por exemplo... a minha licenciatura é precisamente um caso desses. Eu sou filho de um (...) e de uma (...) e depois também, eles também tiveram um percurso académico interessante... A minha mãe acabou por fazer o seu décimo segundo, o meu pai fez o nono ano, <i>a posteriori</i>, mas eu não tive todas as condições que os meus colegas em termos financeiros tinham. Eu tive de entrar para o mundo do trabalho mais cedo e depois, se calhar vi como é que as coisas são, tive um bocadinho de visão, com toda a humildade e fui percebendo onde é que tinha de dar tiros para as coisas surgirem... (...) E mesmo em relação aos meus outros colegas de carteira e tem alguns já licenciados, consegui ter sempre algum tipo de vencimento, algum “incoming” suficiente para manter a vida assim um bocadinho melhor, só que depois apercebi-me que realmente estava me a faltar qualquer coisa, mas depois, aí também já vi que era... não era tarde, mas não era tão cedo como devia ser. Eu fui para a universidade com vinte e sete anos. (...) Isso traduz-se em quê? Vinte e sete ou vinte e oito, já não me recordo... Mas no que é que isso se traduz? Traduz-se num sacrifício muito, muito grande. Eu tinha já a minha filha mais velha... (...) No final do curso, saíram-me... saiu-me na tómbola grande, saiu-me (...) pronto... (...) Portanto, não imaginas o que isso é... É chegar a casa e ter que ter de preparar jantares, banhos e mais não sei o quê... Foi muito difícil. No meu último ano de universidade, para despachar tudo, eu fiz treze cadeiras, ou seja (...) tive que pedir o requerimento, só se pode fazer doze, mas faltava-me uma para finalizar (...) e autorizaram-me, mas portanto, a finalizar a licenciatura depois de tanto tempo, conseguir fazer aquilo de modo a que treze cadeiras e com uma série de coisas... epah... com o (...) a aparecer, com tudo isto, pá... para mim foi de facto chegar ao fim de uma etapa muito grande.</p> <p>11 – “Muito difícil. (...) Eu costumo dizer isso aos meus filhos, mais à minha filha, porque às vezes desanima, “A nossa vida...”... ela diz “Nunca... eu para conseguir alguma coisa, tenho de trabalhar tanto, mas há pessoas com tanta sorte”. É verdade. Ela acabou o Mestrado com dezoito (...) mas chorou muito, porque queria era o dezanove. Ela diz “Eu nem peço o vinte!” e ela dizia “Porque é que é tudo tão chorado na minha vida, é tudo tão lutado? Enquanto que há pessoas que conseguem com três tempos ou com qualquer coisa... parece que lhes cai do céu!” e eu costumo dizer sempre “Tudo o que eu tenho foi muito suado!”, foi muito lutado, mesmo o trabalho aqui mesmo para essa (...) Eu costumo conversar muito com a (...) e eu costumo dizer a ela “(...), a gente consegue, mas tu já viste as horas que se perdeu com isto?”, pois... (...) Eu tenho tido problemas muito graves na minha vida e mesmo aqui na (...), já tenho tido dissabores muito frescos, muito frescos! Agora é assim, fico dois, três dias muito sentida e depois, parece que esqueci...”.</p>
	Facilidades e dificuldades	<p>3 – “Foi fácil”.</p> <p>E²⁵ – “Foi fácil? Mas ao longo da sua vida toda, considera que tem tido uma vida facilitada?”.</p> <p>3 – “Mais ou menos”.</p> <p>E – “Mais ou menos. Hum hum... Mas mais ou menos, ou seja, não sei se... está na liberdade de não querer responder, mas por exemplo, não sei se quer mencionar alguns dos obstáculos que teve durante a sua vida ou durante a construção ou pronto... a elaboração da festa?”.</p> <p>3 – “É assim, houve dificuldades, mas não foi assim tantas”.</p> <p>E – “Exacto, mas consegui sempre ultrapassar?”.</p> <p>3 – “Sim”.</p>
	Facilidades	<p>7 – “Eu tive uma vida facilitada, que os meus pais não estudaram muito, mas tentaram facilitar muitas coisas”.</p> <p>10 – “Tive facilitado, tive facilitado, porque meu pai, pronto, facilitou-nos essa empresa, mas a empresa cresceu muito, cresceu... 500%”.</p> <p>13 – “Eu acho a minha vida um pouco facilitada, tive alguma sorte na vida, para já, não tem corrido nada mal...”.</p>

Estes resultados que dão alguma primazia às dificuldades acompanhadas de esforço e trabalho árduo vão ao encontro das conclusões de vários estudos. Santos (2010) relata que a maioria dos seus participantes não atribui os seus resultados académicos à facilidade da tarefa, mas sim ao esforço. Bar-Tal e Frieze (1977) referem que os indivíduos preferem atribuir os seus sucessos a factores internos como a capacidade e o esforço, em detrimento dos externos como a facilidade da tarefa. Logo,

²⁵ E – Entrevistador.

dizer que se teve uma vida facilitada sem esforço não parece ser algo muito apetecível de se dizer. Daí o facto de alguns indivíduos bem-sucedidos terem dito que tiveram uma vida facilitada, mas com muito esforço e trabalho e da maioria ter dito que teve uma vida repleta de dificuldades em que tiveram de trabalhar muito.

Quanto à categoria das fontes de auto-eficácia (5.2.), é possível encontrar referências às experiências vicariantes (5.2.1.) e às persuasões sociais (5.2.2).

Focando a atenção na subcategoria experiências vicariantes (5.2.1.), esta é caracterizada pelos produtos da comparação social na percepção de auto-eficácia. Ou seja, a autocomparação com outras pessoas faz os indivíduos, por vezes, sentirem-se mais confiantes e auto-eficazes. Pajares (2005) também defende que alguns indivíduos formam as suas crenças da auto-eficácia através das suas experiências vicariantes na observação da performance dos outros em determinadas tarefas, modelam-se a si próprios. Modelos que admitem os seus erros ajudam os outros a perceberem que é natural cometer erros e acabam por induzir as suas melhorias pessoais. Modelos mais autoritários e intolerantes aos erros transmitem a ideia de que é inaceitável errar (Pajares, 2005). Nestas circunstâncias, torna-se relevante perceber no contexto de Rabo de Peixe, com quem é que os indivíduos se comparam, se têm pessoas que lhes serviram de modelos na vida e como é que estes se percebem em relação aos outros.

Na **primeira fase do estudo**, a maioria dos jovens (10) acha que os indivíduos bem-sucedidos tiveram modelos de referência com quem se compararam durante os seus percursos de vida. Essencialmente, acham que são figuras ligadas à família, como pais e irmãos, como se pode ver nas seguintes passagens:

Q – “Se calhar, a família. Ele teve uma tia, por exemplo, que também foi bem-sucedida, a própria mãe e o pai, a maneira de eles estarem e de viverem, acho que sim... (...) A irmã, também”.

U – “Não sei. Provavelmente deve ter sido o facto de os pais terem uma vida acessível e de ele querer ser alguém melhor que os pais, digo eu”.

K – “Vou falar assim... digamos à toa. Talvez no seu pai, não sei... talvez... mas (...) Acho que sim. Acho que sim. Talvez... talvez também devido à educação dele...”.

Contudo, também existiram cinco intervenções que descartavam a hipótese de terem havido modelos de comparação:

M – “... Acho que não... (...) Ele até pode ter tido, mas...”.

R – “Não... Por ela própria sozinha”.

I – “Talvez até tenha tido, mas provavelmente foi mesmo dele, da sua força, que ele quis seguir isso”.

Relativamente aos indivíduos que os rodeiam, as opiniões dos jovens dividem-se naquilo que concerne ao destaque dos indivíduos proveniente da comparação social face às outras pessoas que os rodeiam. Oito jovens manifestam testemunhos que pressupõem destaque face aos outros em algumas características:

B – “Pronto, porque primeiro, ele foi uma das pessoas que atingiu sucesso. (...) E acho que as pessoas... eu não queria dizer mais inferiores, mas sei lá, acho que o veem dessa forma...”.

U – “Se calhar o facto de o (...) ser uma pessoa introvertida. (...) Uma pessoa um bocado reservada. Não é de dar confiança a qualquer pessoa”.

K – “De maneira geral, é uma pessoa com um certo estatuto e tem uma sensibilidade acima da média das pessoas. Ou seja, como é uma pessoa muito influente e conhecida, também acho que influencia um bocado a sua maneira de ser”.

No lado oposto, sete jovens manifestam depoimentos que não pressupõem a existência de destaque face às outras pessoas:

D – “Simples. (...) Fala-se bem. Não tem aquela coisa de ter sucesso (...) não tenta ser mais do que os outros, não...”.

I – “Entre a sociedade, acho que não. É simplesmente, ele gosta de sentir como um membro da nossa sociedade...”.

A – “Sim. Eu acho que ele é igual. Agora, ou com um bocadinho ou um pouco a mais, um pouco a menos de “pedigree”, mas não deixa de ser uma pessoa nas suas atitudes. (...) Comporta-se como tal. Cumprimenta as pessoas, qualquer pessoa. Não é aquela pessoa que está só dona de si, pelo que eu conheço...”.

Na **segunda fase do estudo**, antes de mais, convém destacar que houve um dos indivíduos que não respondeu a esta questão devido a um lapso que houve na realização

da entrevista. Contudo, houve o cuidado de se procurar em todo o discurso unidades de registo que contemplassem esta categoria, mas o discurso nunca focou este parâmetro.

Entretanto, a maioria dos sujeitos (9) refere que teve modelos de referência com quem se compararam durante os seus percursos de vida. Essencialmente, acham que são figuras ligadas à família, como pais e irmãos, figuras com quem se cruzaram no mundo profissional e figuras históricas, como se pode ver nas seguintes vocalizações:

13 – “O meu pai. (...) Eu ainda hoje, ainda tenho coisas que eu vou daquilo que ele me dizia e eu reconheço que ele tinha razão, que aquilo era como ele dizia, como ele dizia para mim fazer e é que tá certo”.

7 – “Eu tive foi... que ajudaram muito nos trabalhos no meu início. E vale dizer que foi sempre a (...)e a senhora (...)”.

9 – “Gosto dos U2, mas nunca tive uma referência em termos de dizer olha, eu vou ser assim ou vou ser assado. Digo eu a fazer essa análise, mas se calhar, em algumas etapas da minha vida, perante alguns assuntos ou algumas temáticas, penso “aquele fulano...”... cá está, a pessoa que se calhar mais marcou a minha vida foi Robert Baden-Powell, que é o pai dos Escoteiros”.

Contudo, também existiram três unidades de registo que descartavam a hipótese de terem havido modelos de comparação, como se pode verificar na vocalização exemplificativa:

E – “E considera que teve alguém que lhe servisse de modelo para se tornar na pessoa que é hoje?”

12 – “Não...”.

E – “... de exemplo? Não? Ninguém...”.

12 – “Teve, teve... isso então foi sempre por mim próprio, não é?”.

Relativamente aos indivíduos que os rodeiam, as opiniões dos indivíduos de sucesso dividem-se naquilo que concerne ao destaque proveniente da comparação social face aos que os rodeiam. Metade dos indivíduos de sucesso (7) apresenta testemunhos que pressupõem destaque face aos outros em algumas características:

6 – “(...) Destaquei-me pelo meu sucesso académico, apenas”.

8 – “Pelos dedos da mão, porque era muito pouca gente que ia... que tinha possibilidade de estudar. Eu tive sorte. Tive sorte, sorte... eu também era uma pessoa que me destaquei nos primeiros anos como sendo um aluno com... a meu ver, não lhe vou dizer brilhante, mas com...”.

E – “... mas com muito boas classificações”.

8 – “Sim...”.

11 – “Não. Há uma coisa que eu tenho, mas que isto é de família e vais ver se é ou não. Tenho muito o dom do mando. (...) Do mando, de mandar. (...) Tenho muito o dom de dirigir, mas é engraçado, repara nos meus irmãos que tu conheces e todos nós, graças a Deus, temos tido sucesso na vida”.

A outra metade dos indivíduos de sucesso (6) manifesta depoimentos que pressupõem não haver destaque face aos outros:

7 – “Não. Eu considero-me igual aos outros”.

12 – “Na altura era um aluno como os outros. Nunca fui daqueles mais difíceis. (...) Nunca fui daqueles mais “arrudos”, não é? (...) Pronto, era um aluno normal...”.

13 – “Não. Para mim, eu sou igual aos outros”.

Após todos estes resultados, é possível comprovar que as figuras que servem de modelos são geralmente pessoas mais velhas, enquanto o destaque que cada um tem é quase sempre relativo aos pares. Ambos os casos pressupõem sempre uma comparação social na percepção de eficácia.

No que se refere à subcategoria persuasões/pressões sociais (5.2.2.), esta é caracterizada pelos tipos de avaliações ou juízos externos e pelos efeitos daí decorrentes. Isto porque a opinião dos outros frequentemente contribui para a autoeficácia de cada um. Os indivíduos simplesmente podem tornar-se mais bem-sucedidos se ouvirem elogios e críticas construtivas e podem desmotivar-se face ao sucesso se levarem a sério as críticas destrutivas. Quanto aos resultados do presente estudo, é possível constatar que na **primeira fase do estudo**, todos os jovens (15) acham que os indivíduos bem-sucedidos ouvem muitos elogios e quase todos (11) acham que também recebem críticas destrutivas, como se pode ver nas seguintes passagens exemplificativas:

X – “Por uns elogiados e por outros criticados, mas talvez mais elogiados do que criticados”.

B – “Acho... Há sempre alguém que elogie e há sempre alguém que critica”.

M – “Já ouvi críticas e já ouvi elogios. Ele tem feito um bom trabalho. Toda a gente sabe que sim. Mas quando ele entrou na (...), saiu notícias aí que... eu também não gostei, mas...”.

Quanto aos efeitos que os elogios costumam provocar, os jovens acham que as pessoas de sucesso devem ficar, na sua generalidade, contentes, encorajadas e incentivadas para obterem cada vez mais sucesso, como é possível vislumbrar nas seguintes vocalizações exemplificativas:

C – “Sim, ela ficou satisfeita em saber que o povo gostou, porque o que ela queria que a festa corresse bem e fosse... pronto... tudo a gosto dela e que correu bem e que as pessoas... sabendo que ela gostou e que as outras pessoas gostaram. Ela ficou muito satisfeita com isso”.

F – “(...) elogios é para ficar contente (...) com aquilo que ela ouve, com os elogios que lhe dão”.

D – “(...) Agora quando recebe um elogio, já se sabe que ele fica muito vaidoso e vai por aquele caminho”.

Por outro lado, no que concerne às críticas e aos seus efeitos, os jovens acham que as pessoas de sucesso procuram, na sua generalidade, as suas melhorias pessoais ou ficam indiferentes quando recebem críticas, como se pode ver nas seguintes passagens exemplificativas:

E – “Sim. Mas neste caso, dos donos desta firma, acha que se calhar não são pessoas que também dão muita importância às críticas e aos elogios?”

X – “Exacto”.

E – “Não dão?”

X – “Exacto. (...) Penso que não”.

G – “Hee... Eu só sei que as críticas dele, que ele ouve, ele consegue melhorá-las e consegue ser uma pessoa melhor do que aquilo que é”.

U – “Por isso, quando recebe uma opinião negativa, desde que seja fundamentada e construtiva, acho que ele tenta melhorar”.

Na **segunda fase do estudo**, todos os indivíduos de sucesso (13) acham que ouvem muitos elogios e quase todos (14) acham que também recebem críticas destrutivas, como se pode ver nas seguintes vocalizações exemplificativas:

1 – “Cinquenta – cinquenta. Se bem que... se bem que toda a gente gosta de receber elogios”.

3 – “Tem das duas. Tanto faz criticada e elogiada”.

5 – “Eu já lhe disse como é, eu já lhe disse como é... Bem e mal, fala quem quer”.

Quanto aos efeitos que os elogios costumam provocar, os sujeitos acham que ficam, na sua generalidade, contentes, encorajados e incentivados para obterem cada vez mais sucesso, como é possível vislumbrar nas seguintes vocalizações exemplificativas:

2 – “Mas também tenho recebido muitos elogios, o que é ótimo. (...) Dá mais segurança para o dia-a-dia”.

6 – “Sobretudo elogiado. Acho que de alguma forma os elogios ajudam”.

10 – “Pronto... Eu quando recebo elogios... eu recebo elogios e agradeço e pronto, sou sempre a mesma pessoa”.

Por outro lado, no que concerne às críticas e aos seus efeitos, os sujeitos da segunda fase do estudo acham que procuram, na sua generalidade, as suas melhorias pessoais, procuram também reflectir e analisar o que foi dito e em alguns casos também ficam indiferentes quando recebem críticas, como se pode ver nas seguintes intervenções exemplificativas:

4 – “Não. Eu gosto... gosto de pensar menos nas críticas e de analisar se realmente têm fundamento ou não”.

5 – “Eu nunca liguei a isso”.

13 – “Eu sou daquelas pessoas que... pronto... se eu vejo que o que ela está a dizer faz sentido, eu talvez vá aproveitar ali o que ela está a dizer, mas se eu vejo que o que ela está a dizer, de nada serve...”.

Todos estes resultados são coerentes com as ideias de Pajares (2005) que nos transmitem que os elogios podem incentivar a persistência das pessoas, o desenvolvimento de habilidades e de crenças de auto-eficácia. As críticas destrutivas, por sua vez podem provocar o contrário, ou seja, a inibição e a desistência de determinadas tarefas. Neste contexto, como os participantes do estudo (jovens e bem-sucedidos) atribuíram mais prevalência aos elogios e é expectável que estes tenham contribuído em grande parte para o sucesso dos indivíduos de Rabo de Peixe.

Finalmente, no que diz respeito à categoria da comunidade (5.3.), é possível encontrar referências às relações interpessoais familiares (5.3.1.), às relações interpessoais comunitárias (5.3.2) e às características da comunidade/local (5.3.3.).

Direccionando a atenção para a subcategoria relações interpessoais familiares (5.3.1.), esta é caracterizada pela qualidade das redes de suporte familiar. Isto é, se existirem boas relações de suporte familiar, onde os indivíduos sejam apoiados, incentivados e estimulados, há mais probabilidades de virem a ser bem-sucedidos. Portanto, torna-se relevante perceber no contexto de Rabo de Peixe, qual a concepção dos jovens acerca das redes de suporte familiar dos indivíduos bem-sucedidos e se as famílias destes têm efectivamente sido factores fulcrais para o sucesso dos mesmos.

Na **primeira fase do estudo**, as opiniões dos jovens foram totalmente unânimes. Surgiram 15 unidades de registo que comprovam que as suas percepções da qualidade das redes de suporte familiar dos indivíduos bem-sucedidos são muito boas, pois todos referiram que os bem-sucedidos tinham a aceitação e apoio da família (cf. Quadro 28).

Quadro 28 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria relações interpessoais familiares (5.3.1.)

Subcategoria	Indicador	Exemplo de unidade de registo
5.3.1. Relações interpessoais familiares	Aceitação e apoio da família	T – “Sim, também... O apoio da família é sempre muito importante”.
		F – “Deve ter sido uma família unida e com vontade de apoiá-la até ao sucesso dela”.
		J – “Claro. Os filhos e o esposo que a apoiaram”.

Na **segunda fase do estudo**, a grande maioria das figuras bem-sucedidas (12) referiu ter o apoio e aceitação da família, enquanto um dos indivíduos bem-sucedidos refere não ter o apoio da família, mencionando uma espécie de negligência (cf. Quadro 29).

Quadro 29 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria relações interpessoais familiares (5.3.1.)

Subcategoria	Indicador	Exemplo de unidade de registo
5.3.1. Relações interpessoais familiares	Aceitação e apoio da família	6 – “As minhas relações familiares são fortes e equilibradas, como expliquei anteriormente. A minha família teve um papel fundamental no que consegui alcançar”. 8 – “... em termos escolares e portanto, e assim prossegui estudos com muito esforço, evidentemente que numa família que era humilde, dispensar um filho para ir estudar não era nada fácil (...) porque antigamente, todos os filhos tinham de trabalhar para poderem o sustento da família e dispensar um deles para poder ir estudar não é fácil, daí que também reconheça que a minha família teve um papel determinante. Se os meus pais não quisessem, não me teriam dado essa oportunidade... (...) Se os meu pais não tivessem essa... essa disponibilidade mental para me poderem dispensar para contribuir para o orçamento familiar, eu certamente, eu não estaria a estudar, não teria essa oportunidade...”. 13 – “A minha família apoiou-me muito no meu regresso do estrangeiro para cá. (...) Estava eu (não sei se isso deve dar para aí)... vivi uns anos no Canadá, depois vim para cá e nessa altura, a minha família apoiou-me muito”.
	Oposição e negligência da família	12 – “A minha família... eu nunca... os meus filhos estão no (...), nasceram lá, estão lá, a minha mulher... (...) Agora, eu por mim, eles é que sabem (...) que eles nunca me dizem “O meu pai é assim, o meu pai é assado”... (...) A minha rapariga também é uma mulher muito activa de fazer as coisas, teve até aqui agora (...) Bom, ela vê aquilo e gosta, mas não nem “Meu pai faz bem”, nem nada...”.

No entanto, convém referir também que duas das doze pessoas que referiram ter tido a aceitação e apoio da família, apesar de terem sido apoiadas, referiram ter tido momentos em que sofreram oposição e negligência por parte dos familiares, como se pode ver nas seguintes intervenções exemplificativas:

2 – “Só a partir de determinada altura, porque na altura, quando eu quis abrir o (...), sou sincera, não tive o apoio, principalmente do meu marido. (...) Porque ele não achava que ia ter sucesso, porque tinha aquela noção que as pessoas de Rabo de Peixe não se arranjam, o tal problema das pessoas de Rabo de Peixe. (...) Ele não tinha a noção, não tava por dentro da freguesia, porque casamos. Entretanto, ele foi tirar o seu curso, porque ele é (...), teve no continente, ele é de outra freguesia e não... não sabia... não tava dentro da freguesia em si (...) e não me deu apoio. Mas, ele agora diz que ainda bem que eu insisti (...) que... que eu ganhei. Mas pronto, foi uma boa escolha... (...) Foi uma luta minha. Mas agora, ele dá-me apoio (...) em tudo. (...) Dá-me, já me dá valor”.

11 – “Não. Do meu pai, porque da minha mãe não! (...) O meu pai é que me incentivou a estudar, porque a minha mãe achava que não. (...) A minha mãe que era uma mulher com mais cultura, mas um dia, passaram-se os anos e estamos todos já formados e ela disse-me... Estávamos a conversar, estávamos numa vindima... (...) E ela disse... ah! Não! Foi depois da vindima, muita coisa depois... Foi assim na casa dela, já assim... Ela disse “Que juízo o meu! Para que será que eu queria essas filhas todas ignorantes nessa casa?” (...) que realmente foi o melhor que fez, portanto, a mim, ela teve dificuldade em deixar-me e depois os outros, deram incentivo a todos. Agora, eu era a mais velha e ela achava que não... Se também não tinha estudado, porque é que eu haveria de estudar? (...) A minha mãe gostava muito de ser enfermeira, mas o pai não lhe deixou e ela achava que se não tinha sido enfermeira, eu também não

precisava disso... Pois então é que começou o meu pai... o meu pai não, o meu pai era analfabeto... (...) Mas depois, tinha um desgosto tal, que todos os filhos que quisessem era mesmo incentivar...”.

De um modo geral, os jovens e os indivíduos de sucesso de Rabo de Peixe destacaram o importante papel das redes de suporte familiares na motivação para o sucesso. Fontaine (1988) conta que o calor afectivo e a capacidade de resposta da família às necessidades de um indivíduo influenciam os comportamentos, auto-estima e motivação para o sucesso deste.

Falando de seguida na subcategoria relações interpessoais comunitárias (5.3.2.), esta é caracterizada pela qualidade das redes de suporte comunitário. Isto acontece porque a existência de boas relações de suporte comunitário, onde os indivíduos interagem positivamente uns com os outros, estabelecendo relações de confiança, contribui para que haja mais possibilidades de estes virem a ser bem-sucedidos. Assim, também se torna pertinente perceber no contexto de Rabo de Peixe, qual a concepção dos jovens acerca das redes de suporte comunitário dos indivíduos bem-sucedidos e se as relações com a comunidade destes últimos têm sido factores importantes para o sucesso dos mesmos.

Na **primeira fase do estudo**, as opiniões dos jovens foram totalmente unânimes. Surgiram quinze unidades de registo que comprovam que as suas percepções da qualidade das redes de suporte comunitário dos indivíduos bem-sucedidos são muito boas, tal como se verificou no caso das redes de suporte familiar, pois todos referiram que as pessoas bem-sucedidas tinham o auxílio e apoio da comunidade (cf. Quadro 30).

Quadro 30 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria relações interpessoais comunitárias (5.3.2.)

Subcategoria	Indicador	Exemplo de unidade de registo
5.3.2. Relações interpessoais comunitárias	Auxílio e apoio da comunidade	G – “Acho que papéis importantes. Tiveram um apoio, deram apoio. Isso é muito bom para uma pessoa que está nesse cargo com essas funções”.
		K – “Hee... Acho que basicamente foi o apoio que sempre lhe deram. A maior parte das pessoas sempre lhe deu apoio naquilo que ele sempre fez ou tentou fazer. (...) Também deve ter havido projectos que não passaram do papel, talvez... mas basicamente, acho que foi o apoio da população em geral”.
		D – “Não, não... Tipo, pelas festas, havia sempre pessoal de... até às vezes de fora da terra, vinham para cá ajudar (...) na parte da cozinha e isso tudo... tipo, ele dava-se muito bem com os amigos, vizinhos. Quando era sempre para ajudar, também tinha pessoal para ajudar...”.

Na **segunda fase do estudo**, a grande maioria das figuras bem-sucedidas (11) referiu ter o auxílio e apoio da comunidade, enquanto dois dos indivíduos bem-sucedidos referem não ter tido o apoio da comunidade, mencionando aspectos mais

individualistas na obtenção de sucesso e uma espécie de indiferença por parte das outras pessoas (cf. Quadro 31).

Quadro 31 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria relações interpessoais familiares (5.3.2.)

Subcategoria	Indicador	Exemplo de unidade de registo
5.3.2. Relações interpessoais comunitárias	Auxílio e apoio da comunidade	2 – “Têm dado conselhos, por isso gosto, não saio de Rabo de Peixe. Podem haver convites que vais trabalhar para um hotel, que vais ter montes de sucesso, eu não consigo deixar, porque se eu chegar aqui ao pé de uma cliente e disser “Olha, eu fui a uma formação e aprendi isso e acho que fica lindo!”, o que eu sinto é o respeito e a confiança que as pessoas têm (...) e deixam-me fazer e podes fazer e depois “Ah! Eu sabia que ias acertar! Está óptimo!” (...) “Eu confio em ti!”, por isso nada... eu não mudo de Rabo de Peixe!”.
		9 – “E depois, não há aquele amigo perfeito, há sempre alguém que tem um defeitozinho, então uma coisa, mas amigos amigos, curiosamente tenho muito poucos, mas são aqueles que se eu não os vir durante três anos, eu quando os vir no dia a seguir são as mesmas pessoas e depois há aqueles amigos que convivem connosco e não sei quê... E esses estão... as pessoas na nossa comunidade... Nós temos de nos sentir integrados, porque senão depois, é mais um problema e eles ajudam...”.
		12 – “Quase tudo, a maior parte apoiam-me, apoiam-me”.
	Oposição e indiferença da comunidade	11 – “Nunca tive, nunca esperei por isso... Se era um gosto que eu tinha, se era um presente na minha vida... eu não esperava que me incentivassem... Eu até acho que nunca tive incentivos assim “Olha, vai à luta! Vai fazer isso!”...”.
		13 – “(Hesita em silêncio). Vizinhos não...”.

Embora, não hajam grandes diferenças nas unidades de registo obtidas, denota-se uma menor ênfase no apoio da comunidade em comparação com o apoio da família. Ornelas (2008) refere que o suporte social (família, amigos, vizinhos, comunidade) tem efeitos benéficos na auto-estima, no *status*, na informação, na assistência instrumental, nas relações de amizade e na satisfação de necessidades. Logo, de um modo geral a comunidade rabopeixense tem conseguido transmitir isso tudo através do apoio que tem fornecido às pessoas bem-sucedidas, logo também é tem um papel determinante no sucesso destas.

O individualismo manifestado por dois indivíduos que rejeitam as influências da comunidade no seu sucesso pode ser explicado pelo “*self-serving bias*” (Biddle, 1993) ou egoísmo atribucional, que faz com que estes atribuam exclusivamente a si próprios os seus feitos e conquistas.

Finalmente, na subcategoria características da comunidade/local (5.3.3.), esta é caracterizada pelas especificidades distintas da comunidade e do local, neste caso, da vila de Rabo de Peixe e da sua comunidade. Muitas destas especificidades foram apontadas como potenciais factores que podem influenciar positivamente ou negativamente o sucesso dos rabopeixenses. Na **primeira fase do estudo**, a maioria das unidades de registo dos jovens (10) focou aspectos referentes às características da

personalidade dos rabopeixenses e ao estigma. A nível de características de personalidade, foram salientadas no extremo positivo a humildade, o acolhimento das pessoas, a união, o sucesso, a entreaajuda, o humanismo, o dinamismo, a compreensão, a meiguice e a capacidade de lutar, como se pode ver nas seguintes intervenções exemplificativas:

R – “Em Rabo de Peixe, as pessoas são mais humanas. (...) São. Mais compreensivas, mais meigas”.

K – “Uma característica positiva? Acho que a entreaajuda entre eles, entre as pessoas. Acho que há muita entreaajuda entre as pessoas”.

E – “Por exemplo, achas que essa entreaajuda entre as pessoas poderá ter contribuído de certa maneira para o sucesso de pessoas como o senhor (...)?”.

K – “Eu acho que sim, porque qualquer pessoa tenta... portanto, levar a vila adiante e é sempre bom ver que há receptividade das outras pessoas e uma vontade de também querer ajudar a evoluir. Acho que é positivo para a pessoa sentir isso”.

J – “Pronto, somos uma... somos uma população unida”.

No extremo negativo, salientaram a dependência de subsídios e o desinvestimento na educação, como as seguintes passagens exemplificativas demonstram:

M – “E acho que o dinheiro que foi empregue é que foi mal distribuído. Acho que, opah, em vez de fazer escolas, brutas escolas, fazia-se uma coisinha mais pequenina, mas essencial às pessoas naquele meio. Os jovens também têm que começar a ver que a pesca e que o rendimento mínimo não é o caminho a seguir. Eu por acaso lá na loja vi um rapazinho, ele foi lá buscar uns tubos e eu disse: “Eh vá lá, afinal o que queres ser quando fores grande?”. “Eu quero ser igual ao meu pai”. “E o que é que o teu pai faz?”. (...) “Recebe da assistência”. E não é esse caminho que ele deve seguir, não é. Disse logo: “Tens de ir para a universidade”. “E pah eu não quero isso! Eu não quero isso”. O caminho dele tem de ser esse”.

U – “É assim, as pessoas em Rabo de Peixe, pelo facto de não terem uma escolaridade mínima obrigatória, refiro-me ao 12º ano, não têm o conhecimento doutras realidades e torna a comunidade de Rabo de Peixe um bocado retrógrada”.

Os depoimentos relativos ao estigma são imensos, como é possível observar nas seguintes intervenções exemplificativas:

U – “Tudo o que não presta, as pessoas associam a Rabo de Peixe, quando na realidade não é assim”.

D – “É ouvida como “Ihh Rabo de Peixe! Foi mesmo para essa freguesia que foste morar!””.

I – “Claro. Muitas pessoas criticam-nos pela nossa fala e pela zona em que vivemos, dizendo que é só pessoas que não têm cultura, que não têm escola, nem nada. (...) Somos julgados logo pela aparência, também. (...) Temos que lutar mais e isto pode ser um contratempo”.

Logo a seguir, as unidades de registo mais frequentes, com sete referências cada, foram as relacionadas com as características demográficas (freguesia muito populosa) e as características culturais (grandes festividades, ligação muito própria à actividade piscatória e tradições vincadas), como se pode constatar nos seguintes exemplos:

J – “Das outras comunidades? Nós temos os nossos defeitos e temos as nossas coisas que são boas. O que eu acho aqui de Rabo de Peixe: temos uma população muito grande”.

D – “Para além disso? Olha, temos muita coisa boa! Fazemos aqui as Festas do Espírito Santo que são muito bonitas. Muita gente vem cá ver”.

Ainda surgiram duas vezes passagens relacionadas com as características geográficas de Rabo de Peixe (localidade com o único grande porto de pescas localizado na costa norte; grande área territorial):

M – “Em todo o lado há disso. Mas é lógico que a gente quer transmitir os bons para fora, a nível, como eu já disse, a nível de indústrias e a nível de pescas. Provavelmente Rabo de Peixe é o único porto de pescas que a gente tem no lado norte, o que é bom”.

Por último, as vocalizações menos frequentes, pois só surgiram uma vez, são as associadas à boa empregabilidade do local, ao dinamismo a nível de projectos e ao sotaque/pronúncia diferente:

M – “Para já, cartaz turístico não ia por aí, porque Rabo de Peixe, a nível de turismo ainda tem de desenvolver mais um bocado, mas a nível social é um bom... é uma boa freguesia para trabalhar, que pronto, a gente também sabe que tem muita classe piscatória e aí vocês como psicólogos, sociólogos têm que trabalhar muito nessa área. Mas a nível educativo, é uma boa área para... que também Rabo de Peixe devia apostar bastante, a nível de desporto, temos bons desportistas aqui em Rabo de Peixe”.

U – “Factores positivos? Para além de Rabo de Peixe ser conhecido por ter a sede de uma das Escolas Profissionais mais importantes da nossa sociedade, porque foi uma escola que já existe há muito tempo e tem muito mérito, também conhecida pela qualificação dos estudantes que de lá saem, que é a Escola Profissional da Ribeira Grande. Acho que temos ainda outros projectos que são um bocadinho ambiciosos e tentam abrir os horizontes”.

X – “Tradições que estão muito enraizadas, desde os Espíritos Santos, desde a própria linguagem, a própria... a própria pronúncia (assim é que é) a própria pronúncia...”.

Na **segunda fase do estudo**, a maioria das vocalizações dos indivíduos bem-sucedidos (10) focou aspectos referentes ao estigma:

1 – “(Suspira) É assim, nós infelizmente, por mais que façamos e eu quase todos os dias tenho experiências dessa natureza, Rabo de Peixe continua a ter uma nuvem diária (...) carregada de estigmas. É verdade! Carregada de estigmas!”.

2 – “É como já respondi, as pessoas em si, apesar de Rabo de Peixe ter má fama, não é nada disso”.

13 – “E há muitas coisas boas, mas a televisão tem um bocado de culpa nisso. (...) Quando dá qualquer coisa, sabes como é? É logo o que não presta que eles apresentam... (...) E por isso... eu para mim, fico até triste com isso. E não é só! As pessoas que estão no estrangeiro também ficam chocadas com isso, porque eu já vivi lá e tenho pessoas, tenho família lá e elas quando veem na televisão a falar mal de Rabo de Peixe, dizem logo “É mesmo sempre a mesma porcaria!” (Risos)”.

As características da personalidade dos rabopeixenses foram as segundas mais mencionadas, com nove referências. No extremo positivo, foram destacadas a felicidade, a humildade, a óptima apetência para a pesca, o acolhimento das pessoas, a bondade, o orgulho relativo à Rabo de Peixe, a alegria, o trabalho e o sucesso, como se pode ver nas seguintes unidades de registo exemplificativas:

1 – “Porque as pessoas trabalham! Repara, tu em Rabo de Peixe tens dos melhores pescadores, tens das melhores embarcações”.

2 – “As pessoas de Rabo de Peixe são muito humildes”.

3 – “Talvez sejam mais acolhedores”.

No extremo negativo, salientaram o desinvestimento na educação, o subaproveitamento das capacidades e o barulho feito por alguns grupos de pessoas, como as seguintes passagens exemplificativas demonstram:

4 – “E infelizmente, aquilo que eu também tenho notado ultimamente é que não tem havido grande melhoria a nível geral. Sempre há exceções, mas na globalidade, a nível geral, infelizmente, não tem havido essa melhoria e eu julgo que em grande parte e eu tenho, enfim, manifestado isso várias vezes e já há muito tempo e em várias áreas, dirigidas a várias entidades... é que eu acho que o problema é um problema de falta de investimento na educação. (...) Isso é que é a falha maior! (...) É um problema da educação. Não tem havido e eu ainda hoje fico abismado. Como é que hoje em dia, uma freguesia daquelas, com os problemas que tem, como é que ainda é, julgo que é das únicas freguesias onde na escola ainda há desdobramento? (...) Há uns que só têm de manhã e à tarde. Quer dizer, isso ainda houve até há bem pouco tempo, mas agora este ano, acho que voltou outra vez a haver. Quer dizer, com tanto investimento em... em... (...) em infraestruturas escolares e as coisas nunca são bem dimensionadas, nunca são tidas em conta. Como é que numa freguesia daquelas com os problemas sociais, familiares que (...) que estão na base... e que estão na base regularmente desse tipo de mentalidade, não se arranja maneira de por as crianças (não é? Porque elas é que são o futuro) o mais tempo possível na escola? É o contrário (...) É o contrário, porque elas depois não têm para onde ir, não têm ambiente familiar para ir... (...) E é precisamente nesse meio que não se investe aí uma coisa simples, onde em todo o lado, em todas as outras freguesias, existem condições para não haver esse tipo de desdobramento, para haver escola durante o dia todo. (...) Não tem condições, não tem condições... (...) Não tem condições que agrade as crianças, que as crianças gostem de estar lá... (...) Para evitar que falem (...) e que não vão para a escola”.

9 – “O grande problema aqui é que nós... temos problemas diários que as pessoas não têm noção, ou seja, a maioria dos miúdos que cá estão, de facto, são diamantes em bruto, sim senhor! Mas são diamantes em bruto porquê? Vai depender do desporto que eles quiserem praticar, que vai querer praticar para nós e eles são... têm corpos inatos fisicamente, têm disponibilidade, mas depois, quando lhes dissermos que é preciso treinar Terças, Quintas e Sextas...”.

13 – “Bom, a comunidade de Rabo de Peixe, para começarmos, há uma parte da comunidade de Rabo de Peixe que é piscatória e a classe piscatória é uma classe mais barulhenta... Em todo o local que ela está é logo conhecida. E para mim, Rabo de Peixe é marcado por causa disso, pela classe piscatória. (...) Há muita... quer dizer, é mais marcado por isso, porque de repente, em qualquer sítio que nós estejamos, entra uma moça bonita, mas quando ela pega a falar, diz-se logo “É de Rabo de Peixe””.

Logo a seguir, as vocalizações mais frequentes, com cinco referências, foram as relacionadas com as relações sociais peculiares (fortes relações de vizinhança, vivência activa da vida dos outros, boas relações entre as pessoas, mimetismo provocado pela

comparação social, defesa mútua entre os habitantes), como se pode constatar nos seguintes exemplos:

1 – “Têm que mudar essa maneira de ser, porquê? Percebes? Se têm relações de vizinhança muito fortes, porquê mudar isso?”.

2 – “(Hesita) O que é que faz? Eu acho que as pessoas vivem um bocado da vida dos outros. Há coisas que é pró positivo e há coisas que é pró negativo. Parece que cada casa, principalmente na zona dos pescadores (...) parece que as pessoas têm que dar opinião sobre a vida dos outros. (...) muito o que os outros estão a viver e dão opinião, mas, que a gente às vezes não acha piada, mas há situações que ainda bem que é assim! Que torna-se chato porque vivem muito a vida dos outros, mas desta forma, não há pessoas que passam fome! (...) Sabem muito da vida uns dos outros, mas quando sabem que fulano está passando necessidade, há sempre alguém que dê a mão, há sempre alguém que mata a fome. (...) Por isso é uma freguesia que tem muito... vivem muito... tipo, a gente diz assim “Ah! Toda a gente quer saber da vida de toda a gente!”, mas eu... eu como estou de parte e vivi, já vivi noutros lados, eu digo assim “Ainda bem”, porque a gente dá por falta do vizinho, a gente dá por falta daquele velhote. Não há aquela situação em que o velhote está morto há três meses em casa e ninguém... (...) A pessoa nota “Ah! Mas a pessoa não está a fazer muitas compras, não tem ido muito à loja” e aí nota-se muito, sabe-se, por isso é bom, por isso eu digo que é uma freguesia... Eu adoro a minha freguesia!”.

8 – “Há muita gente acomodada, muita gente que não... que... que... que deixa cair os braços porque os problemas são muitos, que acham que isso não é possível... Há outras pessoas que se enquistam porque quer dizer, não vale a pena... há uma questão de mimetismo muito forte aqui, porque a minha vizinha é assim, porque é que eu hei-de ser melhor que ela... Há esses problemas todos, mas eu acho que ao fim e ao cabo, o que é preciso é ajudar essas pessoas a ter referências positivas, referências mais elevadas para... porque eu faço sempre a comparação, porque também fui emigrante: uma pessoa daqui de Rabo de Peixe, que é um bocadinho desleixada em termos de determinadas tarefas, se está no estrangeiro, essas pessoas conseguem ser... ter uma posição de relevo, porque trabalha e esforça-se muito mais do que se estivesse aqui com os seus colegas, com os seus amigos a fazerem exactamente a mesma coisa...”.

Ainda neste seguimento por ordem de frequência, as passagens mais referidas, com três alusões, foram as relacionadas com as características culturais (riqueza cultural, folclore e arte popular distintos e grandes festividades), como se pode constatar nos seguintes exemplos:

8 – “É muito heterogénea e como tal, isso dá-lhe muita riqueza. Há aspectos sociais e culturais que lhe dão... que lhe caracterizam de forma diferenciada, porque é tão rica, dá nas vistas em determinadas... ricas em termos culturais”.

11 – “Porque no aspecto das pessoas, o que é que caracteriza Rabo de Peixe? A alegria das pessoas. No outro dia, alguém me perguntava, mas Rabo de Peixe é diferente, Rabo de Peixe vive com alegria. Mesmo... Vive... Rabo de Peixe aqui... A gente quando fala de Rabo de Peixe, o nosso mal é esse, a gente localiza-se sempre aqui para baixo, quando Rabo de Peixe é tão grande... vai ao Bairro do Dr. Crispim... Rabo de Peixe é tão grande! Mas tem a ver... mas as pessoas do mar, parecendo que não, a gente vê o “Balho” dos Pescadores, não há quatro ou cinco pescadores de famílias que não comecem com o “Balho” dos Pescadores, o “bailhinho”. Eles levam até para a América, para o Canadá, para várias zonas do Canadá, para a Bermuda e em todos os sítios há os “bailhinhos”. (...) Mas porquê “balhos”? Porque não é leve. As pessoas a dançar estão naquele ritmo da castanhola, isso não é um baile com... É arte popular”.

13 – “Porque há muita coisa boa em Rabo de Peixe, que muita gente não sabe, por exemplo, temos as Festas do Espírito Santo, tanta coisa aí boa que as pessoas às vezes dizem “Ema, afinal não sabia que Rabo de Peixe tinha essas coisas assim!””.

Ainda surgiram duas intervenções relacionadas com as características demográficas de Rabo de Peixe (população muito jovem), com o sentimento de pertença ao local e com o sotaque e pronúncia diferentes:

1 – “Porque, como tu também já passaste e nós continuamos a passar, fartei-me e continuo um bocado a fatar-me quando ouço “Ah! Rabo de Peixe!” naquele sentido pejorativo, mas porquê? Nós somos a vila mais jovem dos Açores”.

13 – “Para mim as pessoas de Rabo de Peixe, o especial delas é que vivem numa vila com muito sucesso. Hoje em dia, Rabo de Peixe tem muita força e é a tal coisa e temos aquela... e temos aquele espírito de dentro de dizer que somos de Rabo de Peixe. Não queremos que se fale mal de Rabo de Peixe e tiramos muita parte por Rabo de Peixe e para mim, eu penso que é (...) que é isso. (...) Por exemplo, nós temos tirado parte pela nossa terra e isso é muito importante”.

12 – “O que é diferente e não é só isso... é porque Rabo de peixe é a única freguesia, a única vila, mas agora eu estou-me a referir em moda antiga... (...) É a única vila que tem três “accents” bem distintos... (...) Três dialectos. (...) Três “accents”. (...) Várias maneiras de falar (...) bem distintas. Bom, que é a parte da Cova da Moura, que agora está aqui nesse Bairro de Nossa Senhora de Fátima e este Bairro Piscatório e a parte de cima. (...) Têm um falar diferente, que tem aquele “accent” próprio das zonas... Tem pescadores, tem vendilhões... A Cova da Moura era os vendilhões todos”.

Por último, as vocalizações menos frequentes, pois só surgiram uma vez, são as associadas às características geográficas do local, aos factores históricos, à boa

empregabilidade do local, ao dinamismo a nível de projectos, às boas infraestruturas/equipamentos da localidade e aos problemas sociais:

1 – “(Hesita). Factores históricos e... e... geográficos. Se tivermos em conta que a base económica de Rabo de Peixe é a pesca e a partir daí as pessoas criaram os seus próprios modelos de vivências e de sobrevivência e de construções comunitárias”.

10 – “... a parte piscatória, porque são todos de Rabo de Peixe e há a parte aqui de cima da terra, que tem muitas quintas e há grandes casas de moradias dentro das quintas, que é um sítio bom para descansar e digo também que há a classe também dos mestres, de pedreiros, de muita gente que Rabo de Peixe tem, mas o que eu digo também é que Rabo de Peixe é muito importante, porque Rabo de Peixe, eu não sei se já disseram isso, Rabo de Peixe é muito importante, porque Rabo de peixe dá muito emprego à população de cá de Rabo de Peixe...”.

10 – “... porque Rabo de Peixe tem coisas que... pronto, um exemplo, eu há... soubeste disso muito bem, porque Rabo de Peixe teve o Projecto EFTA... (...) Veio para Rabo de Peixe uma saca de dinheiro. Foi muitos milhões de euros que veio para Rabo de Peixe... O EFTA era para reparar as escolas, mas afinal com esse dinheiro fizeram a Escola Profissional nova ali... quem sai de Rabo de Peixe (...) a Escola Profissional e fizeram em São Sebastião, que era para concertar o tecto e fizeram tudo de novo também (...) e o saneamento básico de Rabo de Peixe era para estar todo pronto... (...) Mas houve dinheiros que foram desviados para arranjar a água, para fazer os depósitos de água aqui em cima, mas não interessa... Houve uma altura em que Rabo de Peixe era sempre falado todas as semanas na comunicação social e eu tive clientes que chegavam aqui (...) “O que é que se passa em Rabo de Peixe, que todas as semanas se fala em Rabo de Peixe na televisão? Mas o que é esse Projecto EFTA, pá?”... Mas o que é que acontece? Eu próprio lembro-me de um colega das Capelas e disse “Mas o que é o EFTA em Rabo de Peixe? Tão sempre a falar em Rabo de Peixe. É a freguesia que se fala mais agora na televisão” e eu tive explicando a ele, mas eles dizem “Vocês em Rabo de Peixe, como é que conseguem isso?”... Epah, a gente consegue isso, Rabo de Peixe, como é uma freguesia que no país inteiro, é uma freguesia pobre... (...) E até costuma a dizer assim “A gente diz que somos pobres, mas temos de... quanto mais eles derem para cá, melhor! Não é?”... (...) Eles estão sempre a dar. E se deres aí uma volta em Rabo de Peixe, sabes isso como eu também sei, Rabo de Peixe é uma freguesia que neste momento é limpa, tem boas estradas, tem boas ruas. Está tudo limpinho, temos aquela estrada que se fez agora nova (...) aquela variante... Rabo de Peixe, quem entra em Rabo de Peixe, pronto, é uma freguesia...”.

E – “... que tem uma imagem totalmente diferente daquilo que pensam à partida sem conhecer...”.

10 – “As outras freguesias também estão boas, mas vou dizer-te uma coisa... Não sei se o Governo Regional... O Carlos César fez muita coisa aqui para Rabo de Peixe, eles têm investido muito em Rabo de Peixe, também com aquela obra nova dali da Casa do Povo (...) Uma obra muito engraçada...”.

9 – “Agora, o que é que marca Rabo de Peixe sem sombra de dúvida? A pobreza, depois então vem tudo a seguir, o alcoolismo, as drogas e não sei quê”.

Por fim, convém destacar também que um dos indivíduos recusou responder a esta questão, como se pode constatar pela seguinte intervenção:

E – “(...) E o que é que o senhor acha que torna as pessoas de Rabo de Peixe diferentes das dos outros sítios? O que é que as pessoas de Rabo de Peixe têm de especial?”.

5 – “É coisas que eu já lhe disse. Cada um tem o seu feitio. (...) Não gosto de falar em pessoas, nem em ninguém...”

E – “Sim, não estou falando em ninguém com um nome específico...”.

5 – “Não sei o feitio de um, nem sei o feitio de outro. Eu mal sei o meu”.

E – “Claro, claro... Mas, por exemplo, o que é que Rabo de Peixe tem de especial em relação a outras freguesias?”.

5 – “Oh, eu não sei. O que é que o senhor quer que eu lhe diga das outras freguesias?”.

E – “Não sei, mas por exemplo, há pessoas que...”.

5 – “Para que é que vou desprezar uma freguesia e tendo a nossa...”.

E – “Não, não é desprezar. Não é desprezar, mas, por exemplo...”.

5 – “Não sei, não sei!”.

E – “... há pessoas que dizem que Rabo de Peixe tem...”.

5 – “Não sei responder...”.

E – “Sim... pronto. Ok. Mas há pessoas que dizem que Rabo de Peixe tem as maiores festas...”.

5 – “É porque eles não viram as outras...”.

Talvez este indivíduo não tenha querido responder a esta questão, porque, como era uma pessoa idosa com 84 anos, talvez estivesse cansado no decurso da entrevista. Mais se acrescenta que esta foi uma das últimas questões do guião a ser colocada.

Essencialmente, no que toca àquilo que torna Rabo de Peixe único e tentando abarcar todos os aspectos referidos pelos participantes, verifica-se que as características dos habitantes parecem contribuir para um elevado grau de suporte comunitário em Rabo de Peixe e denotam fortes relações de vizinhança. Já Costa (2003) referia que a população de Rabo de Peixe era boa, laboriosa, com aspectos humanos ricos e sabem ser simpáticos no acolhimento às pessoas.

O facto de haver uma grande subsidiodependência não parece ser exclusivo de Rabo de Peixe, mas sim da Região Autónoma dos Açores e da Ilha de São Miguel, porque de acordo com Diogo (2005), verifica-se um elevado número de beneficiários de RSI neste arquipélago, principalmente em São Miguel. A nível da educação, Salvador &

Marques (2008) referem que Rabo de Peixe apresenta fragilidades na educação e formação, pois apresenta taxas de analfabetismo elevadas, o que comprova o desinvestimento na educação que tem existido nesta vila. Quanto à questão do estigma, Acker (1999) refere que Rabo de Peixe é a freguesia mais discriminada de todo o arquipélago e cabe à população terminar com esse estigma e lutar contra ele. Isso faz com que a população tenha mais vontade de demonstrar o sucesso da sua terra, o que é bastante notório nos depoimentos obtidos. Para além disso, Costa (2003) refere que Rabo de Peixe tem sido berço de várias personalidades de sucesso e destaque nas mais variadas áreas.

Como já é de conhecimento de todos, Rabo de Peixe é a freguesia mais populosa dos Açores com 8883 habitantes (Moniz, 2011). Quanto às características culturais, Costa (2003) refere que Rabo de Peixe destaca-se na ilha de São Miguel pelas suas tradições vincadas, pelos seus típicos “balhos” e conhecidas festas do Espírito Santo. Estas características culturais são partilhadas pela população, fazendo com que esta conviva bastante através destes interesses e prazeres comuns. Falando das especificidades do porto de pescas, Costa (2003) indica que este se tem destacado no seio da ilha de São Miguel. É o maior porto de pesca artesanal do arquipélago.

Rabo de Peixe é uma terra dinâmica que emprega muita gente em todos os sectores, especialmente na pesca, agro-pecuária, serviços e comércio (Costa, 2005). Como é de conhecimento geral, também é uma terra que tem albergado vários projectos (ex.: Sementes de Mudança, EFTA, entre outros) que têm modificado significativamente a população. Quanto à pronúncia de Rabo de Peixe (ou às várias pronúncias), Correia (2007) refere que existem pequenas diferenças entre as pronúncias dos lavradores e pescadores, jovens e adultos, mulheres e homens.

Finalmente, alguns depoimentos referiram relações sociais peculiares entre a população. Daqui é possível inferir que as pessoas em Rabo de Peixe se protegem a si próprias dentro do grupo de afinidades. McMillan e Chavis (1986) relatam que o sentimento de identificação com o local envolve a crença de que o grupo há uma vontade de sacrifício pelo grupo. Mais se acrescenta que também têm boas relações de vizinhança, o que fortalece a comunidade e talvez seja por isso que as pessoas “vivem as vidas dos outros”, porque partilham ligações emocionais através de contactos positivos, da partilha de experiências, do investimento na comunidade e da valorização da participação (McMillan & Chavis, 1986; Ornelas, 2010). Por outras palavras, todos partilham histórias, lugares e experiências comuns e semelhantes entre si. É claro que

tudo isto permite que as pessoas também se comparem umas com as outras. Afinal, a procura de sucesso também pode estar relacionada com processos de comparação social, ou seja, se os indivíduos que nos são mais próximos são bem-sucedidos, também nós desejaremos ser bem-sucedidos numa tentativa de nos integrarmos cada vez mais e de não sermos excluídos. Ou seja, quando observamos o sucesso dos outros, pensamos que esse sucesso também é possível para nós. E isso estimula-nos a tentar ser tão bons ou melhores que os outros. Segundo Gleitman (1999, p. 560), “a necessidade de comparação social é especialmente pronunciada quando as avaliações se referem a questões sociais”, tais como as percepções que temos acerca dos outros. Portanto, no que concerne ao sucesso, há uma frequente procura de clarificação desse conceito junto dos outros, a partir daquilo que eles entendem e do que é desejável socialmente, logo a crença do que é “ser bem-sucedido” pode ser partilhada com os outros ou criada a partir das crenças dos mesmos.

Todos estes factores, de maneira directa ou indirecta parecem contribuir para o sucesso das pessoas em Rabo de Peixe, nem que seja pelo facto de se sentirem orgulhosos naquilo que têm e de ambicionarem levar as suas raízes cada vez mais longe.

6. Importância do destaque do sucesso na comunidade

Tendo em atenção a questão da investigação “*Quão importante é para a comunidade de Rabo de Peixe estudar e destacar o sucesso existente na vila?*”, surgiram diversas unidades de registo.

Esta sexta dimensão refere-se à importância do destaque do sucesso na comunidade (6.), onde é possível verificar que esta se desdobra na categoria mais-valias do destaque de sucesso (6.1.).

No que se relaciona com a categoria das mais-valias do destaque de sucesso (6.1.), é possível encontrar referências pertencentes à subcategoria dos ganhos associados ao destaque do sucesso (6.1.1.). Focando a atenção nesta subcategoria, esta é caracterizada pelos benefícios de se destacar o sucesso existente na vila de Rabo de Peixe. Visto que o presente estudo pode ser considerado uma investigação que destaca o sucesso e aquilo que há de bom na vila de Rabo de Peixe, ao tomar conhecimento das unidades de registo desta subcategoria, será possível obter algumas indicações acerca dos possíveis impactos e efeitos deste estudo na população e também poder-se-á justificar a sua pertinência e relevância social.

Então, na **primeira fase do estudo**, a maioria dos jovens (12) mencionou que o maior ganho que pode obter no destaque do sucesso existente na comunidade de Rabo de Peixe é a valorização da imagem pública do local. A seguir, os ganhos mais referidos foram a promoção do orgulho comunitário, com cinco passagens, seguindo-se a atracção de indivíduos à vila, o destaque de referências de sucesso que podem servir de modelos a seguir no futuro, a promoção do optimismo e a geração de um motor de desenvolvimento, todos com duas passagens. Por fim, com uma passagem apenas, ainda surgiram ganhos como a promoção cultural da vila, a promoção do estudo e do bom desempenho académico, a promoção do sucesso na comunidade e a promoção do bem-estar psicológico (cf. Quadro 32).

Quadro 32 - Unidades de registo da 1ª fase do estudo na subcategoria ganhos associados ao destaque do sucesso (6.1.1.)

Subcategoria	Indicador	Exemplo de unidade de registo
6.1.1. Ganhos associados ao destaque do sucesso	Valorização da imagem pública do local	D – “Oh! Para o pessoal não estar sempre com aquela ideia que Rabo de Peixe, pronto, não é assim muito bom, para não estarem sempre a falar mal de Rabo de Peixe. Pelo menos, para dar a conhecer que também temos coisas muito boas”.
	Promoção do orgulho comunitário	I – “Poderão sentir orgulho na vila em que moram...”.
	Atracção de indivíduos ao local	J – “Muitas pessoas podiam vir cá trabalhar ou mesmo pessoas de fora podiam vir para cá. Não quer dizer que seja só para vir trabalhar, é para viajar, para conhecer”. E ²⁶ – “Ou seja, é algo que dá boa imagem de Rabo de Peixe e que atrai as pessoas?”. J – “Pois, os turistas. Isso”.
	Destaque de referências de sucesso que podem servir de modelos a seguir no futuro	C – “Porque hoje em dia se vê mais pessoal perdido na vida que seja sucedido”. E – “E isto é um caso que por acaso consigo me identificar bastante, mas acha então que as pessoas precisam de tomar conhecimento dessas situações?”. C – “Exactamente. Não sei... tipo, puxar no bom caminho... (...) Para dar força para ver se desistem daquilo que muita gente faz, que é a droga”. (...) C – “Acho que sim. Eu... Para mim sim. A gente se inspira nas vidas dos outros, quando são bem-sucedidas ou... eu não estou falando em dinheiro, é mesmo em atitudes... pronto... que tocam-nos no coração... (...) Eu acho que é importante para a gente saber tomar o nosso rumo, porque é assim, ninguém nasce aprendido. E a gente, conforme vai vivendo, conforme vai aprendendo. Para mim é assim. Pronto, agora o pessoal, eu não sei o que é que pensa...”.
	Promoção do optimismo	G – “Isso era... epah ... ficávamos... ficávamos orgulhosos, não é? E assim a gente continuava para... para progredir nessa área do positivismo. Vamos embora, vamos avançar! Rabo de Peixe está sendo valorizado nessa parte. (...) Isso eu acho muito importante. Rabo de Peixe... acho que estamos sempre em baixo, sempre em baixo e as pessoas ficam desmotivadas. Já que estamos assim, vamos ser assim. E acho que isso é muito mau”.
	Geração de um motor de desenvolvimento	M – “Vai desenvolver muito Rabo de Peixe. É lógico que sim”.
	Promoção cultural do local	Q – “Hee... Vantagens sociais para as outras... para as pessoas não pensarem sempre o errado que existe em Rabo de Peixe. Existe muita coisa boa e acho que isso é importante. Também a nível cultural, chamar mais pessoas à freguesia, à vila, porque às vezes as pessoas

²⁶ E – Entrevistador.

		retraem-se de vir cá conhecer a nossa maneira de estar, a nossa gente”.
	Promoção do estudo e do bom desempenho académico	E – “(...) Em que medida achas que é importante estudar e destacar o sucesso existente na vila de Rabo de Peixe?”. B – “Eu acho que cada vez mais se vê mais estudantes em Rabo de Peixe, comparativamente há uns anos atrás... (...) Eu dou o exemplo da Escola da Ribeira Grande, que foi onde eu estudei... que eu, quando eu fui para lá no 10º ano, eram muito poucas as pessoas de Rabo de Peixe. E agora, quando eu saí de lá, já muita gente vai para a Secundária (...) da Ribeira Grande. E acho que isso é muito bom para o sucesso das pessoas. As pessoas vão mais longe. Até podem não ir para a Universidade, mas tiram cursos profissionais...” E – “Exacto. Ou seja, achas que fazer estudos que falem bem de Rabo de Peixe, ou seja, fazer investigação que fale bem de Rabo de Peixe (...) pode contribuir para que as pessoas ganhem gosto pelo estudo?”. B – “Sim”. E – “... E queiram aprender mais?”. B – “Sim”.
	Promoção do sucesso da comunidade	B – “Pode servir de estímulo. (...) E acho que sim... Acho que é dentro disso (...) cumprir os seus objectivos e atingir o sucesso. (...) Principalmente os jovens...”.
	Promoção do bem-estar psicológico	F – “Sim, as pessoas sentem-se mais contentes, mais... ou melhores, ouvindo um elogio ou...”.

Finalmente, na **segunda fase do estudo**, a maioria dos indivíduos bem-sucedidos (5) mencionou que o maior ganho que pode obter no destaque do sucesso existente na comunidade de Rabo de Peixe é a valorização da imagem pública do local, tal como tinham concluído os jovens rabopeixenses. A seguir, os ganhos mais referidos foram a promoção do orgulho comunitário, o destaque de referências de sucesso que podem servir de modelos a seguir no futuro e a promoção do sucesso na comunidade, cada um com duas passagens. Por último na ordem, com uma passagem apenas, seguem-se a promoção cultural da vila, a promoção do optimismo, a geração de um motor de desenvolvimento e a promoção da autoestima das pessoas. Este último ganho ainda não tinha sido referido pelos jovens (cf. Quadro 33).

Quadro 33 - Unidades de registo da 2ª fase do estudo na subcategoria ganhos associados ao destaque do sucesso (6.1.1.)

Subcategoria	Indicador	Exemplo de unidade de registo
6.1.1. Ganhos associados ao destaque do sucesso	Valorização da imagem pública do local	13 – “Oma... se falando bem de Rabo de Peixe, dão sucesso a Rabo de Peixe, é muito bom para a população, porque vendo do outro lado, Rabo de Peixe tem uma má imagem e a gente dando, a população, cada um mais a falar bem de Rabo de Peixe, a dar valor a Rabo de Peixe é muito bom, porque a freguesia e o nome da freguesia fica sempre (...) em alta, com mais valor. É isso que faz...”.
	Promoção do orgulho comunitário	4 – “Orgulho comunitário. Acho que isso também é importante. (...) É importante o orgulho comunitário, porque há muito aquele... digamos, a depreciação própria, não é?”.
	Destaque de referências de sucesso que podem servir de modelos a seguir no futuro	6 – “Acho que é importante destacar o sucesso existente na nossa vila sobretudo na medida em que pode ser fonte de inspiração para quem vive em Rabo de Peixe e acha que isso é limitativo para quaisquer objectivos que se tenha na vida. Rabo de Peixe é uma vila como qualquer outra – e, como em qualquer outro local do mundo, trabalho e esforço contribuem certamente para o sucesso”.
	Promoção do sucesso da comunidade	3 – “Pode trazer mais sucesso. (...) Sim, para evoluírem mais”.
	Promoção do optimismo	11 – “Ah! É muito positivo! Incentivar as pessoas e é assim. (...) ... para ajudar uma pessoa. A senhora já está ali fora. Eu estou inquieta

		para lhe dar essa notícia boa, porque ela tinha pintado isso ontem de tal maneira que eu já estava hesitando para ajudar e agora tinha caído tudo por terra, porque é um incentivo, as pessoas criam um ânimo novo, uma força de viver e também para ajudarem os outros a transmitirem alegria, para transmitirem mesmo também... portanto, “positivismo” na vida dos outros...”.
	Geração de um motor de desenvolvimento	4 – “Para a população é importante destacar os aspectos positivos. Isso é um incentivo, é uma maneira de os reabilitar até e de mostrar que as pessoas podem ser diferentes, não é? E que podem fazer melhor e que podem melhorar a sua vida...”.
	Promoção cultural do local	9 – “Bom, se for para projecção individual das pessoas, eu julgo que é sempre benéfico... mesmo assim será benéfico em termos de registo cultural...”.
	Promoção da autoestima	1 – “Contribuem. É claro que contribuem. Nem que seja apenas para a autoestima das pessoas. (...) Nem que seja para a autoestima...”.

Marujo e Neto (2010) expõem que falar do melhor, dos sonhos, do que há de bom e bem-sucedido na comunidade reaviva a experimentação de emoções positivas partilhadas, a alegria, o entusiasmo, a esperança e o optimismo sobre o futuro. Tudo isto parece estar perfeitamente em consonância com as unidades de registo manifestadas pelos participantes de ambas as fases do presente estudo. Com atitudes positivas e reconhecedoras do que foi bem-sucedido, procede-se efectivamente a uma mudança de paradigma, uma mudança transformadora, uma mudança positiva a nível da comunidade. Portanto, uma mudança que faz com que todos estejam optimistas na obtenção de sucesso no futuro e que desenvolve a comunidade.

7. Considerações finais

Os resultados do presente estudo sugerem que o **sucesso**, enquanto constructo, tem um carácter muito subjectivo para os participantes. Este pode assumir vários sentidos, sendo os mais apontados os associados ao **cumprimento de objectivos e sonhos** e às **conquistas no contexto profissional**.

No que se relaciona com a **identificação e reconhecimento de referências de sucesso na comunidade**, as figuras referenciadas são na sua maioria indivíduos da **actualidade**, do **sexo masculino**, pois as mulheres ainda não estão suficientemente conotadas com o sucesso. Algumas referências também partilham **laços familiares** com quem os referenciou.

A nível dos **motivos conducentes à percepção de sucesso**, que também não deixam de ser atribuições, os participantes referiram como factores internos as **características da personalidade**, a **ocupação** e a **evolução na vida** e também determinadas **acções desempenhadas**. Apenas o grupo dos jovens fez referências a factores externos, apontando o **sucesso familiar** como motivo conducente ao sucesso.

Passando à **dimensão interna**, é possível observar que os participantes das duas fases do estudo atribuem o sucesso em grande parte a causas como **esforço** e a **capacidade**. Relativamente às **experiências de mestria**, na primeira fase, os jovens referiram mais as conquistas de ocupações e cargos de destaque, enquanto os indivíduos bem-sucedidos referiram maioritariamente as conquistas académicas. Em ambos os casos, estas assumem-se como fontes de autoeficácia para os indivíduos, transmitindo-lhes mais confiança em enfrentar o futuro. No entanto, a grande maioria refere que as pessoas bem-sucedidas parecem experienciar **estados fisiológicos e psicológicos** de ansiedade perante situações em que tenham de ser colocados à prova, enquanto os sujeitos de sucesso dividem as suas concepções entre os estados de ansiedade e de calma/descontracção. Quanto ao sentimento de comunidade, este é um factor interno também muito referido, pois a maioria dos sujeitos da investigação refere a importância de se estar bem **integrado na comunidade**, pois esta permite que as pessoas **participem e se envolvam** em actividades, grupos e movimentos associativos, **satisfazendo algumas necessidades** básicas de cada um e contribuindo para uma maior **identificação com o local e população**. No que concerne às características desenvolvimentistas, observa-se que a **maturidade** tem influência na obtenção de sucesso apenas para alguns dos participantes e os **interesses** que os motivaram a ter sucesso foram baseados maioritariamente em necessidades de auto-realização. Tudo isto parece ser um importante indício do sucesso na comunidade raboipeixense.

No âmbito da **dimensão externa**, a maioria dos participantes do estudo atribui o sucesso à **sorte**, sendo os indivíduos bem-sucedidos os que mais referem esse factor, não descurando também os factores internos como o esforço e as capacidades. Relativamente às dificuldades na vida, os jovens pensam que as suas referências de sucesso tiveram vidas repletas de **dificuldades** e obstáculos, enquanto só metade destas confirmam esta crença, pois a outra metade refere não ter tido muitas dificuldades. Contudo, continuam a relevar o esforço e as capacidades nas suas vivências. Quanto às **experiências vicariantes**, os participantes bem-sucedidos comparam-se socialmente com os outros, sendo as pessoas mais velhas (familiares, colegas de trabalho e figuras históricas) os modelos e os pares as pessoas de quem se procuram destacar. Os jovens partilham a mesma concepção. No que concerne às **persuasões/pressões sociais**, a maioria refere que os elogios são mais prevalentes, mas que também existem críticas. De qualquer modo, os elogios são importantes fontes de auto-eficácia que incentivam o desenvolvimento de habilidades. Todos os participantes, na sua generalidade, destacam

ainda o **apoio da família e da comunidade** na obtenção de sucesso e indicam que certas **especificidades de Rabo de Peixe** influenciam o sucesso como as características dos habitantes, fortes relações de vizinhança, elevado nível de empregabilidade, características culturais e históricas, entre outras.

Por fim, todos os participantes mencionam **ganhos diversos associados ao destaque daquilo que é bem-sucedido** em Rabo de Peixe. Consideram que a comunidade é que fica a ganhar com isso, ficando também mais fortalecida.

CONCLUSÃO

Após o término da apresentação, análise e discussão dos resultados, importa agora tecer algumas conclusões finais acerca do presente estudo, passando pelos limites e potencialidades do mesmo, por uma visão generalista dos resultados, tendo em conta os propósitos da investigação e pelas possíveis implicações para a comunidade científica e para a comunidade de Rabo de Peixe.

1. Limitações do estudo

Falando nas limitações do presente estudo, pode-se destacar o facto de haver um número reduzido de participantes jovens dos 18 aos 29 anos comparativamente à população jovem total de Rabo de Peixe. Alguns poderão considerar que seria ideal ter abrangido a totalidade dos jovens pertencentes a esta faixa etária, mas seria algo utópico e impossível, tendo em consideração que a população total da vila é 8883 habitantes. Além disso, todo o processo de recolha de dados foi bastante exaustivo e ocupou mais tempo que o que era inicialmente previsto.

Outra das principais limitações foi o facto de haver escassa literatura no domínio do sucesso, concretamente no que se refere à globalidade da vida humana, pois o que mais surgiu foram estudos sobre sucesso efectuados em contextos educativos e laborais. Além disso, os estudos portugueses feitos neste domínio do conhecimento são parcos na sua existência.

Outro dos aspectos que poderá ter sido uma limitação para o estudo é o facto de o entrevistador ser natural da vila de Rabo de Peixe, podendo eventualmente ter enviesado involuntariamente os resultados obtidos devido à possível desejabilidade social manifestada pelos participantes que partilham o mesmo espaço vivencial, embora esta não tenha sido verificada.

2. Potencialidades e implicações do estudo

O presente estudo abre trilhos para novos estudos e investigações. Seria bastante útil continuar a reproduzir este estudo em mais jovens da vila de Rabo de Peixe e até mesmo em outras localidades e também continuar a entrevistar as referências de sucesso na comunidade dos indivíduos bem-sucedidos, continuando interminavelmente este reconhecimento de pessoas de sucesso. Se esta lógica continuasse, grande parte da comunidade seria colocada a relembrar aspectos de sucesso, revivendo conjuntamente

emoções positivas e, quem sabe, experienciando um maior optimismo e uma maior esperança num futuro melhor.

Seria ainda bastante útil tentar entrevistar complementarmente as famílias dos indivíduos bem-sucedidos, de modo a obter novas respostas e conhecimentos mais sistémicos e abrangentes acerca do sucesso na comunidade rabo-peixense.

É ainda muito pertinente que se continue a efectuar investigações acerca do sucesso e do reconhecimento do sucesso nas comunidades, pois este conceito ainda é bastante subjectivo e está em constante estruturação e mutabilidade. Logo, carece de modelos teóricos explicativos que facilitem a sua conceptualização.

Por fim, será importante também procurar estudar os motivos conducentes ao sucesso que não estão contemplados no âmbito das atribuições, da auto-eficácia, das características desenvolvimentistas e da comunidade. Refiram-se os erros atribucionais e as características da personalidade, entre outros factores.

Saliente-se ainda que o presente estudo contribui com algumas indicações para a construção de um melhor conhecimento em torno da temática do sucesso e da sua promoção nas comunidades, concretamente na vila de Rabo de Peixe, que tantas vezes é vulgarmente conotada com o insucesso.

3. Conclusões

Muitas pessoas pensam, talvez injustificadamente, que Rabo de Peixe é uma localidade com muitas debilidades. É frequente ouvir-se referências à baixa alfabetização e escolaridades das pessoas, ao insucesso dos alunos, à ineficácia das medidas e projectos de mudança social, entre muitas outras. Há quem refira até que esta localidade é o “cemitério dos projectos”, devido à descrença no sucesso destes. Contudo, este estudo vem a contrariar esta tendência de pensamentos do senso comum. Existem efectivamente muitos indivíduos considerados como bem-sucedidos em Rabo de Peixe, muitas experiências de sucesso e muitos motivos de orgulho por parte da comunidade e isto é bem visível nos resultados obtidos.

Tendo em atenção a revisão da literatura, formularam-se objectivos e questões da investigação que procuraram saber o que as pessoas entendem por percursos de vida bem-sucedidos, se são capazes de reconhecer indivíduos de sucesso na sua comunidade, que factores (internos e/ou externos) é que contribuem para o sucesso e, finalmente, quais as vantagens e benefícios de se destacar o sucesso na comunidade de Rabo de Peixe.

Pode-se concluir que os jovens em Rabo de Peixe valorizam maioritariamente os percursos de vida de sucesso associados à concretização de objectivos e sonhos, ou seja, à realização pessoal. Os indivíduos de sucesso, por sua vez, associam mais este constructo ao sucesso profissional e laboral. Estas representações sociais estão muito associadas às necessidades e interesses experienciados pelos participantes no momento das entrevistas.

Todos os participantes, com a excepção de uma pessoa bem-sucedida, conseguiram identificar e reconhecer elementos bem-sucedidos na comunidade raboixeira. As figuras referenciadas são na sua maioria indivíduos da actualidade e do sexo masculino, pois as mulheres ainda não estão suficientemente conotadas com o sucesso. Refira-se ainda que todas as mulheres que foram referenciadas pelos jovens como bem-sucedidas foram indicadas também por mulheres. Para além disso tudo, algumas referências de sucesso também partilham laços familiares com quem os referenciou. Os indivíduos de sucesso pertencem maioritariamente aos quadros superiores da administração pública, ou são dirigentes e similares pertencentes a quadros superiores de empresas²⁷ ou são ainda especialistas das profissões intelectuais e científicas²⁸. Ou seja, são pessoas com algum nível de instrução.

Quanto aos motivos conducentes à percepção de sucesso, que também não deixam de ser atribuições, os participantes referiram como factores internos as características da personalidade, a ocupação e a evolução na vida e também determinadas acções desempenhadas. Apenas o grupo dos jovens fez referências a factores externos, apontando o sucesso familiar como motivo conducente ao sucesso. Neste parâmetro já se denota uma certa preferência na escolha de factores ou atribuições internas em detrimento das externas.

Os resultados deste estudo também permitem observar que os participantes das duas fases atribuem o sucesso em grande parte a causas internas como o esforço e a capacidade, em detrimento das causas externas como o destino (sorte/azar) e as dificuldades na vida. Logo, podemos deduzir que os bem-sucedidos são pessoas que se mostram bastante orgulhosas das suas conquistas, facto que corresponde à percepção dos jovens.

²⁷ Classificação Nacional da Profissão – classificação das profissões por grupos específicos, segundo o Instituto do Emprego e Formação Profissional, disponível em (<http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>).

²⁸ *Idem*.

Quanto às experiências de mestria, na primeira fase, os jovens referiram mais as conquistas de ocupações e cargos de destaque, enquanto os indivíduos bem-sucedidos referiram maioritariamente as conquistas académicas. Em ambos os casos, estas assumem-se como fontes de autoeficácia para os indivíduos, transmitindo-lhes mais confiança em enfrentar o futuro e motivação para continuarem a ser bem-sucedidos. Porém, a grande maioria dos jovens refere que as pessoas bem-sucedidas parecem experienciar estados fisiológicos e psicológicos de ansiedade perante situações em que tenham de ser colocados à prova, enquanto os sujeitos de sucesso dividem as suas concepções entre os estados de ansiedade e de calma/descontração. Os mais ansiosos padecem por antecipação, o que pode prejudicar a performance, enquanto os mais calmos e descontraídos parecem ter maior probabilidade de sucesso (Bandura, 1986; Pajares, 2005).

O sentimento de comunidade também é um factor interno muito referido, pois a maioria dos sujeitos da investigação refere a importância de se estar bem integrado na comunidade, pois esta permite que as pessoas participem e se envolvam em actividades, grupos e movimentos associativos, satisfazendo algumas necessidades básicas de cada um e contribuindo para uma maior identificação com o local e população. Para além disso, também é um sentimento que fornece um importante suporte emocional e que motiva as pessoas para o sucesso.

As características desenvolvimentistas, tornam-se relevantes no facto da maturidade ter influência na obtenção de sucesso apenas para alguns dos participantes. Por seu turno, os interesses que motivaram grande parte dos participantes a ter sucesso foram baseados maioritariamente em necessidades de auto-realização, algo que também é comum à concepção dos jovens. Logo, é possível constatar que estes participantes de Rabo de Peixe estão bastante motivados para alcançar sucesso a todos os níveis (realização plena).

No que se relaciona com os factores externos, a maioria dos participantes do estudo atribui o sucesso à sorte, sendo os indivíduos bem-sucedidos os que mais referem esse factor, não descurando também os factores internos como o esforço e as capacidades. Bar-Tal e Frieze (1977) e Weiner (1979) mencionam que quando o sucesso é atribuído à sorte, as pessoas tendem a não alterar muito as suas *performances* no futuro e a sentir menos orgulho nas suas conquistas, mas também menos vergonha nos seus fracassos. Entretanto, como houve uma quantia considerável de referências à conjugação da sorte com factores como o esforço e as capacidades, pode-se concluir que

grande parte dos indivíduos ainda sente orgulho, competência e sentimentos positivos nos seus sucessos, só que reconhecem também que na vida existem sempre aspectos imprevisíveis que podem influenciar todo o processo de obtenção de sucesso.

Quanto às dificuldades na vida, os jovens pensam que as suas referências de sucesso tiveram vidas repletas de dificuldades e obstáculos, enquanto só metade destas confirmam esta crença, pois a outra metade refere não ter tido muitas dificuldades. Contudo, continuam a relevar o esforço e as capacidades nas suas vivências em detrimento das dificuldades.

Falando nas experiências vicariantes, os participantes bem-sucedidos comparam-se socialmente com os outros, sendo as pessoas mais velhas (familiares, colegas de trabalho e figuras históricas) os modelos e os pares as pessoas de quem se procuram destacar. No que concerne às persuasões/pressões sociais, a maioria refere que os elogios são mais prevalentes, mas que também existem críticas. De qualquer modo, os elogios e as experiências vicariantes são importantes fontes de auto-eficácia que incentivam o desenvolvimento de habilidades. Os jovens partilham a mesma concepção.

Verifica-se ainda que quase todos os participantes destacam ainda o apoio da família e da comunidade na obtenção de sucesso e indicam que certas especificidades de Rabo de Peixe influenciam o sucesso como as características dos habitantes, fortes relações de vizinhança, elevado nível de empregabilidade, características culturais e históricas, entre outras.

Por fim, todos os participantes mencionam ganhos e benefícios associados ao destaque daquilo que é bem-sucedido em Rabo de Peixe, e corroboram a pertinência e relevância social deste estudo. Pensam que estudos desta natureza valorizam a imagem pública de Rabo de Peixe e promovem o orgulho comunitário, o optimismo, o desenvolvimento social, a cultura local, o sucesso, o bem-estar psicológico, a autoestima, o estudo e o bom desempenho académico. Para além disso, acham que estes estudos atraem indivíduos à localidade e destacam referências de sucesso que podem servir de modelos a seguir no futuro. Em suma, consideram que a comunidade é que fica a ganhar com isso, ficando também mais fortalecida, pois com atitudes positivas e reconhecedoras do que foi bem-sucedido, procede-se efectivamente a uma mudança de paradigma, uma mudança transformadora, uma mudança positiva a nível da comunidade. Portanto, uma mudança que contribui para o optimismo e para a crença na obtenção de sucesso e desenvolvimento da sociedade do futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Accorsi, D.; Bzuneck, J.; & Guimarães, S. (2007). Envolvimento cognitivo de universitários em relação à motivação contextualizada. *Psico USF*, 12 (2), 291-300.
- Acker, A. (1990). *Um Encontro com a Açorianidade – Justamente Rabo de Peixe*. Ponta Delgada: Gráfica Açoriana.
- Aguilar, M. (2003). A mulher, a educação e uma Associação de Mães dos Açores. In R. Simas (Ed.), *A mulher nos Açores e nas comunidades*, vol. III, 459-463, Ponta Delgada: Edição da autora.
- Aires, L. (2011). Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional. Lisboa: Universidade Aberta. Retirado 18:43, Setembro 13, 2011 de (<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/1/Paradigma%20Qualitativo%20e%20Pr%C3%A1ticas%20de%20Investiga%C3%A7%C3%A3o%20Educativa.pdf>).
- Almeida, L.; Freire, T. (2000). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Arnett, J. (2000). Emerging Adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-480.
- Ascher, Y. (2004). Manifest humbleness: Self-commemoration in the time of the Catholic Reform. *Sixteenth Century Journal*, 35 (2), 329-356.
- Balancho, M. (2010). *Concepções e razões de felicidade de pessoas a viver em condições de pobreza: um estudo exploratório com beneficiários de Rendimento Social de Inserção dos Açores*. Lisboa: Tese de Doutoramento – Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: a social cognitive theory*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: the exercise of control*. New York: W. H. Freeman and Company.
- Bardin, L. (1995). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bar-Tal, D.; & Frieze, I. (1977). Achievement motivation for males and females as a determinant of attributions for success and failure. *Sex roles*, 3 (3), 301-313.

- Beck, M. (2001). A teoria da atribuição e a sua relação com a educação. *Quadrimestral*, ISSN, 3. Retirado 14:27, Setembro 13, 2011 de (<http://www.urutagua.uem.br//03beck.htm>).
- Biddle, S. (1993). Attribution research and sport psychology. In R. Singer, M. Murphey & L. Tennant (Eds.), *Handbook of research on sport psychology* 437-463. New York: MacMillan.
- Boavida, A.; & Ponte, J. (2002). Investigação colaborativa: Potencialidades e problemas. In GTI (Org), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional*, 43-55, Lisboa: APM.
- Burger, J.; Cooper, H. (1979). The desirability of control. *Motivation and emotion*, 3 (4), 381-393.
- Buss, D. (2000). The evolution of happiness. *American Psychologist*. 55(1), 15-23.
- Carmo, H.; & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Chagas, F. (2007). *Espelho cristalino em jardim de várias flores*. Ponta Delgada: Presidência do Governo Regional dos Açores/ Direcção Regional da Cultura; Universidade dos Açores, Centro de Estudos Gaspar Frutuoso.
- Correia, C. (2007). *Aspectos da variação fonética em grupos socioculturais de Rabo de Peixe*. Ponta Delgada: Tese de Mestrado – Universidade dos Açores.
- Costa, A. (2003). *A nossa memória colectiva: Rabo de Peixe – 500 anos de história*. Rabo de Peixe: Junta de Freguesia de Rabo de Peixe/ Círculo de Amigos de Rabo de Peixe.
- Costa, A. (2005). *Memória da vila*. Rabo de Peixe: Edição do autor.
- Coutinho, C., & Chaves, J. (2002). O estudo de caso na investigação em tecnologia educativa em Portugal. *Revista de Educação*, 15 (1), 221-244.
- Cruz, C. (2008). A Desconstrução do Jornal. Uma análise metodológica para a desmontagem dos noticiários televisivos. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia. Retirado 16:31, Junho 11, de 2012 de (<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/490.pdf>).
- Diogo, F. (2005). *A pobreza nos Açores: dos lugares comuns à investigação científica*. Comunicação apresentada no Congresso de Cidadania, Açores.

- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em Revista*, 24, 213-225.
- Elvas, S.; & Moniz, M. (2010). Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida. *Análise Psicológica*, 3 (XXVIII), 451-464.
- Erol, R.; & Orth, U. (2011). Self-esteem development from age 14 to 30 years: A longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101, 607-619.
- Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo. In J. Lima; & J. Pacheco (Orgs.), *Fazer investigação. Contributos para a elaboração de dissertações e teses*, 105-126. Porto: Porto Editora.
- Fawcett, S.; *et al* (1995). Using empowerment theory in collaborative partnerships for community health and development. *American Journal of Community Psychology*, 23 (5), 677-697.
- Fontaine, A. (1988). Práticas educativas familiares e motivação para a realização dos adolescentes. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 4, 13-30.
- Fontaine, A.; & Faria, L. (1989). Teorias pessoais do sucesso. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 5, 5-18.
- Fructuoso, G. (1981). Saudades da Terra, Livro 4º vol. II. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Gleitman, H. (1999). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Guimarães, D.; & Arraes, R. (2010). Atributos individuais, background familiar e as chaves de sucesso dos candidatos ao vestibular da UFC. *Contextos – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 8 (2), 81-94.
- Guimarães, H. (2002). A Escola, a recta e o círculo. *Educação e Matemática*, 70, 30-31.
- Hallam, E.; & Hockey, J. (2001). *Death, memory & material culture*. Oxford: Berg.
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3 (XXIV), 363-372.
- Krom, M. (2000). *Família e mitos – Prevenção e terapia: resgatando histórias*. São Paulo: Summus.
- Lebres, A. (1996). *Dimensões de personalidade e sucesso no trabalho*. Lisboa: Tese de Mestrado – Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Malaca, I. (2008). *Hiperactividade com défice de atenção: que soluções? Proposta de construção de um programa de formação de pais*. Lisboa: Tese de Mestrado – Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

- Martins, J.; & Belfo, F. (2010). Métodos de investigação qualitativa: estudos de casos na investigação em sistemas de informação. *Proelium - Revista da Academia Militar*, 14, 39-71.
- Marujo, H.; & Neto, L. (2011). *Felicidade*. Algés: Coca-Cola Portugal.
- Marujo, H.; Neto, L.; Caetano, A.; & Rivero, C. (2007). Revolução positiva: Psicologia positiva e práticas apreciativas em contextos organizacionais. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 13 (1), 115-136.
- Marujo, H.; & Neto, L. (2010). Psicologia Comunitária Positiva: Um exemplo de integração paradigmática com populações de pobreza. *Análise Psicológica*, 3 (XXVIII), 517-525.
- Maslow, A. (1954). *Motivación y personalidad*. Barcelona: Sagitario.
- McMillan, D.; & Chavis, D. (1986). Sense of community: a definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14, 6-23.
- Moniz, M. (2011). Censos 2011. *Diário dos Açores*. Retirado 15:22, Setembro 13, 2011 de (http://www.diariodosacores.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=10373:censos-2011&catid=51:actualidade&Itemid=22).
- Neto, F. (1998). *Psicologia Social, volume I*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Orford, J. (2008). *Community Psychology: challenges, controversies and emerging Consensus*. West Sussex: Wiley.
- Ornelas, J. (1997). Psicologia Comunitária: origens, fundamentos e áreas de intervenção. *Análise Psicológica*, 3 (XV), 375-388.
- Ornelas, J. (2008). *Psicologia Comunitária*. Lisboa: Fim de Século.
- Pajares, F. (2005). Self-efficacy during childhood and adolescence: implications for teachers and parents. In F. Pajares & T. Urdan (Eds.). *Self-efficacy beliefs of adolescents*. Greenwich, CT: Information Age Publishing
- Quaresma, S. (2010). *Excelência académica em estudantes no final do ensino secundário: contextos promotores*. Ponta Delgada: Tese de Mestrado – Universidade dos Açores.
- Rego, A. (2000). Os motivos de sucesso, afiliação e poder – Desenvolvimento e validação de um instrumento de medida. *Análise Psicológica*, 3(XVIII), 335-344.
- Rodrigues, A; Assmar, E.; & Jablonski, B. (2000). *Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.

- Rodrigues, S. (2008). Manual técnico do formando: “Empreendedorismo”. ANJE – Associação Nacional de Jovens Empresários e Eduweb. Retirado 18:22, Setembro 13, 2011 de (<http://www.anje.pt/system/files/items/73/original/Empreendedorismo-v10-final.pdf>)
- Rocha, D.; & Deusdará, B. (2005). Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajectória. *Alea*, 7 (2), 305-322.
- Salvador, R.; Marques, B. (2008). Fundo EFTA revisita Portugal: A estratégia de desenvolvimento de Rabo de Peixe. *Actas do 14º Congresso da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional*, 392-407. Retirado 16:06, Agosto 30, 2011 de (http://unl-pt.academia.edu/BrunoMPereiraMarques/Papers/128766/Fundo_EFTA_revisita_Portugal_a_Estrategia_de_Developimento_de_Rabo_de_Peixe).
- Sampaio, G. (2006). *Teorias do sucesso: empreendedorismo e felicidade*. São Paulo: Nobel.
- Santos, P. (2010). *Percursos de sucesso: Concepções de alunos do ensino profissional – um estudo na Escola Profissional de Capelas*. Ponta Delgada: Tese de Mestrado – Universidade dos Açores.
- Silva, R. (2009). *Factores protectores de jovens em risco face à gravidez na adolescência: um estudo em Rabo de Peixe*. Ponta Delgada: Tese de Mestrado – Universidade dos Açores.
- Souza, L.; Trindade, Z.; Coutinho, S.; & Menandro, M. (2007). Sentidos atribuídos ao sucesso pessoal e profissional em estudantes do ensino médio. *PSIC – Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 8 (1), 1-12.
- Sprinthall, N.; & Collins, W. (1999). *Psicologia do Adolescente: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sprinthall, N.; & Sprinthall, R. (1999). *Psicologia Educacional: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Vidal, A. (2007). *Manual de Psicología Comunitária: Un enfoque integrado*. Madrid: Ediciones Pirâmide.
- Weiner, B. (1979). A theory of motivation for some classroom experiences. *Journal of Educational Psychology*, 71 (1), 3-25.

- Weiner, B. (2000). Intrapersonal and interpersonal theories of motivation from an attributional perspective. *Educational Psychology Review*, 2 (1), 1-14.

ANEXOS

ANEXO 1

GUIÃO DE ENTREVISTA – 1ª fase do estudo

Questões do guião:
1. O que entendes por uma vida de sucesso?
2. Reconheces alguém com sucesso em Rabo de Peixe? Consegues dar-me alguns nomes? (Se não) Então pensa em alguém que tenha uma vida próxima duma pessoa com sucesso aqui em Rabo de Peixe? (Se não houver referências ainda) Porque achas que para ti não existem pessoas com sucesso em Rabo de Peixe?
3. (Se forem casos do passado) Achas que continuam a existir pessoas de sucesso actualmente na vila? Quem são? Podes dar alguns nomes?
4. Porque achas que essas pessoas têm sucesso?
5. Achas que foram pessoas que se esforçaram na vida? De que maneira se esforçaram?
6. São pessoas com capacidades e inteligentes?
7. Consegues fornecer-me exemplos concretos de êxito ou sucesso dessas pessoas? Achas que essas experiências de êxito levaram a que essas pessoas tivessem ainda mais sucesso?
8. E como acha que estas pessoas se sentiram antes dessas situações? E como se comportavam? Porque pensas que isso aconteceu?
9. Achas que essas pessoas se sentem integradas na vila ou sentem que pertencem à vila? Porquê?
10. Na vila, o que achas que incentiva/satisfaz essas pessoas? O que as faz viver aqui? O que lhes satisfaz em Rabo de Peixe? Porque é que essas pessoas gostam de Rabo de Peixe?
11. Essas pessoas costumam participar nas actividades da vila? Quais os seus papéis? O que fazem ou costumam fazer?
12. Achas que essas pessoas se identificam com a vila e com a população? Será que acham que Rabo de Peixe tem algo a ver com elas? Em que medida?
13. Sempre consideraste essas pessoas bem-sucedidas ou isso só aconteceu a partir de determinada ocasião?
14. Achas que o sucesso dessas pessoas se deveu a uma questão de interesse pessoal, isto é, procuravam alguma utilidade ou proveito naquilo que fizeram?

15. O sucesso dessas pessoas deveu-se a uma questão de sorte? Estava destinado? Porquê?
16. Essas pessoas tiveram a vida facilitada ou dificultada naquilo que fizeram?
17. Como são essas pessoas comparativamente aos outros? Consideras que essas pessoas foram influenciadas por alguém ou tiveram alguém como modelo?
18. E achas que têm sido elogiadas ou criticadas pelos outros? Que efeitos advêm daí para as suas vidas?
19. Como achas que são as relações familiares dessas pessoas? Acha que a família teve um papel importante para o sucesso destas?
20. E como achas que essas pessoas se relacionam com a restante população? Dão-se com os vizinhos? Têm amigos? Que papéis tiveram estas pessoas no sucesso destes indivíduos?
21. O que torna esta comunidade/sítio diferente das outras/os? Poderá isso estar relacionado com o sucesso dessas pessoas?
22. Em que medida achas que é importante estudar e destacar o sucesso existente na vila de Rabo de Peixe? Que vantagens podem advir daí/ O que de bom pode vir daí?

Nota: Aplicar o guião no singular, sempre que se justifique.

ANEXO 2

GUIÃO DE ENTREVISTA – 2ª fase do estudo

Questões do guião:
1. O que entende por um percurso de vida de sucesso?
2. Reconhece alguém bem-sucedido em Rabo de Peixe? Quem são?
3. (Se forem casos do passado) Acha que continuam a existir pessoas de sucesso actualmente na vila? Quem são?
4. Porque é que acha que as pessoas o indicaram como um indivíduo bem-sucedido?
5. Como classifica o seu nível de esforço na vida? De que modo se esforçou?
6. Fale-me um pouco das suas capacidades e competências. Acha que é uma pessoa capaz e inteligente?
7. Consegue fornecer-me exemplos concretos do seu êxito pessoal? Acha que essas experiências de êxito contribuíram para o seu sucesso actual?
8. E como se sente antes dessas situações, onde é colocado à prova? Como é que se comporta? Porque aconteceu isso?
9. Sente-se integrado na vila? Porquê?
10. Na vila, o que acha que o incentiva/satisfaz? O que lhe dá alento? O que o faz gostar de Rabo de Peixe?
11. Costuma participar nas actividades da vila? Esteve associado a grupos/movimentos associativos? Que papel costuma assumir?
12. É uma pessoa que se identifica com a vila e com a população?
13. Mediante o ponto de vista das pessoas que o rodeiam, acha que sempre o consideraram bem-sucedido ou isso só aconteceu a partir de determinada ocasião? O que mudou nessa ocasião?
14. Em tudo aquilo que fez e em todas as suas conquistas, o que é que lhe mais interessava? Quais as suas principais motivações?
15. Acha que os seus êxitos se deveram a uma questão de sorte? Estava destinado? Porquê?
16. Foi uma pessoa que teve a vida facilitada ou dificultada naquilo que fez?
17. Como se acha comparativamente às outras pessoas? Destacava-se em algo, perante os outros? Considera que foi influenciado por alguém ou teve alguém como modelo para se tornar naquilo que é hoje?
18. Acha que tem sido elogiado ou criticado pelas outras pessoas? Que efeitos advêm das críticas/elogios para a sua vida?
19. Como são as suas relações familiares? Acha que a sua família teve um papel importante no seu percurso de vida?
20. E como se relaciona com a restante população? Dá-se com os vizinhos? Tem amigos? Que

papéis tiveram estas pessoas na sua vida?

21. O que torna esta comunidade diferente das outras? Poderá isso estar relacionado com o seu sucesso?

22. Em que medida acha que é importante estudar e destacar o sucesso existente na vila de Rabo de Peixe? Que benefícios poderão advir daí?

ANEXO 3

TABELA DE ESPECIFICAÇÕES

Questão principal	Sub-questões	Dimensões	Categorias	Sub-categorias	Indicadores	Referências bibliográficas	Questões do guião
Quais as concepções dos jovens residentes de Rabo de Peixe acerca de percursos de vida de sucesso?	O que é considerado um percurso de vida de sucesso?	Caracterização do construto	Representações sociais de sucesso	Sentidos atribuídos aos percursos de vida de sucesso	Percurso associado ao sucesso profissional	Souza, Trindade, Coutinho & Menandro (2007)	O que entende por um percurso de vida de sucesso?
					Percurso associado ao sucesso baseado no cumprimento de objetivos/sonhos		
					Percurso associado ao sucesso financeiro		
					Percurso associado ao sucesso familiar		
					Percurso associado ao sucesso baseado na saúde física e mental		
					Percurso associado ao sucesso escolar e académico		
					Percurso associado ao sucesso baseado na promoção do bem para a sociedade		
					Percurso associado ao sucesso das relações sociais		
					Percurso associado ao sucesso baseado no gosto pelo que se faz		
					Percurso associado ao sucesso baseado na sorte		
					Percurso associado ao sucesso baseado na fama		
					Percurso associado ao sucesso baseado na posse de bens materiais ¹		
					Percurso associado ao sucesso emocional		
					Percurso associado ao sucesso a nível cultural		

¹ Entenda-se neste contexto “bens materiais” como tudo aquilo que se possui a nível material, excluindo o dinheiro, pois este está contemplado no indicador “percurso associado ao sucesso financeiro”.

	Quem são os indivíduos reconhecidos como bem-sucedidos em Rabo de Peixe?	Identificação e reconhecimento de elementos bem-sucedidos na comunidade	Identificação e reconhecimento de indivíduos bem-sucedidos na comunidade	Existência de exemplos de elementos bem-sucedidos na comunidade	(Nomes das pessoas)	Marujo, Neto, Caetano & Rivero (2007); Marujo & Neto (2010)	Reconhece alguém bem sucedido em Rabo de Peixe? Quem são?
	Continua a haver casos de sucesso?						(Se forem casos do passado) Acha que continuam a existir pessoas de sucesso actualmente na vila? Quem são?
	Que factores contribuem para o reconhecimento de/do seu sucesso?	Motivos conducentes à percepção de sucesso	Factores internos	Características da personalidade	Traços de personalidade do indivíduo em questão que o fazem parecer bem-sucedido.		Porque são estes indivíduos bem-sucedidos? (1ª fase)/ Quais os motivos que levaram os outros a considerá-lo uma pessoa bem-sucedida? (2ª fase)
				Ocupação	O que o indivíduo faz no âmbito da sua vida profissional que o faz parecer bem-sucedido.		
				Nível de educação	Atribuição de sucesso à escolaridade do indivíduo.		
				Evolução na vida	Atribuição de sucesso a uma evolução gradativa no percurso de vida.		
				Ações desempenhadas	O que o indivíduo faz em concreto que o faz parecer bem-sucedido.		
Factores Externos	Sucesso familiar	Implicação do êxito familiar no sucesso do indivíduo.					
	Que factores de natureza interna contribuem para o reconhecimento de/do seu sucesso?	Factores internos	Atribuições	Esforço dispendido	Esforço	Weiner (1979)	Foram pessoas que se esforçaram na vida? De que maneira se esforçaram? (1ª fase)/ Como classifica o seu nível de esforço na vida? De que modo se esforçou? (2ª fase)
					Inexistência de esforço		
			Capacidade	Capacidade	Weiner (1979)	São pessoas capazes e inteligentes? (1ª fase)/ Fale-me um pouco das suas capacidades e competências. Acha que é uma pessoa capaz e inteligente? (2ª fase)	
				Inexistência de capacidade			
Fontes de auto-eficácia	Experiências de mestria	Conquista de cargos e ocupações de destaque Fundação de grupos e	Bandura (1986; 1997); Pajares	Consegue fornecer-me um exemplo concreto de êxito dessas pessoas? Achas que			

					movimentos associativos Realização de festividades e eventos Contribuição para o bem da comunidade Conquistas académicas Empreendedorismo Entrada para o mercado de trabalho Reconhecimento da comunidade Conquistas profissionais Sucesso das relações sociais Responsabilidade pelo sucesso de familiares	(2005)	essas experiências de êxito levaram a que essas pessoas tivessem ainda mais sucesso? (1ª fase)/ Consegue fornecer-me exemplos concretos do seu êxito pessoal? Acha que essas experiências de êxito contribuíram para o seu sucesso actual? (2ª fase)		
			Estados psicológicos e fisiológicos	Ansiedade	Calma/Descontração	Bandura (1986; 1997); Pajares (2005)	E como acha que estas pessoas se sentiram antes dessas situações? E como se comportavam? Porque aconteceu isso? (1ª fase)/ E como se sente antes dessas situações? Como é que se comporta? Porque aconteceu isso? (2ª fase)		
				Sentimento de pertença ao local				Integração na comunidade Desintegração na comunidade	McMillan & Chavis (1986)
		Sentimento de Comunidade	Satisfação de necessidades	Proximidade às raízes	Bons serviços da localidade	McMillan & Chavis (1986)	Na vila, o que acha que incentiva/satisfaz essas pessoas? O que lhes dá alento? (1ª fase)/ Na vila, o que acha que o incentiva/satisfaz? O que lhe dá alento? O que o faz gostar de Rabo de Peixe? (2ª fase)		
								Proximidade à comunidade	Rejuvenescimento e dinamismo da população
								Proximidade às tradições	Dinamismo económico da comunidade
				Projectos alternativos à profissão				Proximidade ao local de trabalho	
			Participação e	Participação na comunidade		McMillan &	Essas pessoas costumam participar nas actividades da		

				envolvimento	Ocupação de cargos de destaque	Chavis (1986)	vila? Quais os seus papéis? (1ª fase)/ Costuma participar nas actividades da vila? Esteve associado a grupos/movimentos associativos? Que papel costuma assumir? (2ª fase)	
					Inexistência de participação na comunidade			
				Identificação com o local e com a comunidade	Identificação com o local e com a comunidade	McMillan & Chavis (1986)		
					Ausência de identificação com o local			
				Maturidade	Sempre foram bem-sucedidos (não mudou nada)	Burger & Cooper (1979)		Sempre considerou essas pessoas bem-sucedidas ou isso só aconteceu a partir de determinada ocasião? (1ª fase)/ Mediante o ponto de vista das pessoas que o rodeiam, acha que sempre o consideraram bem-sucedido ou isso só aconteceu a partir de determinada ocasião? O que mudou nessa ocasião? (2ª fase)
					Bem-sucedidos a partir de determinada ocasião (algo mudou)			
			Não é possível determinar					
			Interesse	Procura de reconhecimento e valorização	Santos (2010)			
				Contribuição para o bem da sociedade				
				Concretização de objectivos				
				Procura de lucro e produtividade				
				Agrado às pessoas				
Gosto pela tarefa								
Procura de descontração								
Ascensão na carreira profissional								
Procura de sucesso/realização pessoal								
Manutenção e sustentabilidade temporal de empresas/negócios criados								
Ambição								
Gosto pela arte								
Características desenvolvimentistas						Acha que o sucesso dessas pessoas se deveu a uma questão de interesse? (1ª fase)/ Em tudo aquilo que fez e em todas as suas conquistas, o que é que lhe mais interessava? Quais as suas principais motivações? (2ª fase)		

					Diferenciação pessoal		
					Melhoria do mundo		
					Ajuda à família		
					Gosto pela novidade/desafio		
					Gosto pela aprendizagem/saber		
					Desinteresse nas acções		
Que factores de natureza externa contribuem para o reconhecimento de/do seu sucesso?	Factores externos	Atribuições	Destino: Sorte/Azar	Sorte	Bar-Tal & Frieze (1977); Weiner (1979)	O sucesso dessas pessoas deveu-se a uma questão de sorte? Estava destinado? Porquê? (1ª fase)/ Acha que os seus êxitos se deveram a uma questão de sorte? Estava destinado? Porquê? (2ª fase)	
				Sorte e esforço			
				Não foi influência da sorte			
				Não foi influência da sorte, mas sim do esforço			
			Dificuldade	Dificuldades	Bar-Tal & Frieze (1977); Weiner (1979)		Essas pessoas tiveram a vida facilitada ou dificultada? (1ª fase)/ Foi uma pessoa que teve a vida facilitada ou dificultada naquilo que fez? (2ª fase)
				Facilidades e dificuldades			
				Facilidades			
				Não consegue responder			
		Fontes de auto-eficácia	Experiências vicariantes	Existência de modelos	(Pajares, 2005)	Como são essas pessoas comparativamente aos outros? Considera que essas pessoas foram influenciadas por alguém ou tiveram alguém como modelo? (1ª fase)/ Como se acha comparativamente às outras pessoas? Destacava-se em algo, perante os outros? Considera que foi influenciado por alguém ou teve alguém como modelo para se tornar naquilo que é hoje? (2ª fase)	
				Inexistência de modelos			
				Existência de destaque face aos outros			
				Inexistência de destaque face aos outros			
Persuasões/Pressões sociais	Elogios		(Pajares, 2005)	E acha que são elogiadas ou criticadas? Que efeitos advêm daí para as suas vidas? (1ª fase)/ Acha que tem sido elogiado ou criticado pelas outras pessoas? Que efeitos advêm das críticas/elogios para a sua vida? (2ª fase)			
	Críticas						
	Efeitos dos elogios						
	Efeitos das críticas						

			Comunidade	Relações interpessoais familiares	Aceitação e apoio da família	Fontaine (1988)	Como acha que são as relações familiares dessas pessoas? (1ª fase)/ Como são as suas relações familiares? Acha que a sua família teve um papel importante no seu percurso de vida? (2ª fase)
					Oposição e negligência da família		
				Relações interpessoais comunitárias	Auxílio e apoio da comunidade	Ornelas (2008)	E como acha que essas pessoas se relacionam com a restante população? Dão-se com os vizinhos? Têm amigos? (1ª fase)/ E como se relaciona com a restante população? Dá-se com os vizinhos? Tem amigos? Que papéis tiveram estas pessoas na sua vida? (2ª fase)
			Oposição e indiferença da comunidade				
			Características da comunidade	Características dos habitantes	Acker (1999); Costa (2003; 2005); Correia (2007); Salvador & Marques (2008); Moniz (2011)	O que torna esta comunidade diferente das outras? Poderá isso estar relacionado com o sucesso dessas pessoas? (1ª fase)/ O que torna esta comunidade diferente das outras? Poderá isso estar relacionado com o seu sucesso? (2ª fase)	
				Estigma			
				Características demográficas			
				Características culturais			
				Características geográficas			
				Boa empregabilidade do local			
				Dinamismo a nível de projectos			
				Sotaque/pronúncia diferente			
				Relações sociais peculiares			
				Sentimento de pertença ao local			
				Factores históricos			
			Boas infraestruturas/equipamentos				
			Problemas sociais				
Quão importante é para a comunidade de Rabo de Peixe estudar e destacar o sucesso existente na vila?	Importância do destaque do sucesso na comunidade	Mais-valias do destaque do sucesso	Ganhos associados ao destaque de sucesso	Valorização da imagem pública do local	Marujo, Neto, Caetano & Rivero (2007); Marujo & Neto (2010)	Em que medida é importante estudar e destacar o sucesso existente na vila de Rabo de Peixe?	
				Promoção do orgulho comunitário			
				Atração de indivíduos ao local			
				Destaque de referências de sucesso que podem servir de modelos a seguir no futuro			
				Promoção do optimismo			
				Geração de um motor de			

				desenvolvimento		
				Promoção cultural do local		
				Promoção do estudo e do bom desempenho académico		
				Promoção do sucesso da comunidade		
				Promoção do bem-estar psicológico		
				Promoção da autoestima		